



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS-IREL/UnB**

AMANDA OLIVEIRA PERES TORELLY

**Paradiplomacia como agente de políticas públicas e instrumento para a consolidação de  
*soft power*: o caso da parceria Reino Unido-Brasil para aprendizagem do inglês no  
ensino fundamental**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Brasília-DF  
2023

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS-IREL/UnB**

AMANDA OLIVEIRA PERES TORELLY

**Paradiplomacia como agente de políticas públicas e instrumento para a consolidação de  
*soft power*: o caso da parceria Reino Unido-Brasil para aprendizagem do inglês no  
ensino fundamental**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, como requisito optativo à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Professora Tânia Manzur

Brasília-DF  
2023

AMANDA OLIVEIRA PERES TORELLY

**Paradiplomacia como agente de políticas públicas e instrumento para a consolidação de *soft power*: o caso da parceria Reino Unido-Brasil para aprendizagem do inglês no ensino fundamental**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, como requisito optativo à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof. Tânia Manzur

Aprovado em 05/07/2023

**Banca Examinadora**

---

**Prof. Tânia Manzur**

Orientadora

Instituto de Relações Internacionais  
Universidade de Brasília

---

**Prof. Carolina de Abreu Batista Claro**

Integrante da banca examinadora

Instituto de Relações Internacionais  
Universidade de Brasília

---

**Prof. Luiz Daniel Jatobá França**

Integrante da banca examinadora

Instituto de Relações Internacionais  
Universidade de Brasília

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a meus pais que me deram toda condição, amor e apoio para que eu chegasse até aqui, que sempre me incentivaram a fazer o meu melhor e acreditaram em mim quando nem eu mesma acreditava. Obrigada por tudo, essa conquista é minha, mas os louros são nossos.

Agradeço também a professora Tânia que me ensinou tanto ao longo da graduação e foi uma orientadora fantástica. Obrigada por ter me ajudado a navegar nas dúvidas, nos desassossegos dessa vida e ter acreditado nas minhas ideias.

Deixo também meu agradecimento aos colegas da graduação que fizeram essa trajetória ser mais leve, expandindo meus horizontes, dividindo desde os bons momentos às crises acadêmicas, sou muito grata por todas as trocas.

Por último, mas não menos importante, agradeço a meu grande mentor na trajetória das R.I, meu padrinho, que desde o ensino médio instigou minha curiosidade para as possibilidades do mundo lá fora, me aconselhou, me guiou e me ensinou a sonhar alto sempre. Obrigada por estar presente nos momentos mais importantes desse caminho.

## RESUMO

Com o advento da globalização a paradiplomacia tem se tornado um fenômeno cada vez mais comum no Brasil, tendo em conta a maior pluralização da arena internacional que passa a incorporar atores não tradicionais nas atividades de política externa a nível subnacional. Diante disso, buscou-se comprovar se a paradiplomacia tem sido de fato instrumento promotor de desenvolvimento no País e para tal, analisou-se estudo de caso acerca de uma iniciativa paradiplomática empreendida entre o Reino Unido e agentes subnacionais brasileiros, o programa *Skills for Prosperity*. Postulando-se a ideia de que essa atividade paradiplomática tem-se mostrado como instrumento de promoção e melhoria de políticas públicas de ensino de língua estrangeira no Brasil, referentes ao ensino do inglês no Ensino Fundamental II. Tendo sido comprovado por intermédio da análise dados acerca do impacto do referido programa, que ele por sua vez contribui para otimização das políticas públicas existentes, atuando na democratização do acesso ao ensino de qualidade, na capacitação de jovens e de professores, ao mesmo tempo que beneficia o país aplicador do programa, ao fortalecer seu *soft power* no Brasil.

**Palavras Chave:** paradiplomacia; *soft power*; política pública; *Skills for Prosperity*.

## ABSTRACT

With the advent of globalization, paradiplomacy has become an increasingly common phenomenon in Brazil, considering the greater pluralization of the international arena that now incorporates non-traditional actors in subnational-level foreign policy activities. In light of this, the aim of this study was to verify whether paradiplomacy has indeed been a promoter of development in the country. To accomplish this, a case study of a paradiplomatic initiative undertaken between the United Kingdom and Brazilian subnational agents, known as the Skills for Prosperity program was analyzed. The hypothesis posited in this research is that this paradiplomatic activity has proven to be an instrument for the promotion and improvement of foreign language education policies in Brazil, specifically regarding English language teaching in the lower secondary education level. Through the analysis of data on the impact of the aforementioned program, it has been demonstrated that it contributes to the optimization of existing public policies, fostering the democratization of access to a quality education, as well as the training of young individuals and teachers. Simultaneously, it benefits the implementing country by strengthening its soft power in Brazil.

**Keywords:** paradiplomacy; *soft power*; public policy; *Skills for Prosperity*

### **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Comparativo diplomacia tradicional e paradiplomacia.....	24
Tabela 2: Quantitativo de livros impressos por estado.....	44

### **LISTA DE FIGURAS**

Gráfico 1: Percentual dos alunos com proficiência em cada nível da escala CERF.....	27
Gráfico 2: Distribuição do percentual de alunos com a nota A2 ou superior por estados.....	28
Gráfico 3: Indicador de autopercepção da habilidade.....	29
Gráfico 4: Percentual de respostas dadas pelos entrevistados.....	38

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ARF	Assessoria de Relações Federativas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BC	<i>British Council</i>
CEFR	Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas
CGLU	Cidades e Governos Locais Unidos
COP	Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas
DBT	Department for Business and Trade
EF II	Ensino Fundamental II
ELF	Inglês como Língua Franca
FCDO	<i>UK's Foreign, Commonwealth &amp; Development Office</i>
FONARI	Fórum Nacional de Secretários e Gestores Municipais de Relações Internacionais
FPA	<i>Foreign Policy Analysis</i>
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LIFT	<i>Language Improvement for Teachers</i>
PUCSP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
ODA	Overseas Development Assistance
ONGs	Organizações não Governamentais
SPF	<i>Skills for Prosperity</i>
UK	<i>United Kingdom</i>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
Problemática.....	15
<b>PARTE I - REFERENCIAL HISTÓRICO, TEÓRICO E CONCEITUAL.....</b>	<b>16</b>
A paradiplomacia em perspectiva histórica.....	19
Diferenciação de diplomacia tradicional e paradiplomacia.....	23
<b>PARTE II- ENTENDENDO O PROGRAMA SFP E SUA NECESSIDADE.....</b>	<b>26</b>
Déficits do ensino de inglês no Brasil.....	26
A importância da língua inglesa como língua franca em países em desenvolvimento.....	31
O Skills for Prosperity.....	32
Quesitos de inovação.....	37
Percepção dos funcionários.....	38
<b>PARTE III. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>42</b>
Resultados para o Reino Unido.....	42
Impactos da parceria no Brasil.....	44
<b>PARTE IV. PARADIPLOMACIA,SOFT POWER E OTIMIZAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS.....</b>	<b>46</b>
Aprendizagem do inglês como política pública.....	46
Relação entre paradiplomacia soft power e políticas públicas.....	48
Papel da paradiplomacia como consolidador de políticas públicas.....	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>56</b>



## Introdução

Em se tratando das relações internacionais, costumeiramente é evocada a figura do Estado nacional como agente central, entretanto o sistema internacional é dotado de complexidade muito maior do que apenas interações entre Estados. A perspectiva realista<sup>1</sup> das Relações Internacionais, dominou o cenário epistemológico de estudos sobre o sistema internacional durante a maior parte do final do século XIX e a grande parte do século XX, conforme exposto por Jatobá, (2013, p. 18) em sua obra sobre a Teoria das Relações Internacionais, e entre as premissas deste paradigma teórico, está a prevalência do Estado como ator central, a racionalidade dele e o entendimento de outros atores como epifenômenos. Porém, é evidente que ele tem sido influenciado por outros paradigmas que passaram a incorporar atores diversos como agentes relevantes das Relações Internacionais, e o Estado-nação deixa de ser visto como unidade exclusiva de análise.

As correntes pluralistas, por exemplo, questionam essa visão do Estado como ator unitário e evocam o papel de outros agentes como organizações internacionais, entes subnacionais, empresas multinacionais, grupos não governamentais e indivíduos, que participam da política internacional, dentro de uma lógica que identifica que o poder não está concentrado exclusivamente nos Estados, mas também é distribuído entre diferentes atores, cada um buscando promover seus próprios interesses. A esse propósito, Paul Viotti e Mark Kauppi, por exemplo, autores que se dedicaram a fazer uma análise do paradigma pluralista, evidenciam que o Estado não deve ser tratado como ator unitário e que os diferentes agentes mencionados acima podem ter papel e influência ativa nos rumos da política internacional, bem como possuem interesses e valores diferentes, e que o conflito e a cooperação entre esses atores são elementos essenciais da política global (VIOTTI; KAUPPI, 1999, p. 7-8). Essa perspectiva pluralista nos impele a estudar a paradiplomacia – marcada pela atuação de agentes paraestatais ou subnacionais, como veremos a seguir – como foco de análise e tema principal deste trabalho.

---

<sup>1</sup> Corrente de pensamento desenvolvida por estudiosos das Relações Internacionais, que assim como as outras perspectivas existentes materializa os estudos sobre fenômenos internacionais utilizando-se da elaboração de teorias que buscam explicar os fenômenos estudados. O paradigma realista insere-se em uma tradição de pensamento que remonta a autores desde a Grécia Antiga até a atualidade e resumidamente possui premissas como: Estado como ator unitário, sistema internacional como anárquico, visão pessimista da natureza humana, centralidade da guerra e da segurança nacional; (JATOBÁ, 2013, p.1-30). É evidente que essa corrente teórica é muito mais complexa do que o apontado, e possui diversas abordagens como, por exemplo, realismo estrutural, realismo político, realismo clássico, entre outras, entretanto não é fito deste trabalho se debruçar extensivamente sobre a mesma.

Nesse sentido, os processos de mudança do sistema internacional nas últimas décadas oriundos da globalização, evidenciaram a inclusão de novos atores como participantes ativos envolvidos na Política Externa nacional, marcadamente com a maior participação desses novos agentes nos processos de poder decisório e nas dinâmicas de cooperação da arena internacional. Logo, a negociação e os fluxos que ocorrem fora da esfera nacional tornam-se costumeiros e são de ampla importância na economia global da atualidade, a qual é cada vez mais interdependente, conforme exposto por Viotti e Kauppi (1999).

Dessa forma, a partir desse processo de diversificação dos participantes na política externa descrito por Maria Ribeiro como contínua internacionalização das políticas tradicionalmente concebidas como políticas públicas domésticas (RIBEIRO, 2009, p. 15), a diplomacia, convencionalmente percebida como a interação entre nações (SATOW, 1958), passou a se tornar muito mais complexa e a política externa passou a acontecer em uma arena mais diversa e deixou de ser influenciada unicamente pelos Estados.

Ou seja, para além da diplomacia conduzida entre as nações, os entes subnacionais que são agentes não tradicionais das relações internacionais, passaram a envolver-se cada vez mais em intenso processo de internacionalização sem necessitarem da mediação federal; assim como exposto por Borja e Castells (1977) esses novos atores passaram a ter crescente relevância nos rumos da política externa dos países a nível subnacional. Esse processo de envolvimento direto de entes subnacionais no planejamento e execução da política externa dos países é, grosso modo, conhecido como paradiplomacia, e será detalhado em seu histórico e fundamentos posteriormente neste trabalho (BORJA, CASTELL, 1977 apud RIBEIRO, 2009, p. 19).

No contexto de emergência desse fenômeno, sua notoriedade no Brasil se torna evidente quando se constata que municípios e estados brasileiros têm-se beneficiado cada vez mais de parcerias com outras nações nos mais diversos setores, como infraestrutura, educação, saúde, e sustentabilidade, tendo em vista os benefícios da paradiplomacia de se adequar às necessidades locais, dispor de maior flexibilidade em sua implementação, maior facilidade na transferência de recursos e entre outras vantagens destacadas por Ribeiro (2009, p. 35), como a maior integração nacional, a redução das disparidades regionais e o fortalecimento da democracia, temática que será aprofundada posteriormente neste trabalho.

Como parte de iniciativas de paradiplomacia que têm apresentado relevância no Brasil pelo número de parcerias com entes da federação e pelos resultados obtidos até o momento – dos quais trataremos em estudo de caso neste trabalho – temos o programa *Skills for Prosperity (SFP)* que é uma iniciativa do governo britânico lançada em 2018, que dispõe de um orçamento total de aproximadamente £75 milhões e é executada pelo *UK's Foreign, Commonwealth & Development Office (FCDO)*. É um programa que tem como foco nove países: Brasil, Egito, Indonésia, Quênia, México, Nigéria, África do Sul, Filipinas e Ucrânia.

Seu objetivo é melhorar a qualidade da educação, promover habilidades estratégicas e treinamento nos países em desenvolvimento, com enfoque em ações que promovam crescimento econômico. Ademais, é um programa que se desdobra em diversas áreas, conforme a necessidade de cada país, e entre essas áreas estão habilidades digitais, empreendedorismo e capacitação em áreas emergentes como energia renovável, mercados digitais, indústrias criativas e idiomas, sendo este último o enfoque específico do programa no Brasil.

Este trabalho tem como premissa questionar-se sobre a potencial relevância da paradiplomacia no Brasil no âmbito da educação, e compreende o *Skills for Prosperity* como um programa chave para fundamentar a hipótese de que a paradiplomacia tem-se mostrado como instrumento de promoção e melhoria de políticas públicas de ensino de língua estrangeira no Brasil, devido a seu potencial de otimizar as ações existentes referentes ao ensino do inglês no Ensino Fundamental II (EF II) e ampliar o acesso a ensino de qualidade do idioma, o que por sua vez contribui para capacitação de jovens, ao mesmo tempo que beneficia o país aplicador do programa, Reino Unido, ao consolidar seu *soft power* no Brasil, conforme procuraremos demonstrar ao longo do trabalho.

Dessa forma, o referido programa mostra-se então como ilustrativo de tal proposição da paradiplomacia como impulsionador de melhorias nas políticas públicas do país que a executa, a partir da análise dos dados quanto a sua implementação e seus impactos durante o seu período de realização no Brasil, entre 2020 e 2023, os quais demonstram o potencial da paradiplomacia em aprimorar o ensino do inglês no País.

Em decorrência da análise proposta, é evidente que emergem questionamentos acerca do tema, como, por exemplo, entender em que extensão se manifesta esses efeitos da paradiplomacia, e se eles são visíveis no curto período de realização do programa, ou são

resultados a longo prazo. Entretanto, a pergunta central desta pesquisa, visa estabelecer se a paradiplomacia no Brasil é de fato relevante, mensurando-se em termos de seu impacto no ensino do inglês, e entender quais características da paradiplomacia em comparação à diplomacia tradicional poderiam ser responsáveis por esse efeito otimizador que ela tem sobre as políticas públicas do ensino de inglês, à luz do estudo de caso em questão. Ou seja, quais vantagens o formato de aplicação do SFP (sendo uma cooperação paradiplomática) proporcionou em termo de sua otimização das políticas públicas.

Frente ao panorama apresentado, entende-se a pertinência da pesquisa proposta ao ter em conta que a paradiplomacia é um fenômeno cada vez mais presente na realidade do sistema internacional globalizado e multipolar, em especial no Brasil, portanto, uma tentativa de avaliação acerca de eventuais impactos positivos da paradiplomacia no que tange à complementação de políticas públicas e ao aumento de sua eficiência pode se provar ação muito valiosa como exemplificação da importância das formas não tradicionais de relações entre entes do sistema internacional.

Acredita-se que uma pesquisa como esta, que enfoca a paradiplomacia como instrumento para consolidação de *soft power* e agente de políticas públicas, pode trazer importantes contribuições para o entendimento da dinâmica das relações internacionais entre países e entes subnacionais e como elas podem ser vantajosas para ambos os agentes envolvidos, além de evidenciar o papel que essas relações desempenham na construção do *soft power* de um país.

Além disso, a pesquisa pode ajudar a identificar como políticas públicas de ensino de línguas estrangeiras no Brasil têm sido afetadas por essa parceria, como a aprendizagem do inglês no ensino fundamental pode ser um fator decisivo para o desenvolvimento profissional de jovens brasileiros, e como a paradiplomacia pode ser uma ferramenta importante para a maior eficiência na implementação de políticas públicas. Portanto, o presente estudo pode ser justificado pela sua relevância na compreensão da relação entre paradiplomacia, *soft power* e políticas públicas, bem como pela sua importância na identificação de oportunidades para o desenvolvimento do ensino de línguas estrangeiras no Brasil e para a consolidação das relações internacionais entre países e entes subnacionais.

À luz da problemática exposta, o presente estudo pretende analisar a dinâmica de atuação do fenômeno da paradiplomacia no Brasil, visando compreender suas características e

efeitos no país, em especial no escopo do projeto *Skills for Prosperity* a fim de testar e ilustrar, de forma racional e empírica, a hipótese proposta.

Em consonância a tal propósito, o presente trabalho se propõe e delimitar como objetivos específicos: responder de maneira objetiva aos questionamentos propostos, demonstrar a importância crescente do fenômeno da paradiplomacia no Brasil e explorar suas implicações, problemáticas e vantagens, bem como construir um arcabouço teórico-conceitual delimitando a conceituação dos termos mencionados a fim de que se compreenda com clareza a distinção entre a diplomacia tradicional e a paradiplomacia, bem como a relação entre esse fenômeno e o *soft power* e as políticas públicas de ensino, utilizando-se do caso selecionado. Juntamente a isso, pretende-se aqui explorar de maneira extensiva a atuação do projeto (SFP) e constatar qual foi seu impacto nas redes estaduais contempladas concomitantemente a concatenar dados relevantes à produção de uma argumentação orientada a responder à pergunta de pesquisa.

Tendo em vista que o presente estudo utiliza-se de conceitos multidisciplinares como políticas públicas, *soft power* e paradiplomacia, os quais tangenciam dimensões de Análise de Política Externa, Ciências Sociais, Ciências Políticas e Relações Internacionais, e são conceitos que envolvem teoria e prática, os referidos conceitos demandam abordagens amplas e multidimensionais a fim de se explorar a hipótese proposta à luz dessas conceituações. Para tanto, são utilizadas metodologias mistas, que combinam métodos qualitativos e quantitativos a fim de dar inteligibilidade e coerência à interpretação dos dados coletados. Isso porque, conforme exposto por John W. Creswell, há uma vantagem na utilização de metodologias mistas, pois elas fornecem uma visão mais ampla da questão estudada, tendo em vista que a abordagem qualitativa é útil para explorar a subjetividade dos fenômenos, e investigar as teorias envolvidas na problemática, enquanto a quantitativa é valiosa para testar hipóteses, medir variáveis e obter dados numéricos para análise estatística (CRESWELL, 2018).

Foi primeiramente realizada uma revisão de literatura acerca dos conceitos e métodos de pesquisa utilizados, bem como da produção teórica já existente acerca da problemática, aos moldes do tipo de revisão estabelecida por Fink (2010) e Heart (1998), que estabelecem a necessidade de realizar uma seleção criteriosa de fontes, as quais devem ser organizadas de maneira coerente, abrangentes, críticas e relevantes. Foram também conduzidas pesquisas em fontes primárias de dados, por meio da coleta de informações de relatórios de impacto do FCDO sobre o programa, de dados coletados pelo Observatório da Língua Inglesa e pelo

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)<sup>2</sup>, além de demais documentos relevantes.

Cabe o esclarecimento de que a fim de respeitar a segurança e o sigilo do Governo do Reino Unido e das demais instituições envolvidas no programa, os relatórios supramencionados não são de domínio público, levando em conta que os resultados do programa *Skills* ainda estão sendo processados e avaliados devido ao prazo recente de finalização do programa, portanto os mesmos foram consultados como fontes primárias, após autorização da organização, mas ainda não podem ser disponibilizados oficialmente para fins de conferência. Caso haja necessidade de consulta dos referidos relatórios, eles serão divulgados em um prazo de cinco anos nos portais de transparência do Reino Unido quando os dados do programa se tornarem oficialmente públicos.

Ademais, a metodologia baseia-se também em entrevistas pré-estruturadas, realizadas com funcionários da Embaixada Britânica em Brasília e do *British Council*, envolvidos no programa, para produção de análises de conteúdo de discursos conforme proposto por Bardin<sup>3</sup>, (1977), além da produção de gráficos e tabelas, que serão aliadas a outras instrumentações explicativas relevantes, de forma a construir uma trilha de evidências e investigação dos efeitos concretos do SFP.

Cabe mencionar que as mencionadas entrevistas foram conduzidas em acordo com os critérios propostos por Gubrium, Holstein, Marvasti e McKinney orientando-se pelo Guia de condução de entrevistas como método de pesquisa produzido e editado por esses autores, ou seja, seguindo os critérios de planejamento, conexão com interlocutor, flexibilidade, escuta ativa, ética, respeito à privacidade e análise reflexiva dos dados (GUBRIUM et al. 2012) visando a qualidade e celeridade da coleta de dados.

Ademais, tais entrevistas foram organizadas em sete perguntas estruturadas, devido ao ímpeto de coleta de discursos e visões sobre o tema da maneira mais objetiva possível, com o fito de possibilitar certo nível de comparação e construção de relações entre as respostas dos participantes, as quais serão analisadas ao longo do trabalho como forma de ilustração dos

---

<sup>2</sup> O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira foi criado em 1937 como uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC). É o órgão federal responsável pelas evidências educacionais e atua em três esferas: avaliações e exames educacionais; pesquisas estatísticas e indicadores educacionais; e gestão do conhecimento e estudos (GOV BR, 2020).

<sup>3</sup> O autor compreende que a análise de conteúdo de discurso é um recurso metodológico que passa por três fases fundamentais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (Bardin, 1977, p. 91-101).

argumentos centrais e estarão disponíveis para consulta nos apêndices do presente trabalho; foram, para esta finalidade, entrevistados oito funcionários com diferentes níveis de envolvimento com o programa e o roteiro das perguntas estará também disponível para consulta nos apêndices.

Outra consideração relevante é que para fins de proteção da identidade dos participantes, todos eles optaram por divulgar apenas sua posição ocupada na organização, mas não seu nome, por tal motivo todos os depoimentos mencionados serão referidos apenas pelos cargos ocupados pelos entrevistados.

Adicionalmente, considerando-se o âmbito qualitativo da análise, foi sistematizado o estudo de caso relativo ao *Skills for Prosperity*, que delimita como exemplificação a parceria realizada no escopo do programa, evidenciando-se sua relevância dentro do panorama argumentativo explorado, a fim de interpretar os dados coletados sobre o programa no intuito de ilustrar seu impacto, em comprovação da hipótese. Sabe-se que o estudo de caso é uma metodologia relevante para o escopo qualitativo de análise, tendo em vista que compõe o instrumental teórico que permite a compreensão fenômenos e, neste caso, visa analisar o papel da paradiplomacia servindo como ilustrador da hipótese proposta, e visando fornecer evidências concretas para suportar ou refutar os argumentos defendidos. Para tal, os moldes para uso dessa metodologia serão instruídos pela teoria de Robert K. Yin, que fornece diretrizes sobre como conduzir um estudo de caso de qualidade<sup>4</sup> (YIN, 2014).

### **Problemática**

Em razão do panorama exposto, este trabalho pretende avaliar se a paradiplomacia pode de fato oferecer instrumentos complementares que concedam maior eficiência e favoreçam o desenvolvimento e o incremento do ensino de inglês no ensino fundamental no Brasil, à luz do programa SFP como exemplo desse tipo de ação, testando a hipótese de que ações implicadas em movimentos de paradiplomacia podem ser eficazes em promover mudanças ou melhorias nas políticas públicas da área de educação, e devem ser estimuladas, demonstrando como a paradiplomacia pode atuar na promoção do bem-estar social e da cooperação no sistema internacional.

---

<sup>4</sup> Para o referido autor um estudo de caso precisa de rigor no processo de coleta e análise de dados, atenção ao perigo das generalizações, diálogo com a teoria, consulta a diversas fontes e validade interna e externa (YIN, 2014).

Portanto, no contexto supramencionado, para alcançar os objetivos delineados anteriormente, este trabalho será desenvolvido em quatro partes, sendo a primeira o referencial teórico conceitual e histórico, cujo intuito é apresentar e explorar os principais conceitos e teorias que fundamentam este trabalho, bem como o arcabouço histórico no qual esses conceitos e teorias se inserem.

Além disso, é relevante tecer o esclarecimento de que para fins de compreensão da terminologia “agente” utilizada no presente trabalho, cabe o esclarecimento de que ela parte de um paralelo estabelecido com a compreensão sobre diplomacia tradicional da teoria de *Foreign Policy Analysis* (FPA) a qual considera que política externa é uma política pública (SANCHEZ et al. 2006) e que a diplomacia é entendida como o “braço agente” dela, conforme indica Amado Cervo (2008). Ou seja, apesar de tratar-se de uma análise da ação da paradiplomacia, que precisa ser diferenciada da diplomacia tradicional (diferenciação essa que será melhor explorada no desenvolvimento da pesquisa), serão absorvidos elementos da teoria da FPA para melhor ilustração da atuação desse mecanismo de interação entre Estados estrangeiros e agentes subnacionais, mas é necessário que se evidencie que isso não implica em uma visão da paradiplomacia que seja necessariamente ligada à ação estatal. Adicionalmente, far-se-á um breve histórico detalhado da paradiplomacia, juntamente a uma diferenciação conceitual e prática entre paradiplomacia e a diplomacia tradicional.

Na segunda parte, se desenvolverá uma contextualização acerca da problemática estudada, além de aprofundar-se no entendimento específico do programa *Skills for Prosperity* e de seu funcionamento e impactos nesse contexto descrito. Ademais, a terceira parte irá contemplar a análise dos resultados da presente pesquisa, buscando comprovar a hipótese acima referida. Já a quarta parte, por fim, dissertará sobre relação entre paradiplomacia, *soft power* e políticas públicas à luz do programa em análise. Há que se notar que o estudo de caso em tela deverá oferecer instrumentos ilustrativos e indicadores de comprovação da hipótese aventada.

Com base no exposto, é possível sintetizar que a presente introdução visou fornecer uma visão geral da temática estudada e apresentar a estrutura e componentes do estudo. Para dar continuidade ao trabalho, a próxima seção, que é a primeira parte de quatro, explorará em profundidade o referencial histórico, teórico e conceitual utilizado na pesquisa.



## **PARTE I - Referencial histórico, teórico e conceitual**

Para a construção de um entendimento acerca da problemática estudada no presente trabalho é importante situar conceitualmente os termos utilizados, a fim de entender como eles se encontram interconectados e como eles interagem no escopo das Relações Internacionais.

Constata-se que a definição de política pública na literatura existente revolve sempre ao redor do Estado como ator central, mas dentro dessa percepção consensual cada teórico enfatiza aspectos diferentes dessa ação estatal. Laswell, por exemplo, descreve o conceito a partir de uma lente de ação pragmática, entendendo políticas públicas como "decisões tomadas por autoridades governamentais em relação a cursos de ação a serem seguidos em relação a problemas específicos que afetam a sociedade em geral" e as analisa partir de questionamentos críticos sobre quem ganha o quê, por quê e que diferença faz, com relação a essas decisões (LASWELL, 1958). Peters, a seu turno, de maneira análoga, compreende as políticas públicas como a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou por delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos (PETERS, 1986).

Em contraponto, há autores com uma visão que destaca a intencionalidade da ação como Secchi, Souza Coelho e Pires (2019) os quais entendem que a política pública é uma diretriz elaborada para enfrentar um problema público, a partir de dois elementos fundamentais para sua elaboração: a intencionalidade pública e sua resposta gerada ao problema público. Thomas Dye, por outro lado, concede enfoque à discricionariedade governamental tendo em vista que para ele a definição seria "o que o governo escolhe fazer ou não fazer" (DYE, 1984).

Entretanto, a partir das conceituações exploradas, o conceito de política pública que será utilizado no presente trabalho compreende uma síntese entre as visões de Secchi, Souza Coelho e Pires (2019) e Laswell (1958) tendo em vista que será entendida como diretrizes e decisões para enfrentamento de problemas públicos, considerando as dimensões de resposta e intencionalidade, bem como o impacto que essas ações possuem e a quem são direcionadas.

Ademais, tendo em vista que a ideia central do trabalho entrelaça a realização de políticas públicas à paradiplomacia, é fulcral que se esclareça o que se compreende por esse fenômeno e, porque ele se distingue da diplomacia tradicional, considerando-se que a política pública é tradicionalmente associada ao papel do Estado e à atuação da diplomacia na arena

internacional. Em tempo, a ideia defendida aqui busca evidenciar que a paradiplomacia não é necessariamente ligada apenas ao âmbito estatal e às políticas públicas, mas pode atuar na interação ou complementação entre elas como ente subsidiário. É relevante, portanto, conhecer o conceito de paradiplomacia e as possibilidades de aplicação de tal conceito em análises que abarquem políticas públicas e atuação de agentes paraestatais ou subnacionais.

A definição mais clássica de paradiplomacia foi cunhada por Panayotis Soldatos, que a entende como atividades internacionais realizadas por entidades subnacionais que apoiam, complementam, corrigem, duplicam ou desafiam a diplomacia tradicional; o prefixo “para” é usado por Soldatos para indicar o uso da diplomacia fora do âmbito do Estado-nação, ou em paralelo a ele. Essa é uma definição muito útil, por evidenciar que a paradiplomacia aconteceria então à margem da diplomacia tradicional, mas que ela possui papel potencialmente transformador, podendo ser complementar ou não, ações do executor tradicional da política externa nacional (SOLDATOS, 1993 apud NUNES, 2005, p. 23).

Ivo Duchacek, que é também um dos autores pioneiros na temática, delineou a definição como referente às atividades dos atores subnacionais que envolvem a busca de relações internacionais próprias, independentes e diretas de forma autônoma com relação a governos centrais. Ademais, outro ponto central da visão desse autor foi o modelo de análise para a paradiplomacia elaborado por ele, que inclui quatro dimensões: atividades internacionais, agentes, impacto e relacionamentos; esse é, a propósito, um modelo importante para descrever e analisar as diferentes formas na qual a paradiplomacia se manifesta, seja influenciando as relações exteriores domesticamente, ou em formatos de cooperação transfronteiriça ou na manutenção de relações diretas com outros Estados (DUCHACEK, 1990, p.1-30).

Em se tratando de uma perspectiva brasileira sobre a paradiplomacia, Ribeiro define o conceito como “o fenômeno social da inserção internacional de entidades subnacionais” e desenvolve uma análise bastante abrangente sobre a paradiplomacia, associando-a ao fenômeno da globalização e compreendendo que se trata de um fenômeno de caráter intensivo, extensivo e permanente, delineando-o como uma mudança estrutural no sistema internacional. Essa autora, portanto, ademais de delinear o conceito, entende que a ação paradiplomática não é uma manifestação pontual e que sua ocorrência vem evoluindo e se desenvolvendo cada vez mais (RIBEIRO, 2009, p. 33-35).

Haja vista os conceitos expostos, é necessário que se esclareça que a paradiplomacia insere-se nas relações internacionais de forma distinta da diplomacia comum; nesse sentido, essa diferenciação será elaborada e desenvolvida a fundo em outra seção deste trabalho para que se compreendam as diferenças fundamentais entre elas.

Portanto, diante das diferentes perspectivas e dimensões ressaltadas, a definição que será adotada no trabalho para referir-se a paradiplomacia será uma síntese das visões de Soldatos e Duchacek, compreendendo a paradiplomacia como ação autônoma de internacionalização de atores subnacionais, que ocorre fora da estrutura diplomática tradicional centrada no Estado-Nação.

Essa escolha epistemológica justifica-se na medida em que a definição de Duchacek dá ênfase ao caráter autonomista da paradiplomacia, o que se alinha à expressão da atividade paradiplomática ressaltada no estudo de caso selecionado, da mesma maneira que Soldatos destaca o aspecto subnacional, evidenciando que é uma atividade que acontece fora do tradicional centro executor da política externa. Esclarece-se ainda, que as diversas nuances desse conceito serão mais bem exploradas na subseção deste capítulo que se dedica ao entendimento do fenômeno paradiplomático.

Cabe agora nesta seção tratar do conceito de *soft power*, cujo principal desenvolvedor e divulgador é Joseph Nye, autor que associa esse poder dentro das dinâmicas de estratégia do sistema internacional à capacidade de influenciar a vontade do outro; trata-se, para Nye, de um processo para além de uma persuasão, que envolve tornar atrativo e relevante o que um país tem a oferecer, fazer com que outrem queira replicar seus valores, sua cultura, sua ideologia (NYE, 2005);

Outra visão relevante sobre poder nas relações internacionais que destaca a importância do poder brando, é a de Fred Halliday que afirma que os Estados constroem seu poder em três âmbitos: força militar (associada ao *hard power*), influência econômica e influência cultural, ideológica, ele afirma também, que as duas últimas têm erodido a predominância do poder militar (2001, p. 5-6). Nesse sentido, considerando que essa perspectiva de Halliday evidencia a relevância da dimensão cultural e ideológica, e que a de Nye destaca a dimensão da influência de um estado sobre outro o conceito de *soft power* aqui considerado, será uma fusão da abordagem de ambos, tendo em vista que a perspectiva de *soft*

*power* adotada se refere a uma influência no comportamento e nas preferências culturais e sociais de outro país e a uma construção de uma boa imagem nas relações internacionais.

Vale ressaltar que a perspectiva de *soft power* que será tratada nesta pesquisa relaciona-se à dimensão estatal, tendo em vista considerar a atuação do governo britânico no Brasil com base nos resultados do SFP; portanto, visa-se analisar a problemática em questão por dois lados: implicações do exercício do *soft power* para o Brasil e para o Reino Unido, baseando-se na perspectiva do fenômeno da paradiplomacia.

### **A paradiplomacia em perspectiva histórica**

O trecho anterior do trabalho dedicou-se a definir conceitualmente a paradiplomacia e a evidenciar diferentes facetas epistemológicas; entretanto, para compreensão ainda mais apurada desse fenômeno, faz-se necessário estudar em maior detalhamento de que modo ocorreu sua emergência nas sociedades internacionais e, em especial, no Brasil. Portanto, a próxima seção se debruça sobre a contextualização histórica da paradiplomacia.

Em se tratando de paradiplomacia, é evidente que ela é um fenômeno complexo e decorrente da inserção de novos atores – para além do Estado – na política exterior, tais como as cidades, municípios e outros novos importantes atores subnacionais. Esse processo de mudança no paradigma estatocêntrico pode ser associado à globalização, especialmente no período pós Guerra Fria, notadamente marcado por uma mudança na ordem mundial que se tornou paulatinamente multipolar e que incorporou com o tempo novos atores à seara dos processos decisórios e da atuação no campo internacional. Conforme exposto por Boaventura Santos, com o advento da globalização houve maior dinamismo das relações internacionais, maior interdependência entre os países com economias transnacionais, o poder e a política se tornaram mais descentralizados e surgiram novos fluxos monetários, novas cadeias produtivas; houve também um desenvolvimento acelerado de tecnologias, além comunicação mais intensa e rápida (SOUZA SANTOS, 2002).

Por conseguinte, as necessidades no âmbito da política externa de um país mudam e os atores que anteriormente não teriam espaço nessa arena começam a buscar formas de atenderem a suas demandas, e inserem-se em dinâmicas de internacionalização a fim de promover seu desenvolvimento em diversos setores e atingir objetivos locais de desenvolvimento, dentro do mundo globalizado. Junqueira, em sua análise sobre a emergência da paradiplomacia na realidade internacional, afirma que;

**O próprio contexto de surgimento do conceito de paradiplomacia acompanhado do aumento qualitativo e quantitativo da inserção internacional dos atores subnacionais ocorreu como resultado da relativização do caráter unitário e coeso do Estado-Nação, da intensificação da globalização enquanto “um fenômeno espacial, desmentindo uma continuidade onde o âmbito global começa onde termina o local” (HELD, 2000 p. 203 apud JUNQUEIRA, 2015, p. 74).**

As práticas de ações caracterizadas como paradiplomáticas tornaram-se recorrentes nesse contexto do mundo globalizado que favoreceu a inclusão de novas agendas e reconhecimento desses novos atores como promotores do desenvolvimento. Inicialmente a paradiplomacia se manifestou na Europa em países como França e Espanha e na América do Norte, em países como Estados Unidos e Canadá, que conferiram maior autonomia a seus estados e províncias. Mas a partir da década de 90 o resto do mundo foi também se inserindo nessa dinâmica de relações internacionais descentralizadas do âmbito unicamente nacional. Dentro desse movimento de coordenação da paradiplomacia, em 2004 foi inaugurada a primeira organização mundial de governos locais, a Cidades e Governos Locais Unidos, (CGLU) e nos anos seguintes só cresceu o número de iniciativas, conferências e acordos para promoção da atividade paradiplomática (SANTOMAURO, s/d, p. 24).

Santomauro em sua análise sobre o processo de consolidação da paradiplomacia, explicita que ela decorreu de um processo de legitimação das autoridades e gestores dos governos subnacionais frente à comunidade epistêmica global e que isso implicou no reconhecimento desses atores como capazes de estabelecer estruturas institucionais e políticas públicas de relações internacionais, isto é, políticas externas subnacionais (SANTOMAURO, s/d, p. 22).

No contexto do Brasil, o período de redemocratização, aliado a nova Constituição que concede mais autonomia aos estados e, juntamente a esse ambiente de uma economia mais liberalizada e interconectada mundialmente, desde meados do governo de Fernando Collor de Mello, cria um ambiente favorável no País para o exercício de papel ativo de outros atores, e é na década de 90 que a paradiplomacia passa a se popularizar mais e a receber inclusive apoio do governo federal. Como exemplificação disso, há a criação da Assessoria de Relações Federativas (ARF), vinculada diretamente ao Ministério das Relações Exteriores, com a finalidade de coordenar e monitorar as iniciativas de internacionalização subnacionais. Juntamente a isso, a partir dos anos 2000 foram sendo criadas nos estados e municípios

estruturas institucionais para gestão e desenvolvimento dessas atividades, como assessorias, coordenadorias, secretarias de relações internacionais, além de que, em 2001, o Itamaraty, inaugurou oito escritórios regionais, com o objetivo de captar os interesses das unidades da federação da formulação da política externa, além de auxiliá-los e monitorá-los em sua atuação internacional (RIBEIRO, 2009, p. 70).

Para fins de exemplificação do papel crescente da paradiplomacia no Brasil, uma pesquisa da Universidade Federal da Paraíba que visou mapear as iniciativas paradiplomáticas municipais no Brasil indicou que de 1046 municípios (com representações de toda região do País) 210 deles possuíam algum tipo de atuação internacional, inclusive de cidades com até 5000 habitantes (SOUZA, 2022. p. 26-27). O que há de mais significativo nesses dados é justamente a percepção de que cada vez mais entidades subnacionais que antes não detinham visibilidade em termos da agenda de política externa e relações internacionais do País, têm defendido seus interesses na esfera internacional. Evidentemente, diante dessa conjuntura cabe uma reflexão sobre como esse fenômeno da paradiplomacia tem transformado a natureza das interações internacionais do Brasil e de outras partes do mundo.

Santomauro defende a ideia de atualmente a paradiplomacia no Brasil já se encontra normalizada e consolidada; ele evidencia que isso se comprova pelo grande número de estruturas institucionais paradiplomáticas (a exemplo das secretarias de relações internacionais mencionadas acima); também pela formação de um consenso brasileiro-latino-americano sobre o significado e funções da paradiplomacia; e pela parcial integração da paradiplomacia brasileira na política externa nacional. Esse consenso mencionado prevê que as dimensões da paradiplomacia seriam: cooperação técnica e política, a captação de recursos e investimentos na promoção econômica-comercial e essa identificação consensual facilita ainda mais a expansão desse processo de internacionalização subnacional (SANTOMAURO, s/d, p. 25-33).

Essa tendência de consolidação das ações paradiplomáticas no País é evidenciada ainda pelo aparecimento crescente de espaços de discussão e cooperação nesse campo, como, por exemplo, o Fórum Nacional de Secretários e Gestores Municipais de Relações Internacionais (FONARI), que foi criado em 2009 como um espaço de discussões e divulgação da paradiplomacia, e contou gestores das relações internacionais de várias cidades. Além de, por exemplo, também a criação do Fórum RI 27 (Fórum Nacional de Gestores

Estaduais de Relações Internacionais) que também objetiva ser um espaço de debate e fomento das agendas internacionais e objetivos comuns aos estados dentro da paradiplomacia. Ademais, estados como Rio, São Paulo e Rio Grande do Sul foram pioneiros na implementação de instrumentos institucionais para cooperação paradiplomática, tendo sido os primeiros a criar secretarias de relações internacionais e outros instrumentos institucionais desse processo de internacionalização (SOUZA, 2022, p. 15-18).

Tendo em mente o contexto histórico da paradiplomacia anteriormente abordado, o próximo componente a ser explorado é o da diferenciação entre a diplomacia tradicional e a paradiplomacia. Feita essa diferenciação, a compressão sobre a importância do programa SFP torna-se possível ao analisar-se seus aspectos paradiplomáticos em contraste ao que seria uma iniciativa de diplomacia tradicional. Dessa forma, ambas relacionam-se a políticas públicas, e configuram expressões de políticas externas, mas o fazem de maneira distinta.

### **Diferenciação de diplomacia tradicional e paradiplomacia**

Para diferenciar os conceitos faz necessária uma conceituação do que seria então a diplomacia tradicional, tendo em vista que o conceito da atividade paradiplomática já foi extensivamente explorado.

Diplomacia é um fenômeno quase tão antigo quanto a humanidade, tendo manifestado--se de diferentes formas ao longo da história; já foi definida conceitualmente de inúmeras maneiras pela academia, entretanto, duas definições feitas por teóricos que se dedicaram ao estudo das Relações Internacionais serão utilizadas como referência teórica neste trabalho, tendo em vista que capturam o enfoque estatal que as caracteriza, bem como suas várias dimensões.

Para Ernest Satow<sup>5</sup>, a diplomacia seria "a conduta dos negócios entre Estados através de meios pacíficos" (SATOW, 1958), ou seja, as relações e negociações entre os Estados para defender seus interesses sem recorrer a meios bélicos. Em conjunção a ela, outra definição que auxilia na compreensão desse fenômeno central das relações internacionais por um viés mais pragmático, que enfatiza o papel da negociação, é a de Amado Cervo; este autor

---

<sup>5</sup> Ernest Satow: Diplomata britânico que escreveu "A Guide to Diplomatic Practice" (Um Guia para a Prática Diplomática), uma obra de referência sobre as normas e protocolos da diplomacia. É uma obra contemporânea que estuda normas e protocolos da diplomacia, fornecendo orientações detalhadas sobre a condução de tratados, negociações e relações diplomáticas.

descreve diplomacia como processo de diálogo e negociação entre os países, caracterizando-se como "um instrumento da política externa de um Estado com base em seu interesse nacional" (CERVO, 2008 apud JUNQUEIRA, 2018, p. 43). Para Cervo, ademais, a diplomacia:

**Compreende a ação externa dos governos expressa em objetivos, valores e padrões de conduta vinculados a uma agenda de compromissos pelos quais se pretende realizar determinados interesses. (...) “Diplomacia sem política não passa de conduta vazia, movimento sem rumo, ação externa sem estratégia de realização de interesses nacionais e mesmo coletivos. Cabe à política exterior agregar os interesses, os valores e as pretendidas regras do ordenamento global, da integração ou da relação bilateral, isto é, prover o conteúdo da diplomacia desde uma perspectiva interna, quer seja nacional, regional, quer seja universal” (CERVO, 2008, p. 8 e 9).<sup>6</sup>**

Portanto, baseando-se nas definições apresentadas, a diplomacia seria então o campo de interação entre os Estados, que envolve comunicação, interculturalidade, defesa dos interesses de um Estado na busca por consensos e estabelecimento de acordos e a resolução pacífica de disputas internacionais (SATOW, 1958). Em síntese, são relações desempenhadas como forma de executar as diretrizes de política externa de um país.

A diplomacia, portanto, está intrinsecamente ligada ao nível nacional, aos processos decisórios da política externa em representação ao país como um todo, enquanto que no entendimento deste trabalho, considera-se a paradiplomacia como o movimento de internacionalização que acontece dentro do âmbito subnacional. Em suma, quando se trata da paradiplomacia há uma compreensão de que ela é um tipo de diplomacia que aconteceria fora do âmbito Nação negociando com Nação, então por ausência de termos melhores, ela configura uma diplomacia paralela, e assim, ela empreende uma ação internacional e execução de uma política pública de abrangência internacional, mas que é realizada por um agente que não é aquele ao qual se subordina a diplomacia. Isto é, a paradiplomacia é feita por um agente que não é o responsável direto pela diplomacia tradicional, mas que também se encontra na esfera estatal.

---

<sup>6</sup> Como Cervo trata também da relação entre diplomacia e política exterior, ainda que não seja o referido conceito de política exterior um foco central desta análise, cabe aqui deixar claro que consideramos política externa segundo ensina Celso Lafer: “A política externa é uma política pública, como o são a da saúde e a da educação. Como política pública, a política externa tem como objeto traduzir necessidades internas em possibilidades externas. Por essa razão, na sua formulação e execução, precisa lidar com dois grandes desafios: o de definir adequadamente necessidades internas e o de avaliar, com discernimento, as possibilidades externas” (LAFER 2010). A isso, Manzur acrescenta o terceiro desafio, que é o de conciliar de modo claro e preciso a definição das necessidades internas com possibilidades viáveis, factíveis, realizáveis e implementáveis de oportunidades internacionais, que por sua vez, também precisam ser adequadamente identificadas (MANZUR 2022, s/p).



Novamente retoma-se a questão mencionada na introdução do presente trabalho, quando é feita referência ao fato de que no título da obra a paradiplomacia é descrita como atividade de agentes de políticas públicas, mas se políticas públicas são empreendidas pelo Estado, essa afirmação suscita contradição. Dessa maneira, conforme mencionado na introdução, a ideia dessa premissa é que o termo agente tomasse para si a conotação associada a atividades paradiplomáticas, pois apesar de elas acontecerem de forma paralela ao executor primordial de política externa, a atividade paradiplomática ainda acontece no âmbito estatal tendo em vista que os entes subnacionais são parte integrante do Estado.

Em outras palavras, consideramos que a paradiplomacia seja um braço agente da política externa e das relações internacionais de forma análoga à percepção de que a diplomacia é o braço agente da política externa, devido o fato de a paradiplomacia ser exercida por entes governamentais o que enseja tal paralelo, ainda que não se trate do mesmo agente que atua na diplomacia tradicional.

Como forma de sintetizar as principais diferenças entre os fenômenos e facilitar a inteligibilidade da argumentação, foi elaborada para este trabalho a tabela 1, realizando comparação direta entre as características de ambas, em aspectos chave. Dentro dessa ferramenta explicativa, cabe ressaltar que na literatura sobre o tema há a inclusão de outros atores para além daqueles existentes nas esferas subnacionais; por isso, a depender da abordagem utilizada por cada autor, podem ser consideradas, por exemplo, Organizações não Governamentais (ONGs) ou empresas como atores paradiplomáticos. Entretanto, reitera-se que na definição enfatizada nessa pesquisa, considera-se apenas a dimensão subestatal da atividade paradiplomática.

Tabela 1- Comparativo diplomacia tradicional e paradiplomacia

Crítérios	Diplomacia Tradicional	Paradiplomacia
<b>Definição simplificada</b>	Conduta dos negócios entre Estados através de meios pacíficos	Atividades de internacionalização de entes subnacionais
<b>Atores envolvidos</b>	Estados Nacionais	Cidades, municípios, estados, províncias, regiões, cantões, condados, comunidades autônomas
<b>Escopo de atuação</b>	Política Externa nacional	relações internacionais subnacionais

<b>Objetivos</b>	Defesa dos interesses de um país; manutenção da paz	Desenvolvimento regional, parcerias estratégicas frente necessidades locais
<b>Exemplos</b>	Brasil e Reino Unido negociam acordo Bilateral para redução de tarifas na importação de vinhos	O estado do Rio de Janeiro estabelece parceria com o governo do Reino Unido na adesão ao Programa <i>Skills For Prosperity</i>

Fonte: Dados extraídos da literatura referenciada na parte I deste trabalho. Figura elaborada pela própria autora. (2023)

Após o estabelecimento do que se entende por paradiplomacia e pelos demais conceitos mencionados e a ela associados, o foco da pesquisa agora retoma o objetivo de delinear a importância da paradiplomacia no País, utilizando-se do exemplo ilustrativo do caso bem-sucedido do SFP. A próxima seção, portanto, irá explorar extensivamente o funcionamento do *Skills for Prosperity* no Brasil e desenhar um panorama que demonstre a necessidade de sua atuação, bem como seus impactos em seu período de realização.

## **PARTE II- Entendendo o programa SFP e sua necessidade**

### **Déficits do ensino de inglês no Brasil**

Dados coletados pelo Observatório da Língua Inglesa demonstram que apesar do papel do inglês como promotor de oportunidades (CRYSTAL, 2003) ele ainda possui pouco espaço na agenda educacional brasileira, e as métricas quanto números de falantes nos países demonstram essa problemática tendo em vista que apenas 5% da população brasileira declara falar inglês. (OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA INGLESA, 2020).

Neste quesito, é notório que o ensino de inglês no Brasil apresenta um forte déficit tanto no ponto de vista de qualidade quanto na quantidade de estudantes contemplados. Isso fica evidente quando se constata que conforme a base de dados construída pelo Observatório da Língua Inglesa<sup>7</sup> demonstrou-se que no ano de 2020 (ano de início do programa no Brasil) havia apenas 718.495 turmas de inglês na rede pública em todo o Brasil em comparação aos 47,3 milhões de alunos matriculados nas 179,5 mil escolas de educação básica no Brasil (INEP, 2020)

<sup>7</sup> Esse Observatório já foi explorado anteriormente neste capítulo e é parte das quatro frentes de ação do SFP, ele foi construído como um espaço de concatenação de informações e possui registros de informações coletadas no Brasil a partir do ano de 2013.

Em um contexto em que o inglês afirma-se como língua franca e grande parte das pessoas ao redor do mundo são falantes do idioma, sua necessidade se mostra cada vez mais pujante (essa ideia seja explorada mais a fundo no próximo subtópicos) dessa forma, quando se traça um paralelo em comparação a outros países em desenvolvimento, considerando-se o número de falantes em relação ao número de habitantes, fica evidente como no Brasil esses valores são extremamente baixos, tendo em vista que Porto Rico, por exemplo, tem uma porcentagem de mais de 40% de falantes de inglês, enquanto que a Índia, cerca de 20%, Egito com 32% e África do Sul com 31% (CRYSTAL, 2020).

Além da quantidade ainda pequena de turmas, o que implica ainda a sobrecarga dos professores, os alunos matriculados nos anos de ensino fundamental não têm tido acesso a um ensino que garanta o aprendizado. Constatou-se a partir das entrevistas realizadas pelo governo britânico com alunos matriculados nas escolas contempladas pelo Skills, que o nível de proficiência dos alunos ainda é muito baixo e que eles não se sentem confiantes em suas habilidades na língua inglesa. Nesse contexto, isso pode ser evidenciado analisando-se os gráficos abaixo com dados coletados pelo governo britânico e pelo Consórcio de parceiros que compuseram relatórios internos do programa *Skills* como forma de monitoramento das demandas locais.

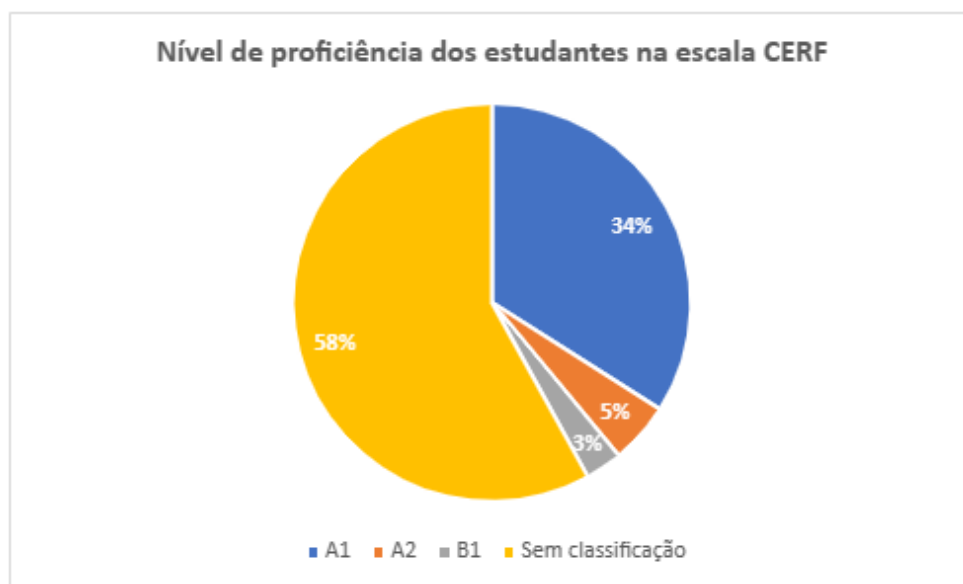
O gráfico abaixo reflete os resultados de teste de nível de proficiência em Língua Inglesa de estudantes do Ensino Fundamental II, com uma amostra de 1318 estudantes, oriundos dos estados piloto que fizeram uma prova de proficiência em 2021 e foram classificados de acordo com os níveis propostos pelo Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR),<sup>8</sup> os estudantes com notas insuficientes para receber a classificação mínima de nível A1 foram agrupados no critério sem classificação.

Esclarece-se aqui que a escala do CEFR é adotada como padrão de aferição da proficiência na maior parte do mundo e varia dentro de uma escala de A1 a C1, sendo que o A1 corresponde ao nível inicial, básico e conforme a escala sobe o nível de conhecimento avança, sendo o C1 a fluência, e, portanto alunos com nível B1 demonstrariam um nível intermediário de domínio da língua. (BRITISH COUNCIL, s/d).

---

<sup>8</sup> O Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (Common European Framework of Reference for Languages – CEFR) é um padrão internacionalmente reconhecido para descrever a proficiência em um idioma. Funciona por intermédio da atribuição de níveis, sendo eles A1, A2, B1, B2, C1, C2 os quais seguem a escala do básico ao avançado que seria um falante com proficiência (BRITISH COUNCIL, S/D).

Gráfico 1-Percentual dos alunos com proficiência em cada nível da escala CERF

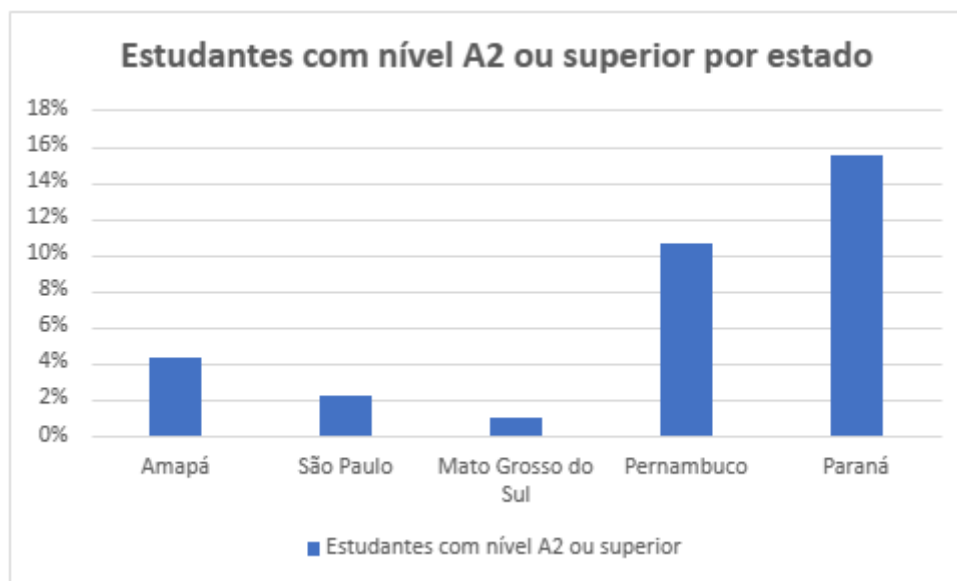


Fonte: Dados extraídos dos Relatórios internos do *Foreign, Commonwealth & Development Office* (FCDO). Figura elaborada pela própria autora (2023).

É importante ressaltar que mesmo que a amostra analisada seja apenas de uma parte relativamente pequena dos estudantes, tendo em vista que não foi possível submeter todos os alunos contemplados pelo *Skills* a um exame de proficiência, os resultados em tela, refletem essa dificuldade no aprendizado, levando em conta que a maior parte dos discentes avaliados apresentou rendimento demasiadamente baixo, tão baixo que os resultados não atingiram nota suficiente para serem classificados dentro da escala do CEFR. Ou seja, os alunos avaliados não apresentaram conhecimento condizente nem com os níveis mais básicos de classificação, o que configura-se como um dado ilustrativo do imenso déficit do ensino do idioma.

Outrossim, o gráfico número 2 representa a distribuição dos estudantes mencionados acima, com nível A2 ou superior em cada um dos cinco estados piloto (Amapá, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Pernambuco e Paraná).

Gráfico 2- Distribuição do percentual de alunos com nota A2 ou superior por estado

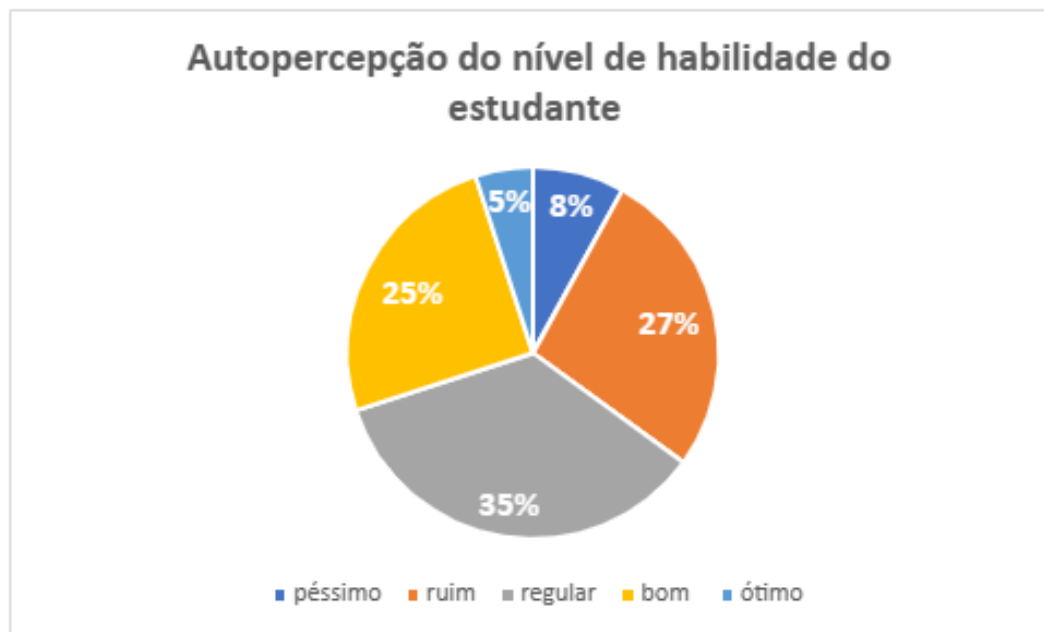


Fonte: Dados extraídos dos Relatórios internos do *Foreign, Commonwealth & Development Office* (FCDO). Figura elaborada pela própria autora (2023).

Com relação a esses dados percebe-se que apesar de alguns estados terem apresentado rendimentos muito melhores que outros, o que evidencia as desigualdades regionais, o percentual de estudantes com nível de proficiência A2 ou superior não excede os 20% em nenhum dos estados piloto, tendo, na verdade, alcançado valores quase ínfimos do percentual de alunos avaliados, como se vê nos estados de São Paulo, Mato Grosso e Amapá nos quais nem 5% dos discentes que foram submetidos ao exame alcançaram esse nível.

Já o gráfico número 3 ilustra o indicador de autopercepção coletado durante a inscrição dos estudantes para o teste de proficiência, no qual os discentes responderam como avaliavam o seu nível e habilidade de fala, escrita e compreensão oral na língua inglesa. Esse indicador é importante porque avaliações por exames, como foi o caso dos dados coletados e mencionados acima, podem ser influenciadas por vários fatores externos e nem sempre correspondem ao verdadeiro nível do idioma que os alunos venham a ter, além de não refletirem a percepção que eles têm acerca do seu nível de entendimento e capacidade como interlocutor, que uma questão central na formação pedagógica.

Gráfico 3: Indicador de autopercepção da habilidade



Fonte: Dados extraídos dos Relatórios internos do *Foreign, Commonwealth & Development Office* (FCDO). Figura elaborada pela própria autora (2023).

Percebe-se então que menos da metade dos alunos entrevistados sente-se capacitado de forma boa e ótima, e que isso reflete a qualidade do ensino. Não há uma causa única para explicação desses valores devido à complexidade da realidade socioeconômica brasileira dos alunos da rede pública. E aliados a isso estão inúmeros desafios para promoção de um ensino de qualidade no Brasil: evasão escolas, custos inacessíveis de cursos de inglês, dificuldade na progressão do ensino, metodologia de ensino sem enfoque na prática, baixa capacitação de professores, sobrecarga horária, baixos salários e materiais de ensino desconexos da realidade brasileira e que não consideram heterogeneidade das regiões (Relatório Políticas Públicas para o ensino de inglês do British Council, 2019).

Por conseguinte, constata-se que políticas públicas brasileiras por vezes são insuficientes para executar o papel que o Estado deve cumprir como provedor de educação para a população, o que é um preceito previsto na Constituição em seu artigo 205, já que

conforme explicitado por Claudia Costin<sup>9</sup>, um dos principais problemas do sistema educacional brasileiro é a falta de uma política educacional clara e consistente, que seja capaz de orientar as ações e investimentos na área (COSTIN, 2019).

Apesar do estabelecimento do inglês como língua obrigatória pelas Diretrizes da Base Nacional Comum Curricular<sup>10</sup> (BNCC), ainda há um entrave muito grande no ensino do idioma nas redes públicas, e o inglês é ainda um forte marcador social da população, onde apenas uma pequena parcela tem acesso a essa ferramenta essencial ao crescimento econômico. E é justamente nesse contexto árduo que se evidencia a necessidade de ações paradiplomáticas como o SFP que atua diretamente no combate a essas adversidades, auxiliando no preenchimento das lacunas pedagógicas e de acesso que o governo brasileiro tem dificuldades em suprir, e ampliando o acesso a materiais e a capacitações, conforme explicitado na descrição dos eixos de ação deste tópico. Essa argumentação será continuada no próximo subtópico evidenciando a relevância da abordagem que o *Skills* dá ao inglês, tratando-o como língua franca.

### **A importância da língua inglesa como língua franca em países em desenvolvimento**

Na conjuntura do programa em questão, a relevância do caso de paradiplomacia é evidente quando se analisa que o ensino de inglês no Brasil é importante, pois é um idioma amplamente utilizado no mundo todo, principalmente no âmbito dos negócios, turismo e tecnologia. De acordo com relatório do *British Council*, divulgado em sua plataforma online, o inglês é a língua oficial de mais de 50 países e é a língua mais utilizada na comunicação internacional, esse idioma é considerado a língua internacional dos negócios, da ciência, da tecnologia e das artes. Ainda segundo o relatório, cerca de 75% das ofertas de emprego no Brasil exigem que o candidato possua conhecimento em inglês, o que ressalta a importância da língua no mercado de trabalho (Relatório do Observatório para Ensino da Língua Inglesa no Brasil, 2013).

Além disso, o ensino de inglês pode proporcionar aos estudantes brasileiros o acesso a novas culturas, conhecimentos e oportunidades de estudo e trabalho no exterior. Segundo

---

<sup>9</sup> Cláudia Maria Costin é uma professora, acadêmica, administradora e economista brasileira. Foi ministra interina da Administração Federal e secretária da Administração no governo FHC e foi secretária da Cultura durante o governo Alckmin em São Paulo. ref

<sup>10</sup> A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo implementado desde 2017 e que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica no Brasil. (MEC, 2017)

Byram (1997), a aprendizagem de uma língua estrangeira pode contribuir para o desenvolvimento de uma competência intercultural, ou seja, a habilidade de se comunicar e interagir com pessoas de diferentes culturas e contextos.

Outro ponto de relevância é o entendimento de que o inglês foi adotado na comunidade internacional como língua franca<sup>11</sup>, ou seja, língua adotada para facilitar a comunicação entre falantes de mais diversos idiomas, nesse sentido a importância da aprendizagem do idioma se mostra cada vez mais evidente considerando-se que existem mais de 2,3 bilhões de falantes de inglês no mundo e atualmente para cada um falante nativo tem-se uma média de cinco que não possuem inglês como língua nativa. (CRYSTAL, 2020). Juntamente ao dado sobre o número de falantes, um artigo de uma revista de linguística publicado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) que se dedica a estudar o uso do inglês como língua franca (ELF) apontou que 75% da comunicação mundial escrita, 80% das informações dos computadores no mundo, 60% dos programas de rádio e 90% do conteúdo da internet são escritos e circulados em inglês (SARWAL, 2007; FRASER 2009, apud LOPES, BAUMGARTNER, 2019).

Nesse contexto o programa se dedicou a atuar na promoção da língua inglesa no ensino fundamental, visando à construção de um Sistema Educacional Coerente<sup>12</sup> e levando em conta o papel do inglês como língua franca assim como mencionado pela chefe do programa *Skills*, que destaca essa característica e explicitou como o SFP aborda o ensino anglófono não como ensino do inglês britânico, mas sim como língua franca e com métodos de ensino que incorporem as especificidades locais no aprendizado. (ENTREVISTADO 1, 2023).

Diante das informações apresentadas é indiscutível a relevância do inglês como ferramenta de comunicação, mas em países em desenvolvimento com déficits educacionais como é o caso do Brasil, o investimento no ensino do inglês se mostra ainda mais fulcral, tendo em conta sua ampla gama de desdobramentos, já que o idioma pode facilitar a comunicação internacional e as trocas multiculturais, seja em negócios, diplomacia,

---

<sup>11</sup> A UNESCO definiu Língua Franca como aquela “[...] que é usada habitualmente por pessoas cujas línguas maternas são diferentes, a fim de facilitar a comunicação entre elas”(1953, p. 46). Outras definições como a de Seidlhofer (2011, p. 7) a definem como “qualquer uso do inglês entre falantes de diferentes línguas maternas, para os quais o inglês é o meio comunicativo de escolha, e frequentemente a única opção”.

<sup>12</sup>Refere-se a um sistema em que todas as partes, componentes e políticas estão alinhados de forma consistente e integrada, com o objetivo de fornecer uma educação de qualidade e abrangente aos estudantes, os referidos componentes envolveriam, currículo, desenvolvimento profissional, avaliações, estabelecimento de padrões de qualidade, entre outros aspectos relevantes ao ensino. (RAND, 2023)



tecnologia ou no meio acadêmico. Dessa forma, com a difusão do inglês o acesso a esses ambientes passa a ser mais democratizado e o estudante que domina o idioma se situa de maneira mais competitiva no mercado de trabalho, as taxas de empregabilidade são maiores, bem como há um maior raio de oportunidades, além de valorização salarial e mobilidade profissional. E com certeza esse impacto não se manifesta só no âmbito profissional, mas também no desenvolvimento de competências interculturais e na ampliação de horizontes pessoais e culturais. Por isso, é necessário que o ensino de inglês seja valorizado e incentivado no Brasil, tanto em âmbito escolar quanto em programas de formação profissional.

Após a realização de um exame do panorama do ensino do inglês no Brasil, a próxima seção se dedica a construir uma compreensão profunda do funcionamento do programa e de sua importância bem como da visão que os funcionários envolvidos têm dele, elucidando a necessidade de atuação de iniciativas como o *Skills* e evidenciando seus âmbitos de intervenção nas questões suscitadas, ou seja, como ele contribuiu para a melhora das problemáticas.

### **O Skills for Prosperity**

Conforme mencionado previamente, o SFP é um projeto desenhado para abranger vários países em desenvolvimento, e em cada país ele possui um enfoque específico, determinado por intermédio de estudos feitos pelo governo britânico a fim de identificar lacunas e dificuldades existentes e desenvolver um plano de ação voltado para elas. No Brasil, o programa atua no âmbito do ensino de inglês para alunos do fundamental II e o governo britânico trabalha em conjunto com parceiros locais, como governos estaduais e municipais, instituições de ensino, organizações não governamentais e empresas, para implementar iniciativas que atendam às necessidades específicas de cada região e contribuam para o alcance dos objetivos do programa. No País o SFP é operado por um consórcio de parceiros implementadores, a Fundação Lemann, Nova Escola, Instituto Reúna e *British Council*, que são instituições com expertise na área educacional brasileira.

A Fundação é Lemann<sup>13</sup> é incumbida da implementação do projeto na parte prática, é a viabilizadora e cuida da governança. Já a Nova Escola<sup>14</sup> e o Instituto Reúna<sup>15</sup> trabalham na frente realizadora do projeto, em ações como: formação de professores, produção de materiais educacionais, documentos, guias referenciais para a Língua Inglesa, e Advocacy.<sup>16</sup> Enquanto o *British Council*<sup>17</sup> encabeça o projeto representando o governo do Reino Unido e desenvolveu o papel de realizador do programa implementando o Observatório para o Ensino da Língua Inglesa que monitora o aprendizado do inglês no Brasil, além de fornecer assessoria técnica para as escolas e consultorias sobre Língua Inglesa e Equidade.

Ademais, o *Skills* integra parte da missão do *British Council* de promover a cultura e a língua inglesa, além da igualdade no acesso à educação e à capacitação profissional, como meio de promoção de cooperação e prosperidade entre o povo britânico e o resto do mundo, em consonância aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável<sup>18</sup>, no que diz respeito a sua ação visando redução das desigualdades por meio da capacitação da juventude, e da democratização do ensino. Para tal, o SFP no Brasil atua em prol do objetivo mencionado com ações em quatro frentes, as quais se baseiam na implementação do Sistema Educacional Coerente (já mencionado anteriormente) sendo elas: currículo, material educacional, avaliação e formação de professores, e os planos de ação dessas frentes, envolvem produção de documentos referenciais técnico-pedagógicos de ensino de inglês baseados na política nacional e regulatória estabelecida nas diretrizes da BNCC; desenvolvimento de materiais educacionais, capacitação de professores, desenvolvimento do Observatório para Língua inglesa no Brasil, além de ações adicionais focadas no recorte transversal de gênero e raça, que contam com mentorias com estudantes, realização de palestras, cursos e do Projeto

---

<sup>13</sup> É uma organização de filantropia sem fins lucrativos criada em 2002 que atua em eixos estratégicos de fomento à Educação e formação de Lideranças (FUNDAÇÃO LEMANN, s/d).

<sup>14</sup> É uma organização de impacto social sem fins lucrativos criada em 2015 que trabalha para o fortalecimento da Educação Básica, contribuindo para a melhoria da aprendizagem e do desenvolvimento dos estudantes. (NOVA ESCOLA, 2015).

<sup>15</sup> Organização sem fins lucrativos criada para garantir a qualidade e consistência na educação básica, desenvolve, junto de uma rede ampla de parceiros, serviços técnico-pedagógicos em quatro frentes de atuação: formação, material didático, currículo e avaliação (INSTITUTO REÚNA, 2019).

<sup>16</sup> Conceito compreendido como um lobby feito por atores influentes de uma sociedade em favor de uma causa (POLITIZE, 2017).

<sup>17</sup> O *British Council* é a organização internacional do Reino Unido para relações culturais e oportunidades educacionais promove cooperação entre o Reino Unido e o Brasil nas áreas de língua inglesa, artes, esportes e educação. (BRITISH COUNCIL, s/d).

<sup>18</sup> Conforme definição elaborada pelas Nações Unidas, Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. São compostos por 17 objetivos interconectados, desdobrados em 169 metas (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, s/d).

Meninas que vão além que constituiu um edital de apoio a organizações da sociedade civil envolvidas na luta contra desigualdades de gênero e raça.

Por certo, para entender o impacto do programa mostra-se relevante examinar mais a fundo o funcionamento de cada uma das quatro frentes principais do programa.

O Observatório do Ensino da Língua Inglesa: iniciativa pioneira no Brasil e no Mundo lançada em 2020 que reúne todos os materiais produzidos pelo SFP bem como dados sobre marcadores do ensino do inglês no Brasil desde 2013, fornecendo dados e relatórios sobre como se dá a oferta da língua inglesa nas redes de ensino pública e privada no Brasil, perfil demográfico dos professores e alunos, carga horária e formação de professores. Nele são disponibilizados também conteúdos originais sobre ensino e aprendizagem de inglês, bem como uma seleção de fontes externas sobre o tema por meio de curadoria especializada. Conforme descrito no site do Observatório seu objetivo é agregar e compartilhar em um único espaço o conhecimento disponível sobre o setor e fornecer ideias e inspiração para melhorias e mudanças no ensino da língua inglesa no país (OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA INGLESA, 2020).

A coleta de informações sobre o ensino do inglês já existia no Brasil, mas era feita de forma muito localizada e precária, portanto antes do Observatório não havia nenhuma fonte unificada de dados sobre o tema. Desse modo, por meio da disseminação de dados sobre o inglês nas redes públicas de ensino brasileiras, o SFP contribui para subsidiar políticas públicas e tomadas de decisão baseadas em evidências, bem como para a democratização do acesso à informação e a materiais.

É uma iniciativa inovadora, pois além de ser um espaço de disseminação de informação e de apoio a planejamento e tomada de decisões no ensino de inglês é um espaço de troca de experiência, onde professores do Brasil todo podem registrar seus depoimentos de casos de sucesso e ter também acesso a experiências de outras partes do país, como um verdadeiro compilado de boas práticas.

Formação de professores: o *Skills* oferece gratuitamente um curso de língua inglesa autodidata e com dois enfoques, sendo eles: o inglês para sala de aula e o inglês em contexto geral, e ele pode ser acessado por qualquer professor do país, e visa capacitar os profissionais, trabalhando para o autodesenvolvimento e autonomia no aprimoramento de suas habilidades técnicas e pedagógicas. Além desse curso, são fornecidas também capacitações para utilização

do material didático do programa, para utilização de ferramentas digitais na sala de aula, além de vários outros webinars e treinamentos que contribuem para essa capacitação docente.

Considerando que um dos maiores entraves do ensino de inglês no Brasil na rede pública é justamente a falta de capacitação de professores conforme demonstrado por dados disponíveis no Observatório e referentes ao Censo Escolar da Educação Básica de 2020 (ano de início do programa) apenas 16,7% dos professores da rede estadual possuíam formação considerada adequada segundo critérios do INEP<sup>19</sup>, ou seja licenciatura ou bacharel em letras inglês, e na rede municipal esse valor cai mais ainda para apenas 13,4% e mais de 16% dos professores de redes municipais e estaduais não têm ensino superior completo. Portanto, essa frente de ação do *Skills* contribui diretamente para melhor formação dos docentes, não só aqueles envolvidos diretamente nos estados piloto mas também qualquer outro do Brasil tendo em vista o acesso desimpedido ao curso.

Livros didáticos: foram elaborados de forma colaborativa com as secretarias dos estados piloto, coleções de livros a serem utilizados como material didático os quais visam promover alinhamento com o contexto local e engajamento de professores e alunos. Os materiais foram desenvolvidos em uma coleção chamada *X-Perience*, sendo eles divididos em um livro de utilização nacional que pode servir para adesão de outros estados além dos pilotos, e cinco coleções elaboradas de acordo com os contextos regionais. São materiais completos, que refletem a cultura local e são orientados pelas diretrizes da BNCC quanto ao currículo e também alinhados com o CEFR.

Foram materiais elaborados de forma muito sensível à identidade linguística brasileira e aos regionalismos, além de incorporar assuntos mais recentes, utilizar de textos autênticos, ou seja, aqueles que de fato foram produzidos em contextos de comunicação entre interlocutores na vida real, como matérias de jornal, entrevistas, músicas, entre vários outros recursos. Além disso, pautam-se na orientação do Inglês como Língua Franca apropriando-se de diversas variedades da língua, então o aluno tem oportunidades de ouvir áudios com falantes de inglês do Brasil, da Índia, do Reino Unido, o que fornece um contato com as diversas variedades do idioma.

---

<sup>19</sup> As categorias de adequação da titulação docente são baseadas na Nota Técnica N° 1/2021/CGCQTI/DEED produzida pelo INEP, com adaptações para os tipos de formação da área de língua inglesa (OBSERVATÓRIO, 2020)

Conforme explicitado pela chefe do Programa *Skills*, o *X-Perience* é um material muito inovador e que teve um impacto muito positivo em termos de adesão, pois conecta-se com as realidades locais: “ele não é um livro só de cultura britânica, pelo contrário, ele não é um livro que tem o Ônibus vermelho, a Rainha, as comidas britânicas, é um livro que tem as alunas pretas. Os alunos falando de cuscuz, de mandioca, de Chimarrão, ele não tinha esse viés de levar a cultura britânica exatamente” (ENTREVISTADO 1, 2023<sup>20</sup>)

Percebe-se então que essa frente de ação atua justamente na superação do desafio da ausência de materiais de qualidade, tendo em vista que um dos desafios do ensino nas redes públicas é o uso de materiais defasados, que não tem apelo com os alunos por serem muito distantes da realidade brasileira. Conforme explicitado no site do Observatório, o material foi produzido em coerência com os três eixos propostos pela BNCC, multiletramento, interdisciplinaridade e inglês como língua franca; trata-se de material que traz exemplos e reflexões sobre o uso do idioma a partir da realidade de diferentes povos. ‘Não só os professores-autores, mas revisores e editores fizeram questão que os materiais fossem pautados pela experiência em sala de aula e pela realidade da escola pública brasileira’, (OBSERVATÓRIO, 2023)

De início foram estabelecidos cinco estados piloto para implementação do *Skills*: Amapá, Pernambuco, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, escolhidos de forma a ter representação de todas as regiões do país. Mas ao longo dos três anos de implementação do projeto outras secretarias estaduais e municipais aderiram ao *Skills*, como por exemplo Ceará, Pará, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Salvador e João Pessoa. (RELATÓRIO INTERNO FCDO, 2022).

O programa foi lançado em dezembro de 2020 em meio à pandemia da Covid-19, mas as tratativas com as secretarias estaduais de educação já estavam em andamento desde o começo do ano de 2020 para os arranjos de implementação do projeto. Concomitante ao lançamento do *Skills* o Observatório foi lançado publicamente e da mesma maneira no começo do ano ele já se encontrava em fase de teste com uma versão beta disponibilizada a gestores, escolas e organizações seletas e recebeu aprimoramentos até a inauguração de sua versão atual em dezembro. (RELATÓRIO INTERNO FCDO, 2023).

---

<sup>20</sup> Todas as entrevistas mencionadas no corpo deste trabalho encontram-se disponíveis para consulta nos apêndices, às páginas 56 a 119 deste trabalho.

O Governo do Reino Unido forneceria o apoio nas frentes de ação mencionadas acima e, em contrapartida, os estados precisavam apenas providenciar a impressão dos materiais. Uma característica chave do programa foi justamente que cada secretaria definiu o próprio formato da implementação do projeto, ou seja, não houve nenhuma imposição advinda do Reino Unido e cada secretaria de educação adaptou os recursos da maneira que entendeu como mais adequada, assim como explicitado pela coordenadora do projeto *Skills* que menciona que algumas escolas utilizam o livro como material didático, outras como livro de dever de casa, outra como recurso complementar. Em suma, a implementação do projeto foi totalmente personalizada às necessidades locais (ENTREVISTADO 1, 2023).

### **Quesitos de inovação**

Outrossim, um aspecto relevante do programa é sua faceta de implementação que contou com o apoio de parceiros brasileiros no consórcio, parceiros esses que já tinham experiência e expertise no meio educacional brasileiro e contribuíram muito na abordagem personalizada do *Skills* conforme explicitado pela coordenadora do Programa que evidenciou como cada parceria feita com os estados era moldada de forma flexível visando atender as necessidades do estado e o próprio material didático disponibilizado foi elaborado conforme os regionalismos brasileiro, tratando o inglês como língua franca, aspecto esse que será mais detalhadamente explorado na próxima seção.

Após a condução das entrevistas constatou-se que de forma geral a percepção dos funcionários envolvidos no projeto compreende que o SFP foi uma iniciativa que desempenhou papel complementar às políticas públicas existentes nos estados brasileiros, não foi um programa que procurou suprir uma demanda em déficit no campo educacional, tendo em vista que isso não seria viável no escopo do programa. Dado o contexto acerca da atuação do programa passaremos agora a entender a fundo a percepção referida acima numa tentativa de ilustrar a hipótese de que a paradiplomacia é relevante à luz do caso do *Skills*.

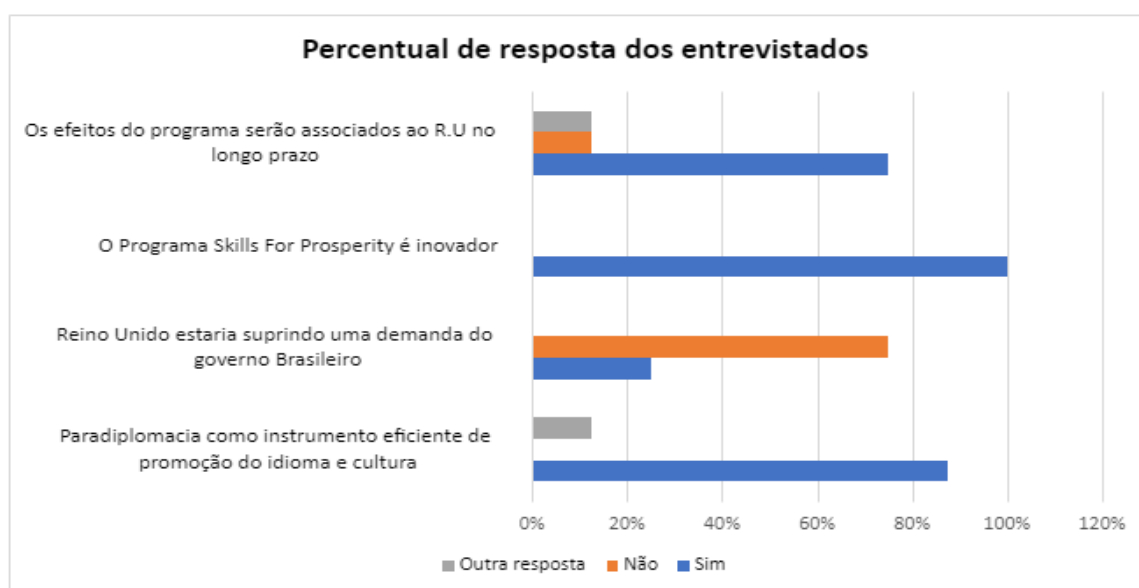
### **Percepção dos funcionários**

Por certo, a partir da realização das entrevistas podem ser depreendidas informações qualitativas acerca da percepção dos funcionários envolvidos, mas também dados quantitativos, pois estes facilitam na observação dos resultados. Nesse ínterim, foi elaborado o gráfico abaixo visando demonstrar a percepção geral dos oito entrevistados quanto a quatro critérios principais: se a paradiplomacia é vista como instrumento eficiente de promoção da

cultura, e da educação; se o entrevistado considera que Reino Unido através do SFP supre uma demanda que não pôde ser suprida por políticas públicas do governo brasileiro; se o *Skills* é para eles um programa inovador e se eles consideram que os efeitos do programa serão associados ao Reino Unido no longo prazo.

Nesse sentido, cabe o esclarecimento do motivo de escolha desses critérios como avaliação quantitativa tendo em vista que eles não representam a totalidade das perguntas feitas a cada interlocutor. Depreende-se então que a fim de analisar dados qualitativos de forma quantitativa há um desafio de síntese de aspectos chave na compreensão da temática em voga, por tal motivo foi feita uma seleção das questões centrais que pudessem oferecer respostas de sim, não ou serem agrupadas no campo de outros. Foi feita então uma escolha por simplificação na tentativa de compreensão generalizada das percepções referentes à temática central.

Gráfico 4: Percentual de respostas dadas pelos entrevistados



Fonte: Dados extraídos das entrevistas. Figura elaborada pela própria autora (2023).

Dito isso, é certo que as respostas de cada entrevistado foram muito mais complexas do que esse simples binômio, mas entende-se como possível sintetizá-las nesse formato, tendo em conta que o complemento das respostas deu-se no sentido de justificar a argumentação acerca da visão de cada indivíduo. Os demais aspectos tratados na entrevista serão abordados de forma qualitativa por meio de análises do conteúdo de discurso.

Outro adendo relevante é que no âmbito das respostas agrupadas como “outra” foi sinalizado pelos interlocutores que eles não responderiam à pergunta com sim ou não, pois eles acreditavam ser uma questão com diversas nuances. No caso dessa opção de resposta frente à pergunta acerca da eficiência da paradiplomacia como instrumento de promoção do idioma e da cultura, a entrevistada que é gerente de projetos no *British Council* evidenciou que acredita que depende sob qual ótica se analisa essa eficiência, pois do ponto de vista dos receptores da cooperação ela foi, mas olhando para o lado do Reino Unido essa eficiência deixa de existir pois para ela o programa não foi estruturado de forma a maximizar os benefícios para o governo britânico. Por outro lado, que no que tange à resposta acerca da associação dos efeitos do SFP ao Reino Unido, o entrevistado número quatro sinalizou que compreende que não era simples dizer sim ou não, pois isso dependeria do comportamento do Reino Unido na manutenção do legado do programa, levando em conta que caso não haja um acompanhamento junto às secretarias para garantir a continuidade das propostas do *Skills* o programa poderia cair no esquecimento e conseqüentemente deixaria de propagar a boa imagem do governo britânico em associação ao programa.

Em vista dos dados expostos, entende-se então que a maioria dos entrevistados concorda que a paradiplomacia pode atuar na promoção da cultura e do idioma e que o *Skills* seria de fato uma exemplificação prática de tal característica da ação paradiplomática como instrumento de *soft power*. Apesar disso, mesmo que a maioria tenha manifestado também que acredita que os efeitos da cooperação pelo *Skills* serão positivamente associados ao Reino Unido e apenas claramente perceptíveis no longo prazo, foram levantadas pelos entrevistados, questões muito importantes explicitando que o curto período de realização do programa e a ausência de acompanhamento posterior podem dificultar essa permanência do legado do Reino Unido em associação aos resultados do *Skills*, da mesma forma que podem vir a obviar a aferição dos efeitos positivos do programa e do *soft power* exercido no País ao longo prazo.

Ainda nessa linha de observações críticas feitas pelos interlocutores entrevistados, foi levantado por eles com frequência, conforme se nota nas transcrições das entrevistas de número um, três e seis, que apesar de o SFP ser considerado como um programa importante para o Reino Unido, a educação não estaria nas maiores prioridades britânicas nas agendas no exterior e que isso pode ter levado a uma subutilização do potencial do programa, da mesma maneira que foi suscitado que os muitos desafios internos enfrentados no programa como, por exemplo, ausência de orientações, cortes orçamentários e de funcionários, podem ser



associados ao fato de a educação não ser pauta prioritária. Todavia, conforme mencionado anteriormente há vários outros aspectos depreendidos da coleta de dados feita nas entrevistas, como o fato de que a totalidade dos entrevistados reconheceu como objetivos do programa no Brasil melhorar e democratizar o acesso ao inglês no Brasil, logo a visão geral que se tem é de que o Programa atua na melhoria do ensino e a concepção geral depreendida das entrevistas foi de que o inglês atuaria como agente transformador da realidade dos estudantes.

Outro aspecto relevante foi o consenso total de que o *Skills* é inovador e o marcador disso que foi um aspecto recorrentes nas respostas, foi a percepção de que o programa é inovador por atuar no ensino básico, tendo em vista que a maioria das iniciativas semelhantes foca no ensino superior, além de que foi destacado pela maioria dos interlocutores que a inovação do programa estava justamente em ser colaborativo, em ter sido elaborado respeitando as necessidades de cada parceiro local, sem impor nenhum formato, foi ressaltado mais de uma vez o fato de ser um projeto *bottom up e não top down*.<sup>21</sup>

Além do exposto, outra questão que foi quase consensual foi a de que o Reino Unido com o *Skills* não estaria suprimindo a demandas nas políticas públicas brasileiras; ele estaria, na verdade, complementando-as e auxiliando em sua otimização, conforme ilustrado no Gráfico na proporção de seis dos oito entrevistados. Por conseguinte, é possível delinear que o programa é entendido pelos entrevistados como uma parceria, uma ferramenta de apoio destinada a auxiliar os governos locais e ter efeitos positivos nas políticas públicas de ensino do inglês como um todo.

Juntamente ao previamente evidenciado, outra consideração a ser feita são os desafios a implementação do programa identificados pelos entrevistados; foram mencionadas as dificuldades impostas pela realidade da rede pública brasileira, dificuldades essas que não conseguem ser abarcadas pelo programa, além do desafio de lidar com as trocas de governo e com as especificidades das secretarias, quando, por exemplo, o programa encontrava entraves em sua implementação em um estado e já se encontrava em fase de testes nos outros. Outro ponto presentes nas falas dos entrevistados e de expressiva relevância, foi as dificuldades ocasionadas pela pandemia, pois o projeto aconteceu durante um período muito delicado em

---

<sup>21</sup> A Tradução livre para o uso dessas expressões seriam de baixo para cima ou de cima para baixo, Refere-se a ao meio de analisar a formulação de políticas, e referencia a ideia de que não foi um programa que veio com um formato imposto pelo país implementador em qual o ente receptor apenas aceitava as condições, foi na verdade colaborativo e construído juntamente aos governo locais de baixo para cima, considerando suas necessidades e especificidades.

que a educação como um todo precisou de adaptar a um novo contexto, então o ensino de inglês ficou em segundo plano e isso pode ter impactado nos resultados.

Diante disso, os entrevistados identificaram que a paradiplomacia atua na resolução desses desafios ao facilitar a interlocução com os governos locais, por ser um contato mais direto, e por sua capacidade adaptativa, além de atuar ativamente na distribuição mais igualitária de recursos e poder se dedicar mais a estudar contexto local e suas necessidades, e desenvolver políticas em resposta customizadas em resposta eles, o que em cooperações de abrangência nacional seria mais complexo e menos flexível, conforme ilustrado nas falas dos entrevistados de número um, três e oito.

Encerrando as observações sobre as informações coletadas nas entrevistas, é de relevância mencionar que na última delas a interlocutora defendeu com muita veemência a importância da paradiplomacia e nesse contexto foi dita uma frase muito marcante que, ao ver desta autora, foi uma resposta clara à indagação acerca da relevância da paradiplomacia, e apesar de apresentar a visão de uma única pessoa será exposta aqui como recurso ilustrativo da percepção positiva que se construiu acerca da atividade paradiplomática: “eu não saberia te dizer sobre os desafios, mas com certeza se tem alguma coisa a ser mitigada, a ser melhorada, a paradiplomacia é a resposta” (ENTREVISTADA 8, 2023).

Tendo sido feita essa compilação e análise dos discursos dos entrevistados, partiremos agora para uma seção que analisa os dados do impacto do *Skills* e confirma seu papel de otimizador das políticas públicas do ensino do inglês e ferramenta de *soft power* britânico. Nesse trecho serão analisadas diferentes dimensões do impacto, voltando-se para o lado do Reino Unido, e para os resultados do programa no Brasil, levando em conta os objetivos pré-estabelecidos para ambos.

### **PARTE III. Análise dos resultados**

#### **Resultados para o Reino Unido**

Como indicadores internos, estabelecidos pelo governo britânico para avaliar o sucesso do programa, foi definida uma estratégia de monitoramento quanto ao atingimento dos objetivos centrais de democratizar e aprimorar o ensino de inglês no Brasil e isso foi feito utilizando-se de um acompanhamento dos resultados frente a cinco pilares relacionados aos objetivos do programa: promoção de um ambiente educacional propício; relevância do inglês,

qualidade do ensino e equidade, cada um desses pilares tem seus próprios indicadores. No que tange ao atingimento desses cinco pilares, 95% dos indicadores de progresso foram classificados como meta atingida ou meta ainda em progresso, ou seja, metas finais ainda não concluídas, mas objetivos intermediários sim (RELATÓRIO INTERNO FCDO, 2022).

Cabe fazer o esclarecimento metodológico de que os resultados apresentados no presente trabalho foram todos oriundos dos relatórios de impacto produzidos pelo governo britânico e que esses relatórios seguem a confidencialidade já mencionada anteriormente e foram produzidos por intermédio de uma variedade de formas coleta de dados: rodas de conversa com secretarias e professores, questionários estruturados com secretárias, professores e estudantes, entrevistas em profundidade com organizações do consórcio e professores, teste de proficiência de língua inglesa com estudantes e professores, bem como coleta de dados secundários públicos sobre educação pública e emprego no Brasil.

Nesse sentido, o parecer emitido pelo governo britânico em relatório interno foi de que as ações do Programa se provaram para eles, relevantes e de alta qualidade, e que os objetivos relacionados a entregas mais concretas (ex. diretrizes, formações e materiais para o ensino de Língua Inglesa), foram atingidos, da mesma forma que as ações voltadas para equidade também atingiram as expectativas.

Quanto a métricas relacionadas ao *soft power*, por ser uma questão muito mais subjetiva e relacionada a impressões e influência cultural que não podem ser medidas apenas a curto prazo e por também não ser objetivo principal do Reino Unido com este programa o dado numérico que foi coletado foi apenas o referido na terceira parte do trabalho, acerca da visibilidade do programa medido pelo número de artigos e notícias mencionado o SFP. Entretanto, um dos Relatórios finais produzidos pelo governo britânico analisa os *secondary benefits* (mencionados anteriormente) e afirma que o programa teve repercussão positiva durante seu período de realização e que se espera que seus efeitos sejam associados ao Reino Unido. Após a análise das entrevistas tornou-se evidente também que essa visão encontra eco na fala dos entrevistados que conforme exposto na seção anterior do trabalho, acreditam que a ação diplomática manifestada pelo *Skills* é instrumento eficiente de promoção da cultura e da língua inglesa e relaciona-se sim ao *soft power* britânico.

Mas referindo-se aos objetivo principal do *Skills* – a democratização de acesso e melhorias no ensino –, as métricas de avaliação desses resultados são muito mais

multifacetadas no que dados numéricos, pois é complexo medir qualidade, aferir os impactos a longo prazo, bem como capturar a percepção generalizada do aluno, entretanto os recursos numéricos servem como apoio para ilustrar que durante o período de realização do programa ele teve sim grande impacto, a problemática que surge é a de avaliar esse impacto no longo prazo.

Tendo isso em conta, serão avaliados agora os resultados numéricos e a interpretação analítica que se pode fazer deles quanto a comprovação da hipótese de que paradiplomacia se mostrou como instrumento de promoção e melhoria de políticas públicas de ensino de língua estrangeira no país, devido a seu potencial de otimizar as ações existentes referentes ao ensino do inglês no ensino fundamental II e ampliar o acesso a ensino de qualidade do idioma, ao mesmo tempo que beneficia o país aplicador do programa, Reino Unido, ao consolidar seu *soft power* no Brasil.

### **Impactos da parceria no Brasil**

Os resultados dessa ação de cooperação paradiplomática empreendida entre Brasil e Reino Unido são demonstrados em diversos aspectos, sendo alguns deles, a constatação de que foram mais de 20 mil professores que declararam terem se beneficiado nas mudanças das políticas de nível nacional/estadual bem como um número de mais de 2 milhões de beneficiários que se matricularam nos cursos do EF II, ofertados nos moldes do Programa ou reformulados a partir de documentos e sugestões dele. Há que se considerar que esses dados foram coletados referindo-se aos estados piloto e que a aferição de dados quanto aos outros aderentes ainda não foi completamente coletada (RELATÓRIO INTERNO FCDO, 2022).

Quanto à assistência prestada aos parceiros, o que também foi um diferencial do programa, por prezar pela formação continuada, entre os anos de 2021 e 2022 o Instituto Reuna realizou cerca de 116 reuniões com os representantes dos estados e municípios adotantes do programa e com potenciais parceiros para dar uma visão geral do que estava sendo oferecido, dos desafios de implementação, de padrões de qualidade e de boas práticas. Além disso, nos anos de 2020 a 2022 mais de 22 mil pessoas engajaram nas atividades complementares do programa, como os seminários, minicursos, consultorias, encontros de especialistas, fóruns de discussões (RELATÓRIO INTERNO FCDO, 2022).

Ademais em se tratando de outro indicador chave do sucesso do programa em termos da democratização do acesso à aprendizagem do inglês e de materiais de qualidade, o número

de materiais utilizados pelos alunos de cada rede foi significativo e a tabela abaixo mostra esse indicador, evidenciando a quantidade de livros impressos por estado piloto nos anos de 2021 e 2022, divididos em livros de apoio aos professores e livros didáticos:

Tabela 2- Quantidade de livros impressos por estado

Estado	Número de Livros de apoio a professores impressos	Número de livros didáticos impressos
Amapá	225	47.658
São Paulo	2.854.353	30.124
Paraná	4.458	544.481
Mato Grosso do Sul	1.550	73.560
Pernambuco	2.588	141.171

Fonte: Dados extraídos dos Relatórios Internos de Impacto do FCDO. Figura elaborada pela própria autora (2023).

Diante dos dados acima, cabe a elucidação de que outros estados e municípios participantes do SFP tiveram versões impressas do livro utilizadas nas escolas também, porém como não faziam parte dos cinco estados piloto, a equipe do Skills não conseguiu dedicar recursos e nem teve tempo hábil para concatenar informações quanto a eles.

Ademais, é fulcral ressaltar também que os materiais didáticos e de apoio, além de serem disponibilizados para as secretarias aderentes ao projeto são também de domínio público no site do Observatório da língua inglesa e foram baixados mais de 43,078 vezes entre o ano de 2020 e 2022. Evidentemente, esse indicador demonstra como o projeto teve impacto no campo da democratização de acesso a materiais de qualidade, pois foi feita de maneira gratuita a disponibilização de materiais completos, alinhados com a BNCC, atualizados e que refletem as realidades regionais do Brasil. E para além do acesso generalizado em que qualquer pessoa em qualquer contexto pode acessar os livros no site do Observatório, não só professores das redes públicas, foi provido aos professores, os quais eram o alvo central desse material, diretrizes e capacitações sobre como utilizá-los, ou seja,

adicionou-se ainda uma dimensão de assistência visando a otimização da utilização do material provido.

Juntamente ao exposto, informa-se que como forma mais qualitativa de medir o impacto das melhorias no inglês foram entrevistados alunos de variados estados envolvidos no projeto e 66% dos estudantes entrevistados afirmaram que reconhecem ter adquirido conhecimentos relevantes para uma formação humana e integral. Já o número de professores oriundos dos estados piloto que consideram que ocorreu melhora da qualidade do ensino da língua inglesa nas escolas públicas é de 89% dos entrevistados.

Segundo os dados coletados pela fundação Lemann na primeira edição do curso de formação dos professores para o uso do material didático (*Training for trainers*) em 2021 inscreveram-se 789 professores, distribuídos entre os estados de Amapá, Pernambuco e Mato Grosso, tendo em vista que São Paulo e Paraná ainda não estavam na fase de implementação dessa frente do programa. Esse total foi menos do que o esperado devido aos desafios impostos pela pandemia e outras questões práticas levantadas pelos professores, como, por exemplo, ausência de tempo e modelos de engajamento. Mas o que há de relevante nesse ponto é que frente a esse número de baixa adesão, além de outros desafios de implementação a exemplo da cidade de São Paulo devido ao grande número de pessoas, o FCDO juntamente a seu parceiros reavaliou o formato desses cursos para adaptá-los às necessidades e sugestões dos professores após a primeira rodada de *feedback*, o que demonstra novamente a capacidade adaptativa de iniciativas paradiplomáticas.

Diante do exposto, é importante ressaltar que o programa atingiu seus objetivos em termos numéricos, porém enfrentou diversos desafios que foram evidenciados no subtítulo que analisou as falas dos entrevistados pelos funcionários envolvidos. Entretanto, apesar dos desafios enfrentados pelo *Skills*, de cortes de orçamento, pandemia, trocas de governo, entre outros mencionados anteriormente, o programa produziu um impacto muito significativo.

Os impactos do projeto em métricas quantitativas foram analisados na última seção e contribuíram para ilustração do argumento de que esse movimento paradiplomático empreendido entre os estados brasileiros e o Reino Unido tem contribuído para a otimização das políticas públicas brasileiras no âmbito do ensino do inglês. Diante de tudo isso, a próxima seção irá entrelaçar as ideias defendidas até o momento, procurando demonstrar a

relação causal que há entre o fenômeno da paradiplomacia, representado aqui pelo SFP, a consolidação do soft power para o Reino Unido e a melhoria das políticas públicas.

#### **PARTE IV. Paradiplomacia, *soft power* e otimização de políticas públicas**

##### **Aprendizagem do inglês como política pública**

Assim como apresentado em outra seção, o inglês tem importância mister na educação e formação profissional de jovens, ele configura-se como uma ferramenta de capacitação, um instrumento promotor de oportunidades e atualmente faz parte das diretrizes educacionais do Brasil que deveriam ser implementadas por políticas públicas estratégicas, que capacitassem os professores e estabelecessem padrões de qualidade para o ensino. Todavia, isso não corresponde à realidade das escolas brasileiras e se consideramos a conceituação de políticas públicas elaborada por Secchi, Souza Coelho e Pires (2019) e Laswell (1958) essas diretrizes e decisões para enfrentamento de problemas públicos, tem sido deficitárias em seu impacto, assim como corroborado pelos dados apresentados nas seções anteriores.

É então nesse cenário deficitário que o *Skills for Prosperity* atuou otimizando, pelo menos de forma local nos estados contemplados, as políticas públicas educacionais do ensino do inglês. Isso se torna evidente ao analisar que o SFP identificou os maiores desafios do ensino no País e empreendeu ações a fim de fornecer as secretarias instrumento de enfrentamento aos mesmos, como, por exemplo, os guias de referência produzidos em alinhamento a BNCC que orientaram os professores na produção dos planos de aula e atividades pedagógicas, visando o ensino coerente e de qualidade, além de entregar materiais didáticos que fossem atuais, alinhados às diretrizes nacionais, apelativos aos estudantes, atuando também na capacitação dos professores e na democratização do acesso à informação. É evidente, portanto, que todas as ações mencionadas contribuíram para melhoria do ensino do inglês e são relevantes por seu impacto duradouro, considerando-se que os materiais didáticos, os guias e as informações continuarão em posse das secretárias mesmo após o fim do programa, da mesma forma que professores irão perpetuar suas habilidades adquiridas nos próximos anos em sua atuação no ensino.

Dessa forma, a partir da atuação em eixos prioritários, o Reino Unido pesquisou e estudou quais eram as principais dificuldades do ensino e combinou esforços com instituições conhecedoras do contexto brasileiro e com expertise na área de implementação de políticas

públicas, elaboração de currículos e materiais de referência, apoio a docentes e diversos outros escopos de apoio educacional para desenvolver planos de ação que ajudassem a melhorar o ensino. É válido notar também que apesar de algumas das ações do projeto terem sido direcionadas aos estados piloto inicialmente, o programa expandiu seu escopo com a adesão de outros estados e municípios e fez questão de pautar-se sempre na democratização do acesso e da informação, disponibilizando de forma gratuita os materiais e concatenando informações relevantes a fim de auxiliar a orientação dos formuladores das políticas públicas no Brasil

Em vista do exposto, essa elucidação das ações do programa leva a conclusão de que o ele impacto muito positivo no ensino do inglês nos estados contemplados, assim como demonstrado pelos dados apresentados nas seções anteriores, os quais contaram com não só números de pessoas contempladas, materiais impressos e outros valores concretos mas também com entrevistas realizadas pelos implementadores do programa que refletiam as opiniões de que os professores e profissionais da educação de fato perceberam essa melhora.

### **Relação entre paradiplomacia *soft power* e políticas públicas**

A partir da definição de Halliday (2001) sobre *soft power* entende-se que ele compreende uma dimensão subjetiva de exercício de influência branda em outra nação; nesse sentido, ele não é consequência exclusiva da paradiplomacia. A diplomacia, na verdade, tem sido o eixo principal de exercício desse poder brando, porém ele é compreendido no contexto deste trabalho como consequência de ações paradiplomáticas, tendo em conta o escopo do caso estudado.

Dessa forma, a partir do momento em que o Reino Unido firma parcerias com entes subnacionais, o resultado esperado envolve certo grau de *soft power* exercido no Brasil. Apesar de a abordagem do programa não associar a língua inglesa ao inglês britânico e sim a uma língua franca, é colateral que haja uma marca de que aquele programa foi conduzido pelo governo britânico, e da mesma forma, o Reino Unido acaba se firmando como referência, assim como corroborado pela oficial de alcance externo no estado do Pará, que afirmou que as pessoas impactadas positivamente pelo programa vão associar isso ao governo britânico e vão falar sobre a iniciativa o que gera visibilidade e legado. (ENTREVISTADO 8, 2023).

Como métricas de impacto na mídia, o *British Council* identificou em relatório interno que foram mais 353 artigos circulados em jornais ou em sites, mencionando positivamente a



iniciativa do *Skills*. Nesse aspecto, foi identificado tanto pelas entrevistas quanto pela leitura dos relatórios sobre o programa que o *soft power* não era objetivo primário no *Skills* ele, na verdade era entendido como aquilo que o Reino Unido define como *Secondary Benefits* ou seja, benefícios colaterais que ocorreram em decorrência de sua atuação no Brasil. (RELATÓRIO INTERNO FCDO, 2023).

Diante disso entende-se então que o programa foi de fato instrumento para exercício do *soft power* do Reino Unido no Brasil, mesmo que não tenha sido o objetivo primário do *Skills*, e o governo britânico confirmou essa percepção em seus relatórios de avaliação dos benefícios secundários, e fez questão de capitalizar na sua presença como implementador desse projeto, ou seja, durante toda sua realização foi feito um trabalho de mídia para que o programa fosse sempre associado ao Reino Unido como seu encabeçador, assim como evidenciado na entrevista com a chefe de comunicação dos programas.

Mas é importante ressaltar que foi levantado nas entrevistas que a dimensão de longo prazo desse *soft power* ainda é incerta, tendo em vista que o programa terminou em março de 2023 e, mesmo que parte de suas ações tenham continuidade caso não haja um acompanhamento e envolvimento próximo da parte do Reino Unido, há uma possibilidade de que esse legado midiático e de influência positiva não tenha continuidade.

Ainda no intuito de relacionar os três conceitos centrais dessa pesquisa, é evidente que a paradiplomacia tem se tornado cada vez mais importante como instrumento de política pública nos países, especialmente em razão da globalização e da descentralização administrativa. Muitos governos subnacionais têm construído participação mais ativa na cena internacional como forma de solução de problemas e complementação das lacunas de políticas públicas insuficientes e essa ação pode trazer benefícios significativos para o desenvolvimento local, além de ocasionar grande *soft power* para o país estrangeiro envolvido, conforme demonstrado acima.

Dessa forma, argumenta-se que a paradiplomacia mostra-se como um eficiente mecanismo para que os entes subnacionais participem da defesa de agendas de política externa, por intermédio da cooperação como maneira de promover relacionamentos vantajosos de promoção de parcerias entre entes nações que tenham algo a oferecer e os entes subnacionais que tem necessidades locais.

É importante ressaltar ainda que assim como explicitado por Mercher e Pereira (2018) apesar de ser um fenômeno não necessariamente ligado à ação do governo central brasileiro (o da União), a paradiplomacia pode se desenvolver de forma totalmente entrelaçada a política externa e conseqüentemente a políticas públicas, e o estudo dessas três dimensões juntas traz diversas possibilidades interpretativas.

Assim sendo, depreende-se do caso em tela, que a paradiplomacia é vantajosa no âmbito da implementação das políticas públicas por eliminar diversas burocracias e morosidades oriundas de uma cooperação tradicional, por exemplo, que precisaria passar por diversas instâncias federais, enquanto que as decisões e processos administrativos decorrentes da implementação de programas de cooperação como o caso do SFP são feitos de forma mais célere e direta, pois o governo britânico lidava sem intermediários com as secretarias de educação estaduais, e conforme colocado pelos entrevistados um, quatro e cinco e esse canal direto proporciona maior adaptabilidade, capacidade de personalização de ações, e facilidade em resolver questões e manter diálogo.

Além de também atender às necessidades estatais de forma personalizada, fornecer opções de financiamento e apoio técnico para além das capacidades normais da região e proporcionar um contato mais direto e rápido entre os envolvidos, o que permite que as necessidades locais sejam de fato ouvidas e os entraves sanados com mais celeridade. Portanto, esse fenômeno traz para os dois países envolvidos, imensas vantagens como no caso do SFP em que as secretarias tiveram acesso a materiais, cursos, documentos, consultoria tudo isso com um custo apenas de impressão dos materiais, que é algo que elas já fariam independentemente, além do benefício secundário de alinharem-se com um país de grande relevância no cenário internacional e atraírem para si maior prestígio e visibilidade. Enquanto que o Reino Unido divulgou seu idioma e sua cultura, recebeu publicidade positiva, angariou oportunidades comerciais e aumentou seu portfólio de contatos e possíveis parceiros conforme explicitado nos relatórios internos de balanço de benefícios secundários elaborados pelo governo britânico, bem como mencionado diversas vezes nas entrevistas da maioria dos interlocutores.

### **Papel da paradiplomacia como consolidador de políticas públicas**

Entende-se, então, à luz de todos os dados apresentados, que o *Skills for Prosperity* como uma iniciativa paradiplomática atuou como instrumento de desenvolvimento local ao

otimizar as políticas públicas existentes no ensino do inglês no ensino fundamental em suas regiões de atuação. Ele o fez, a partir dos aspectos que já foram ressaltados ao longo do texto, de que sua ação perpassou a ideia de fornecer instrumentos para enfrentamento das dificuldades encontradas nas redes públicas. A atuação paradiplomática por meio dos eixos da divulgação de informações, capacitação de professores, disponibilização de materiais, realização de oficinas, cursos e eventos e valorização das expertises de instituições locais, para além de um apoio pontual, empoderou alunos e professores, bem como as secretarias de educação locais e beneficiou amplamente Brasil e Reino Unido no âmbito dos objetivos de promoção do bem-estar social com o auxílio do ensino do inglês.

### **Considerações finais**

A presente pesquisa dedicou-se a explorar as características da cooperação paradiplomática no intuito de demonstrar sua relevância e seu potencial como agente do desenvolvimento local. Identificou-se que ela é uma tendência global crescente que se encontra bastante consolidada no Brasil e que decorre de um processo de inclusão e legitimação de novos atores dentro das relações internacionais. Então, a partir da percepção de que o Estado-nação não é agente unitário na seara internacional, os estados, cidades e municípios vêm ganhando cada vez mais espaço na área internacional, e isso implica maior participação deles nos espaços de discussão da política externa do Brasil, ainda que em nível subnacional.

Identificou-se também que ações paradiplomáticas ensejam benefícios mútuos para o país implementador e para as entidades receptoras, e que seu formato possui diversas vantagens que favorecem a implementação de dispositivos de cooperação personalizada que assim como no caso do *Skills* ajudam na promoção de melhorias em diversos setores, como no caso do estudo selecionado foi feito na educação, no âmbito do ensino de inglês.

Tem-se então que o entendimento da dinâmica das interações em âmbito paradiplomático mostram-se muito relevantes para que se analise as possibilidades e limitações desse tipo de cooperação no Brasil. Evidenciou-se com o presente estudo de caso o potencial de impacto e os benefícios dessas interações e por isso é importante que se volte os olhares a ela pois ela pode ser grande aliada na política internacional, proporcionando bem estar social de alavancando o desenvolvimento desses entes supranacionais em âmbitos,

socioculturais, econômicos, ambientais, de saúde, de educação dentre as inúmeras outras possibilidades de cooperação paradiplomática.

O leque de temas e agendas objeto de paradiplomacia é imenso e por isso é muito importante que se estude e se divulgue a relevância dessas parcerias, da mesma forma que construa uma compreensão de suas limitações para que ela possa continuar a ser aplicada no Brasil de forma benéfica para o país como um todo e para o empoderamento desses entes. Pois quando partes do país se fortalecem conseqüentemente isso contribui para melhorias graduais da situação nacional.

Constatou-se ao longo da pesquisa que o *Skills for Prosperity* é de fato um exemplo de que a cooperação paradiplomática pode atuar na melhoria e complementação de políticas públicas ao mesmo tempo que proporciona um benefício secundário de promoção do *soft power* aos países envolvidos, como foi o caso do Reino Unido que considerou o projeto como um caso de sucesso frente a seus objetivos de entregas e formação de boas relações e influência, tendo em vista que em seus três anos de realização o *Skills* gerou publicidade positiva para o governo britânico e contemplou mais de dois milhões de alunos e quatorze mil professores nos cinco estados piloto, com materiais, capacitações, melhorias no ensino, e documentos referenciais alinhados às diretrizes brasileiras.

Entende-se como relevante mencionar também que o estudo teve algumas limitações e que outras pesquisas sobre a paradiplomacia podem ter abordagens e argumentações diferentes em decorrência de tal fato. Dentro disso, evidencia-se que em relação à condução de entrevistas, foram selecionados funcionários envolvidos na condução do programa SFP, mas a amostragem, foi pequena e por isso suas visões não representam a totalidade da percepção acerca da implementação do mesmo no país, além do fato de que as percepções evidenciadas advêm de contexto proveniente de um pano de fundo estatal do Reino Unido associado majoritariamente aos interesses do país, e, portanto, possui suas limitações na construção de uma percepção acerca do *soft power* e do papel da paradiplomacia devido a seu caráter "unilateral". Da mesma maneira que a faceta da paradiplomacia abordada no trabalho refere-se à cooperação em um setor específico e pode não refletir de maneira completa as características do fenômeno no Brasil tendo em vista que ela acontece nos mais variados formatos, envolvendo uma miríade de temas e participantes, não se resumindo apenas a esse formato de cooperação do SFP.

Compreende-se, ademais, que devido à relevância que esse fenômeno adquiriu no Brasil e seu potencial de motor do desenvolvimento local, é fundamental que se continue estudando-o e que a academia siga questionando visões centradas apenas no Estado, a fim de que os atores diversos tenham visibilidade e que as imensas possibilidades de cooperação para além da diplomacia tradicional, continuem sendo exploradas e utilizadas na promoção dos interesses locais e de relações internacionais mais plurais e participativas.

## REFERÊNCIAS

BRITISH COUNCIL. **Bem vindo ao British Council Brasil**. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/>. Acesso em: 14 de março de 2023.

BRITISH COUNCIL. **Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas**. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/quadro-comum-europeu-de-referencia-para-linguas-cefr/>. Acesso em 10 jun. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1977.

BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. **Local y global: la gestion de las ciudades en la era de la información**. Madrid: Taurus. 1977.

BYRAM, Michael. **Cultural studies in foreign language education**. Cleveland, England: Multilingual Matters. 1997.

COSTING, C. **Educação: quem sabe faz a hora**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.

CRESWELL, J. W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 5th ed. Los Angeles: SAGE, 2018.

CRYSTAL, David. **English as a Global Language: Second Edition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DUCHACEK, Ivo. D. (1990), “**Perforated Sovereignities: towards a typology of new actors in international relations**” In: MICHELMANN, Hans J. SOLDATOS, Panayotis. *Federalism and International Relations: the role of subnational units*. New York: Oxford University Press,

DUNN, Kevin, IVER, Neumann. **Undertaking Discourse Analysis for Social Research**. Ann Arbor: University of Michigan Press. 2016.

DYE, Thomas D. **Understanding Public Policy**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall. 1984.

FINK, A. **Conducting research literature reviews: From the internet to paper**. Sage publications, 2010.

FUNDAÇÃO LEMANN. **Quem somos.** Disponível em: <https://fundacaolemann.org.br/institucional/quem-somos>. Acesso em 15 mar. 2023.

GERRING, J. **Case Selection for Case-study Analysis: Qualitative and Quantitative Techniques.** In J. Box-Steffensmeier, M., H. E. Brady, & D. Collier. Oxford: Oxford University Press. 2008.pp. 645-684.

GUBRIUM, Jaber F., HOLSTEIN, James A, MARVASTI, Amir B., MCKINNEY, Karyn D. (Eds.) **The SAGE Handbook of Interview Research. The complexity of the craft.** 2nd ed. London et al: Sage. 2012.

HALLIDAY, Fred. **The World at 2000.** London: Palgrave, 2001.

HART, C. **Doing a literature review: Releasing the social science research imagination.** Sage Publications, 1998.

HOCKING, Brian. **Regionalismo: Uma Perspectiva das Relações Internacionais.** In: VIGEVANI, Tullo (org.). A Dimensão Subnacional e as Relações Internacionais. São Paulo, EDUC, Fundação Editora da UNESP/EDUC, 2004.

INSTITUTO REÚNA. **Conheça o Reúna.** 2019. Disponível em: <https://www.institutoreuna.org.br/sobre-nos/conheca-reuna>. Acesso em: 15 mar 2023.

JUNQUEIRA, Cairo Gabriel Borges. **Paradiplomacia: a transformação do conceito nas relações internacionais e no Brasil.** BIB, São Paulo, n. 83. 2018. pp. 43-68.

JUNQUEIRA, Cairo Gabriel Borges. **A criação das Secretarias Municipais de Relações Internacionais (SMRIS) como nova realidade da inserção internacional dos entes subnacionais brasileiros.** Boletim de Economia e Política Pública Internacional, n. 21. 2015. p. 71-83.

KALPOKAITE, N., & RADIVOJEVIC, I. **Demystifying Qualitative Data Analysis for Novice Qualitative Researchers.** The Qualitative Report, 24(13), 44-57, <https://nsuworks.nova.edu/tqr/vol24/iss13/5>. 2019

LASWELL, H. D. **Politics: Who gets What, When, How.** Cleveland, Meridian Books, 1958.

LOPES, R. S.; BAUMGARTNER, C. T. **Inglês como língua franca: explicações e implicações.** The Specialist, [S.l.], v. 40, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/37053>. Acesso em: 25 abr. 2023.

MANZUR, Tânia M. P. G. **Análise de Política Externa: conceitos, fundamentos, métodos e metodologias.** Notas de sala de aula da disciplina Análise das Relações Internacionais do Brasil, 2º semestre de 2022. Universidade de Brasília, Instituto de Relações Internacionais, 2022.

MARTINELLI, Tatiana. **Soberania nacional e suas limitações: uma análise das possíveis limitações causadas pela integração regional e pela inserção internacional dos governos subnacionais.** In: CEDEC-UNESP-FGV/SP. Gestão pública e inserção internacional das cidades. 2o Relatório Científico. São Paulo: CEDEC, 2007.

MERCHER, Leonardo; PEREIRA, Alexsandro. E. **Paradiplomacia como Política Externa e Política Pública: modelo de análise aplicado ao caso da cidade do Rio de Janeiro.** Rev. Carta Inter. Belo Horizonte, v. 13, n. 2, 2018, p. 195-222.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

NOVA ESCOLA. **Quem somos**. 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/quem-somos>. Acesso em 15 mar. 2023.

NUNES, Carmen Juçara da Silva. **A Paradiplomacia no Brasil: O Caso do Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

NYE, Joseph S. Jr. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. PublicAffairs Books. 2005.

OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA INGLESA. **Programa Skills for Prosperity**. 2020. Disponível em: <https://www.inglesnasescolas.org/programa-skills-for-prosperity/>. Acesso em 03 mar. 2023.

OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA INGLESA. **Biblioteca Skills for Prosperity**. 2020. Disponível em: <https://www.inglesnasescolas.org/nossas-producoes-skills-for-prosperity/>. Acesso em 03 mar. 2023.

OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA INGLESA. **Panorama do Ensino de Inglês. 2020**. Disponível em: <https://www.inglesnasescolas.org/oferta-de-ingles/>. Acesso em 03 mar. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**. s/d. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 05 abr 2023.

PETERS, B.G. **American Public Policy**. Chatham, N.J. 1986.

POLITIZE. **Advocacy: o que é**. 2017. Disponível em: <https://www.pilitize.com.br/advocacy-o-que-e/>. Acesso em: 05 abr. 2023.

RAND. **Coherent Instructional Systems**. 2023. Disponível em: <https://www.rand.org/education-and-labor/projects/coherent-instructional-systems.html>. Acesso em 20 jun. 2023.

RIBEIRO, Maria Aparecida de Moraes. **Globalização e Novos Atores: A Paradiplomacia das Cidades Brasileiras**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SANCHEZ, Michelle Rattton et al. **Política externa como política pública: uma análise pela regulamentação constitucional brasileira (1967-1988)**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 27, p. 125-143, nov. 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SATOW, E., **A Guide to Diplomatic Practice**, London, 1958.

SECCHI, Leonardo; COELHO, Fernando de Souza; PIRES, Valdemir. **Políticas Públicas: Conceitos, Casos Práticos, Questões de Concurso**. 3ª. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2019.

SILVA, Guilherme Pacelli Ribeiro da; RIZZI, Kamilla Raquel. **A paradiplomacia como instrumento de políticas públicas: uma análise da atuação governamental de**

**Campinas/SP com atores estatais e não estatais da República Popular da China (2009-2020).** [s.l.]: [s.n.], 2021.

SOLDATOS, Panayotis. **An Explanatory Framework for the Study of Federated States as Foreign-policy Actors.** In: MICHELMANN, H. J. SOLDATOS, P. (orgs.), *Federalism and International Relations: the role of subnational units.* Nova York: Oxford University Press, 1990.

SOUZA, G. **Internacionalização de cidades e seus determinantes locais: um mapeamento da paradiplomacia municipal.** Monografia (Graduação em Relações Internacionais) - [Universidade Federal da Paraíba], João Pessoa, 2022.

SOUZA, Celina. **Políticas públicas: uma revisão da literatura.** *Sociologias*, Porto Alegre, v.8, n.16, p.20-45, jul./dez. 2006.

UNESCO. **The use of vernacular languages in education.** Monographs on fundamental education –VIII. Paris: UNESCO. 1953

VIOTTI, P.; KAUPPI, M. V. **International Relations Theory: realism, pluralism, globalism and beyond.** 3a. ed. Needham Heights: Boston : Allyn and Bacon, 1999.

YIN, Robert K. **Case Study Research: Design and Methods.** 5th ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2014.



## APÊNDICES

### APÊNDICE A-ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Boa tarde/bom dia! Primeiramente gostaria de agradecer novamente pela sua participação e disponibilidade.

Conforme conversamos essa entrevista será gravada e posteriormente transcrita para fins da pesquisa, os dados coletados serão utilizados apenas no presente trabalho, e respeitando o sigilo da informação fornecida, tendo em vista a não publicização dos resultados do projeto e de demais informações confidenciais da organização.

A entrevista será estruturada em 7 perguntas previamente definidas e irá compor a coleta de dados no trabalho de conclusão de curso em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília, com a temática de Paradiplomacia como instrumento para consolidação de *soft power* e agente de políticas públicas: o caso da parceria Reino Unido-Brasil para aprendizagem do inglês no ensino fundamental.

Nosso diálogo pretende entender a dinâmica da atuação do *British Council* e do governo britânico escopo dessa cooperação paradiplomática através das percepções de seus funcionários e dos representantes brasileiros do Reino Unido envolvidos no projeto *Skills for Prosperity*

A Abordagem utilizada é a combinação de métodos qualitativos e quantitativos a fim de testar a hipótese de que a paradiplomacia para além de uma ferramenta de *soft power*, tem atuado como complemento a políticas públicas, fazendo com que elas se tornem mais eficientes. Então a pesquisa visa compreender a dinâmica da atuação do *British Council* e do governo britânico no projeto, como estudo de caso dessa visão acerca da importância da paradiplomacia.

1. Poderia falar qual seu cargo na organização e descrever em qual escopo se dá o seu envolvimento com o programa.
2. Como você descreveria os objetivos principais do SFP?

3. A partir da sua experiência profissional e vivência, você enxerga que a cooperação internacional através da paradiplomacia é um instrumento eficiente para promoção da cultura, e da educação? E para vocês quais são os critérios para definir essa eficiência?
4. Você, como brasileira, enxerga que o Reino Unido poderia, com essa iniciativa, de fato suprir uma demanda que não pôde ser suprida por políticas públicas pelo governo brasileiro? Quais vantagens você enxerga para as prefeituras em estabelecer parcerias como essas? E quais seriam as possíveis desvantagens? E para o governo do Reino Unido, quais vantagens e desvantagens a iniciativa traz?
5. Existem outras iniciativas análogas (em termos de divulgação da cultura por meio do incentivo ao conhecimento do idioma) feitas por outros países, com bolsas para ensino superior e divulgação cultural. O Reino Unido não foi exatamente o pioneiro nisso; você enxerga que o governo britânico entende que o programa é algo inovador e muito importante para a pauta de engajamentos no Brasil ou se é semelhante a outras iniciativas existentes e feita como algo mais de praxe sem grande espaço na pauta prioritária da diplomacia com Brasil? Em que medida seria inovador? Ou em que aspectos especificamente? Gostaria de entender se vocês enxergam o programa como uma forma de os britânicos exercerem *soft power* no Brasil. Há alguma diretriz governamental do governo britânico em desenvolver instrumentos de *soft power*, e essa iniciativa seria um deles
6. Fazendo um balanço geral do projeto que agora chegou ao final no Brasil, você enxerga que no longo prazo os efeitos dessa cooperação serão associados ao Reino Unido, e fortaleceram sua imagem no Brasil e na comunidade internacional?
7. Quais são os principais desafios enfrentados na implementação de programas como o SFP que envolve o complexo processo de aprendizagem de línguas estrangeiras no ensino fundamental? E como você enxerga que a cooperação através da paradiplomacia pode ajudar a superar esses desafios?

## **APÊNDICE B- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 1 COORDENADORA DO PROGRAMA SKILLS NA EMBAIXADA**

### **Orador 1**

Você poderia começar falando qual o seu cargo na organização e qual o escopo do seu envolvimento no programa?

**Orador 2**

Meu cargo é *head* do programa *Skills for Prosperity* então eu sou a coordenadora do programa, eu sou atualmente a única responsável pelo programa.

**Orador 2**

Meu envolvimento no começou mais ou menos em Abril, de 2022 portanto, há 1 ano, exatamente um ano, é um envolvimento total, sua coordenadora e líder. O programa é implementado pela Fundação Lemann mas eu tenho todo, digamos, gestão do programa e coordenação política, representação do Reino Unido dentro do programa, comunicação com o FCDO central é feita toda por mim. Enfim, eu sou a líder do programa para o Governo britânico.

**Orador 1**

E como você descreveria quais são os objetivos principais do SFP?

**Orador 2**

Ampliar o acesso à língua inglesa, promover o ensino de língua inglesa de qualidade, na rede pública brasileira.

**Orador 2**

O principal assim, mas a gente fala também em ampliar acesso ao ensino do inglês de qualidade, então, é de forma gratuita, ampliar acesso que a gente tenta fazer, que seja da maneira mais democrática possível.

**Orador 2**

Então a gente chega nas redes públicas e a gente tenta chegar em todas as regiões,? Então a gente tenta fazer com que ele chegue onde o inglês já não está, nas principais capitais e tal e tem um pouco um recorte transversal de gênero e raça, mas é transversal porque, como ele é aplicado na rede pública de ensino, a gente não pode obviamente, recortar falar, gente, vou dar um material só para as alunas meninas ou só para os alunos pretos e pardos indígenas.

**Orador 2**

Porquê isso nem poderia ser feito dentro da lei brasileira, não de ensino. Você não pode chegar numa rede pública, oferecer materiais para alguns alunos, não para outros. Mas a gente tenta quando, desenhou os os materiais, É o material foi desenhado principalmente com professoras mulheres negras das regiões, principalmente do Nordeste e Norte. Então teve esse recorte na hora de desenhar esses materiais didáticos. Tanto para os alunos quanto para os professores, e então ele tem também um objetivo de ampliar esse acesso e de tentar fazer com que esse acesso à língua inglesa de qualidade seja o mais inclusivo possível, não?

**Orador 1**

É na sua experiência profissional e vivência dentro desse contexto do *Skills*, você enxerga que a Cooperação Internacional através dessa paradiplomacia foi um instrumento eficiente na promoção da cultura e da educação. E qual seria assim o seu critério de eficiência, né? Já que é um conceito Subjetivo

**Orador 2**

Eu acho que, ele foi sim eficiente na difusão das do *soft power* da cultura britânica, eu acho que é, as secretarias de educação municipais estaduais valorizaram muito que era o Governo britânico. O Governo britânico tem uma marca forte. Principalmente quando a gente fala de cultura, assim o Reino Unido, o inglês britânico é muito associado com a Europa, com cultura antiga, com história, educação de qualidade, né? As universidades, elas são muito reconhecidas, então tem um *soft power* para além de apenas a língua inglesa.

**Orador 2**

Tem uma questão aí de a marca do Reino Unido ser muito valorizada pelas secretarias estaduais municipais. Tanto que em algumas chamadas de vídeo ou alguns contatos que a gente fazia com as secretarias que ia só Fundação Lemann ou só outros parceiros do consórcio, a nova escola é e sempre existia um pouco de frustração do Secretário, ou das diretoras de escola ali presentes de ah porque que não tem ninguém no Governo britânico.

**Orador 2**

Então tinha um pouco essa assim que um essa relevância, eu acho que isso levou essa marca, só que o que eu acho que também o projeto tem de interessante é que ele ele vê o inglês como língua Franca e não só como língua do Reino Unido, então ele não tinha um intuito de levar a cultura britânica exatamente para as escolas. O material foi desenhado com os professores das redes de cada região do Brasil estão Amapá, no Norte de Pernambuco, no Nordeste, Mato Grosso do Sul, no centro-oeste, São Paulo, no Sudeste, Paraná, no Sul os professores destas redes, né? Professores de inglês, dessas redes foram convidados para desenhar o material junto, então, levando em conta a diversidade regional. A identidade brasileira, a identidade racial, cultural, então o livro tem é ele não é um livro só de cultura britânica, pelo contrário, ele não é um livro que tem o Ônibus vermelho, a Rainha, as comidas britânicas, Ele é um livro que tem as alunas pretas. Os alunos falando de cuscuz, de mandioca, de Chimarrão, ele não tinha esse viés de levar a cultura britânica exatamente.

**Orador 2**

Porém, quando a gente apresentava para a Secretaria toda relação que a gente continua tendo com as secretarias, tem muito esse intuito de levar o inglês como porta, que vai abrir a porta para oportunidades.

**Orador 2**

Então tem esse elemento de *soft power* do inglês permitir todo um acesso ao mundo *tech* e aí no mundo tech a gente sempre reforça quanto o Reino Unido é importante e no mundo da inovação, o Reino Unido é muito importante, então a gente traz o Reino Unido mais nesse aspecto de mundo global, mundo conectado é carreiras do futuro.

**Orador 2**

E quanto o Reino Unido está bem posicionado aí mais do que a língua inglesa como britânica, entende então o *soft power* de colocar a marca Reino Unido é mais nesse sentido do inglês como *enabler* de oportunidades, de tech de inovação de um mercado de trabalho mais conectada e o Reino Unido dentro disso.

**Orador 1**

Mas você acha que no quesito de promoção da educação, ele alcançou essa eficiência?

**Orador 2**

Sim é assim, as secretaria tem contextos muito diferentes, muito desafiadores, tem o seu próprio ritmo, muito burocrático. Muitas vezes muita troca de governo. A gente pegou trocas de governo, né? No caso municipais em 2020 e depois 2022 estaduais, então a Gente pegou 2 trocas de governo

**Orador 2**

Isso obviamente trocou muitos quadros porque a Secretaria de Educação é muito chave, né? Então troca um governador, ele troca o Secretário ou Secretária e várias vezes o Secretário, trocas os quadros técnicos e aí a gente tinha que meio que relembrar o que era o *Skills for Prosperity*, refazer alguns dos laços

**Orador 2**

Então eu acho que foi eficiente considerando esses desafios, ele não foi super rápido. Eu acho que ele poderia ter tido, ele teve mais menos 3 anos, talvez ele poderia ter tido 5, porque ele teria um pouco mais de meios de medir eficiência, porque a gente começou a ter uns impactos agora. No terceiro ano, no último ano do programa, por conta da pandemia, a gente tem que pensar que a pandemia afetou demais as secretarias de educação, porque foi todas as os alunos começaram *on-line*.

**Orador 2**

Foi uma loucura, tinha Secretaria que não estava minimamente preparada, que teve que mudar do começar do zero, algumas coisas.

**Orador 2**

Então para a gente chegar com o programa de inglês para medir o resultado da eficiência desse programa de educação, muitas secretarias lidavam com essa prioridade estavam falando, a gente tem que primeiro garantir que os alunos vão ter aula para depois pensar em parceria com o Governo britânico chegar em inglês, não chegar em Inglês, então assim.

**Orador 2**

Foi desafiador o contexto para poder dizer que foi eficiente ou não, entendeu assim com com precisão, a gente tem um time de avaliação que está fazendo agora, e que tem esses desafios de que agora que você começa a ver um pouco de resultado e de novo, a gente também está falando de educação, educação é muito longo prazo não é um programa de a levar alimentos levou não levou de levar a construir x casas, construiu, não construiu depois de 1 ano, não educação para você ver a eficiência, os resultados têm um período mais longo. É pra você ver se esse aluno melhorou o inglês, o professor melhorou inglês, então algumas redes estão fazendo os exames para proficiência, inclusive, a gente chegou com o DBT também levando esse exame de proficiência e a gente concluiu que sim alguns professores tiveram o seu nível de inglês melhorado, mas é isso, ainda está um pouco cedo, né? É conclusivo que ele foi impactante e que foi positivo, mas a escala disso ainda está se desenhando, mas o pouco que a gente avaliou a gente avaliou essas 5 redes piloto já dá para ver o impacto, mas é isso ainda tímido. Mas mas existe e é positivo.

**Orador 1**

Acho que, falando em eficiência de curto prazo com relação ao impacto, entendo que foi eficiente, mas no longo prazo de fato na educação mesmo ainda é um pouco difícil de dizer, né? Pelo curto prazo.

**Orador 1**

É bom você como brasileiro, enxerga que o Reino Unido supre uma demanda da das dificuldades do governo brasileiro e quais as vantagens você enxerga para as prefeituras e estabelecer esse tipo de parceria? Quais as possíveis desvantagens? E da mesma forma para o lado do Reino Unido, quais as vantagens, e desvantagens da iniciativa dos Skills?

**Orador 2**

Olha de novo trabalhar com rede pública. A gente trabalha com um currículo que é obrigatório, então o Reino Unido nem pode dizer, ah nós viemos, nós vamos mudar este

currículo porque existe uma lei, existe uma lei de uma diretriz curricular que toda a rede pública tem que seguir, porque é do MEC.

**Orador 2**

Todas as secretarias de educação estaduais e municipais têm aquela orientação e elas têm que usar, então elas têm que as escolas têm que usar um material de inglês.

**Orador 2**

A gente nem chegou com um material de inglês novo, então quando a gente fala de suprir, eu acho que complementa, eu acho que agrega.

**Orador 2**

Mas não tem como suprir no sentido de substituir o material de inglês que as redes públicas são obrigadas a usar, porque isso a gente nem poderia fazer.

**Orador 2**

Enquanto um governo externo chegar numa rede pública e falar usem esse material em vez do material que o MEC dá, nem pode fazer isso.

**Orador 2**

Mas agregou sim, agregou muito porque foi usado como material complementar. Isso teve um feedback muito positivo dos professores. E de novo como eu falei, cada Secretaria tem um contexto muito específico.

**Orador 2**

E a gente, eu acho que foi um grande ganho também do programa de não querer impor um formato

**Orador 2**

E pro *Skills* ser implementado, a gente deixou cada Secretaria fazer do jeito que fazia mais sentido para ela e aí isso deixou muito mais adaptado a cada contexto e aí claro que mais eficiente, porque se a gente chegasse com formato mais rígido e tivesse que ficar martelando aquele formato na Secretaria, a Secretaria não teria como.

**Orador 2**

E aí, algumas secretarias usaram em escolas piloto, algumas usaram em todas as escolas, algumas usaram o material como biblioteca, algumas usaram como só para dever de casa. Outras usaram complementar já na própria aula em combinação com o Livro obrigatório.

**Orador 2**

Então por isso também que os resultados são diferentes, porque não há nada igual. Tiveram escolas que usaram muito o livro no dia a dia do estudo, temos escolas que optaram por usar como biblioteca a biblioteca, os alunos usam bem Menos, não é?

**Orador 2**

E então têm secretarias, têm redes escolares, que tem mais um pouco mais de ensino de inglês, tem escolas que são praticamente bilíngues, mesmo sendo públicas, né? Tem outras que são escolas piloto de línguas que têm muito mais aulas de inglês.

**Orador 2**

Tem escolas que estão com defasagem de professor, então é difícil a gente chegar num resultado né? Como foi para todas?

**Orador 2**

E aí eu acho quais são as vantagens? Eu acho que tem uma visibilidade muito bacana que as secretarias valorizam muito de ter uma parceria com o Reino Unido. Assim para várias, para além da do aporte educacional do do ensino do inglês lá dos livros muito bons, Para muitas secretarias e um marketing mesmo muito positivo dela ter assinado uma adesão com um programa, uma parceria com o Governo britânico. Todas postaram isso nas suas redes com super ênfase, nas redes sociais nos seus sites oficiais da prefeitura. Então é assim, teve um, tem uma vantagem diplomática mesmo pra Secretarias, dentro de paradiplomacia.

**Orador 2**

Então essa Secretaria poder falar essa prefeitura ou Estado, Governo estadual, poder falar que tem uma parceria com o Governo britânico em curso é para ele já é um é um marco grande, é um feito grande. Eles usam isso para se aproximar de outros governos, então eles têm projetos também com governo Americano, o Governo francês, vai ter já a parceria com governo bratnacio já acontecendo também abre portas para eles terem paradiplomacia com outros governos.

**Orador 2**

E aí eu acho que vale ressaltar que, especialmente no contexto dos *Skills* nesta época, a gente está falando de um governo no mandato do Governo Bolsonaro, em que o Ministério da Educação no nível federal estava um pouco fechado a parcerias com outros governos interna.

**Orador 2**

Então a paradiplomacia com os estados e com os municípios foi uma mão cheia. Assim foi, foi muito acertado. Foi uma escolha muito acertada e conseguiu ser muito mais produtiva. E aí, quando você pergunta, foi vantajoso para o Reino Unido e foi vantajoso para as prefeituras



e governos, foi muito para ambos, porque estava também num contexto em que não existia muito esse diálogo com o Governo federal, nem para o Reino Unido e nem para a sua secretarias.

**Orador 2**

Então, foi o jeito também dessas secretarias contornarem um pouco esse fechamento de portas, e poderem fazer essas relações sem ter um pouco a tutela ou controle do Governo federal, elas poderem bem livremente, autonomamente, dialogar diretamente, com o Reino Unido, diretamente com o país. Apesar dos Estados e municípios não serem países, né? Então para tipo uma?

**Orador 2**

E lembrando também que o período específico foi quando o inglês passou a ser obrigatório no ensino fundamental 2.

**Orador 2**

Só que foram dois *timings* do Governo Federal inglês, obrigatório no ensino fundamental 2 e é novo ensino médio.

**Orador 2**

Os SFP não lida com ensino médio só fundamental, mas a parte do livro didático, mas o curso online para os professores e para professores de todos os níveis, incluindo professores de ensino médio de ensino fundamental um. E então foi um timing em que o MEC e o Governo federal, o Ministério da Educação dá toda uma nova orientação para os para os municípios, e estados. Mas não necessariamente mantém um diálogo constante, não necessariamente faz um monitoramento ali detalhado de como esse inglês vai ser implementado no fundamental 2, por exemplo.

**Orador 2**

É o novo ensino médio, teve a questão das carreiras, e essa orientação e muitas redes municipais e governamentais estaduais queriam colocar um elemento Internacional, então carreiras internacionais, como a gente pensa, pode pensar isso, como a gente pode fazer uma eletiva no ensino médio em inglês? Como que a gente pode fazer uma eletiva do ensino médio sobre Culturas internacionais e aí o Reino Unido entrar dentro disso com outros países;

**Orador 2**

Então foi um momento em que teve uma orientação, uma imposição, mas não no sentido negativo, mas teve essa é essa orientação, do Governo federal, para que as secretarias

implementem o novo ensino médio, mas sem necessariamente esse apoio. No fim, no ali o Reino Unido entrando teve esse apoio, por exemplo, para o inglês.

### **Orador 2**

E para o Reino Unido abre portas nesses lugares, então as secretarias ganharam com isso e o Reino Unido ganhou porque o Reino Unido tem interesse em ter relações direto com os Estados, porque às vezes tem questões que é entre Londres e São Paulo, entre uma cidade portuária do UK e uma cidade portuária daqui, Santos, por exemplo, então chegar nessas redes sem ter que necessariamente sempre passar pelo Governo federal é muito interessante em outros mandatos também. Então é uma Paradiplomacia que se desenvolveu muito nesses últimos 4 anos, mas ela vai continuar. O que se construiu, vai continuar. Eu acho que vai ser em benefício dos dois lados, pros estados e municípios e pro UK.

### **Orador 1**

É, considerando que já existem outras iniciativas parecidas, em termos de divulgação de cultura e idioma. O Reino Unido não foi então pioneiro. Você acha que o Governo britânico entende o programa como inovador e importante nos engajamentos do Brasil nesta pauta? ou se ela já não é, não tem tanto espaço na pauta prioritária da diplomacia.

00:18:34 Orador 1

E em que medida você enxerga o programa como algo inovador?

### **Orador 2**

Olha ele é inovador no sentido de que, Como eu falei, ele vê o inglês como língua franca, então apesar dele ser um programa britânico, mas ele trouxe o inglês como língua Franca.

### **Orador 2**

Ele trouxe muitos elementos de países, é africanos, anglófonos de outros países, enfim, ele é inovador neste ângulo, ele é muito inovador mais do que tudo no desenho dele, porque ele desenhou, ele não foi *top down*, né. Ele não foi vertical ali que o Reino Unido criou uma pessoa de *Cambridge*, é dos livros didáticos. Né a Pearson criou um material ali super é britânico, britânico cêntrico e jogou aquele material no Brasil e foi uma coisa super *top down*.

### **Orador 2**

Foi muito inovador e pioneiro no sentido que foi o primeiro programa que chamou os professores da rede pública brasileira de contextos muito específicos para desenhar esse material, então ele é um material super voltado pro aluno brasileiro, Como Eu falei, ele tem referências dos alunos brasileiros, da raça, do contexto dos alunos brasileiros, tem professor do Amapá que desenhou, então não é o aluno chegando de de trem e de roupa de frio bem

britânico, é o aluno chegando de barco na escola, porque a professora do Amapá estava envolvida, então isso é muito inovador. Isso a gente não tem um registro, pelo menos que a gente saiba. Que outros países tenham feito assim dessa forma tão inclusiva e democrática com os professores da rede pública.

### **Orador 2**

É e aí, em termos da prioridade dentro do UK, isso foi uma questão, sim, é uma questão problemática até negativa, porque Educação não está entre as *Top Top* prioridades para o FCDO, principalmente. A gente não está falando aqui do BC, por exemplo, e aí eu acho que também é um desafio, porque o BC é uma gente aqui focada exclusivamente em educação e cultura.

### **Orador 2**

O mandato deles é muito isso, é isso? A prioridade deles, obviamente, vai ser essa. Então é óbvio que o Skill estaria prezado por eles.

### **Orador 2**

Só que esse Programa foi um programa do FCDO. Ele era um programa do *Prosperity Fund* Ele era um programa do Governo britânico do FCDO ele não era um programa do *British Council*, ele só entrou muito depois ali no desenho para entregar uma partezinha que eram meninas que vão a além que é esse programa com organizações da sociedade civil que trabalham com empoderamento de meninas negras.

### **Orador 2**

*British Council* entregou essa partidinha que é uma entre 5 ou 6 e outras partes do programa, que inclui material didático. O curso online para os professores, né? Então a nova escola, entrou o Instituto Reúna entrou, foi liderado pela Fundação Lemann.

### **Orador 2**

Ele não é um programa encabeçado e financiado pelo *British Council*, ele é encabeçado e financiado pelo FCDO.

### **Orador 2**

O FCDO não tinha educação como uma prioridade Top Top pro Brasil, ultra prioridade para o Brasil, não tinha, as prioridades do para o Brasil são *trade, security e climate*.

### **Orador 2**

Então a educação não está nesse *top* de prioridades. A gente sabe que o ensino de inglês é muito importante, é uma ferramenta que *soft power* é muito importante para para o Reino Unido.

**Orador 2**

E a gente sabe que tem quando a gente fala de *trade*, a gente fala um pouco de uma agenda comercial, então tem o time do dia DBT *Education* em São Paulo, que pode ganhar um pouco com o *Skills* Porque ele pode levar Os exames que são pagos, ele pode trazer empresas britânicas privadas para, enfim, atuar nesse espaço da educação no Brasil, mas não são super prioridade.

**Orador 2**

Então eu acho que isso foi um pouco negativo para o programa, porque muitas vezes a gente queria um engajamento maior do Reino Unido com as redes e quem fez esse engajamento mais com as redes foi Muito mais a nova escola, o parceiro do consórcio. Não teve tanto assim uma pessoa do nível que pudesse estar lá, por exemplo, principalmente com os cinco Estados piloto, né? Fosse um pouco mais, fizesse mais visita, teve um contexto da pandemia, não teve para fazer tantas visitas. Mas no 2022 que já estava melhor e 2023. a gente podia ter tido mais representação do UK indo nesses lugares agora, por exemplo, a gente está fazendo cerimônias de adesão. Agora, já na conclusão do programa e não necessariamente, os diplomatas britânicos priorizam e nessas cerimônias, então eu acho que teve esse elemento sim, que não era uma prioridade

**Orador 1**

Mas você enxerga o programa como uma forma dos britânicos de exercer esse *soft power*?

**Orador 2**

Eu Acredito que sim, mas foi subutilizado, eu acho que foi subutilizado pelo FCDO, eu acho que o *British Council* usou um pouco mas eu acho que FCDO poderia ter capitalizado mais em cima do *soft power*.

**Orador 1**

Você acha que ele tinha uma diretriz governamental em desenvolver estes instrumentos de *soft power* e entende que o SFP foi uma parte dessa diretriz ou não?

**Orador 2**

Tinha, no começo ele o programa tinha um elemento muito forte do *secondary, benefit*, que era de comercial, sim. Então a gente tinha que, como no problema no geral, mandar relatórios até explicando aonde que ponto você está identificando no engajamento com essas secretarias, que teria, por exemplo, uma oportunidade comercial para o Reino Unido entrar?

**Orador 2**

Se por exemplo uma secretaria estadual tem interesse em comprar exames, ou comprar uma tecnologia às vezes britânica de lousa digital, ou livros enfim, de uma editora britânica. A gente tinha um pouco deste elemento no começo, mas foi se perdendo muito, porque o programa sofreu cortes muito grandes, muito, muito grande.

**Orador 2**

Aí eu queria até ter respondido de tratar a ver com a com a resposta anterior, tanto não era uma prioridade educação e o Brasil também não estava tão priorizado pro FCDO central que o teve muitos cortes do programa, então o budget inicial dele era de 2.3 Milhões de pounds, e ele foi cortado para 1.6 e muito time foi cortado. Muita equipe foi cortada tanto no Brasil quanto no FCDO Central, pessoas que lidavam com os que o SPF, então o FCDO não tinha mais tanta capacidade, braços mesmo para fazer esse acompanhamento mais detalhado do *soft power* e de como a gente está usando isso.

**Orador 1**

E fazendo um balanço geral do projeto que agora está chegando no final, você enxerga que no longo prazo, os efeitos desta cooperação vão ser associados ao Reino Unido e, de fato, fortaleceram a imagem do Reino Unido no Brasil e na Comunidade internacional.

**Orador 2**

Sim, eu acho que neste ponto as secretarias associam ele muito ao Reino Unido, até interessante, porque a Lemann que implementa muita parte, mas essa coisa tem eles acham, as secretarias acham muito importante até chique assim, tem muito marketing em ter essa parceria com Reino Unido., então tem essa associação sim.

**Orador 2**

É, então acho que deixa essa marca. A gente também tem muito cuidados na comunicação, de sempre lembrar que é um Programa britânico, para reforçar, mas é como eu falei, eu acho que poderíamos ter capitalizado mais.

**Orador 2**

Que *senior leads*, diplomatas britânicos poderiam ter ido mais nas redes, mas é isso, se a educação não é uma prioridade, então também a gente capitalizou o quanto deu, mas eu acho que ficou Uma marca forte em relação ao programa.

**Orador 1**

Mas quais foram os principais desafios enfrentados na implementação do programa, que envolve esse processo complexo de aprendizagem de línguas no ensino fundamental. E como

você enxerga que a cooperação pela paradiplomacia pode ajudar nesses desafios, né? Pode ajudar a superar?

**Orador 2**

eu acho que não foram só desafios das secretarias de educação não. Teve desafios do FCDO central, teve um corte muito grande de *budget* e de atenção para o programa.

**Orador 2**

FCDO deixou de dar um *follow-up*, mesmo mais direto, mais robusto para a gente. Então acho que isso foi um desafio porque a gente ficou um pouco solto aqui no Brasil.

**Orador 2**

A gente ficou muito autônomo fazendo como a gente achava que tinha que ir fazendo de acordo com o que a gente via no campo e na implementação do programa.

**Orador 2**

Então teve esse Desafio do FCDO central, teve outros desafios, por exemplo, como eu falei o desafio de educação Não ser uma super prioridade para para as embaixadas e consulados britânicos no Brasil, então eu tenho que ficar insistindo na importância da relevância dessa pauta internamente no FCDO ou Brasil.

**Orador 2**

Para que tivesse uma visibilidade o programa dentro, né? E que a gente pudesse usar isso para outros interesses do Reino Unido, pudesse capitalizar, como Eu falei pro a presença do Reino Unido nesses nesses estados, municípios, então teve esses desafios.

**Orador 2**

Eu acho que outros desafios aí do lado das secretarias, como eu falei pandemia, foi um enorme desafio, porque elas tiveram que se reestruturar todas para passar as aulas para o online, aí o inglês não estava e nem tinha como estar na prioridade, também o desafio de troca de governo, tanto de prefeituras quanto de governo estadual.

**Orador 2**

É então a troca do *staff* todo da Secretaria e a gente tem que ficar refazendo relações como eu falei, então isso foi um desafio.

**Orador 2**

E aí eles mesmos se apropriarem do programa de novo, não necessariamente a pessoa que sai passa para a próxima, o que é o SFP, que gente tem essa parceria com Reino Unido, que já tem x professores usando fazendo o curso, né? Muitos não passavam, então as pessoas novas

que chegavam e chegavam cruas e a gente tinha que ficar lembrando que o programa era. Então acho que todos esses foram desafios.

**Orador 2**

É, mas eu acho que que teve um legado muito bom. Assim as lições aprendidas foram essas.

**Orador 2**

Acho que é uma lição aprendida muito importante é isso de respeitar o ritmo da Secretaria de achar pessoas chave na Secretaria. Eu acho que às vezes a gente tenta chegar na Secretária ou Secretário e isso funciona para algumas secretarias, você chegar na pessoa mais sênior e aí ela demandar e aí todo mundo responde, porque é a pessoa mais importante.

**Orador 2**

Mas nem todas as secretarias isso era o mais eficiente, porque em algumas secretarias, a Secretária ou Secretário era uma figura muito diplomática. É uma figura que está ali para fazer os protocolos, então não necessariamente a secretária, faz as coisas andarem os processos, andarem. O livro de *X-perience* ser impresso, a Plataforma LIFT (*Language Improvement for Teachers*) ser promovida pelos professores.

**orador 2**

Muitas secretarias. A gente tinha que entender ali dentro, a gente ia fazendo *calls*, ia tentando entender, conversando com as pessoas por *WhatsApp* da Secretaria, entendendo quem da Secretaria que fazia a coisa andar.

**Orador 2**

Muitas vezes a gente percebia que fazia toda a diferença ter alguém que botasse o *Skills* debaixo do braço e fosse lá batendo nas portinhas. Porque isso tem que chegar na coordenação de ensino fundamental, na coordenação de inglês e na coordenação de parcerias. Então, são 3 sub departamentos que você tem que engajar.

**Orador 2**

Se você tem um ou dois ali travando com uma pessoa que às vezes é mais lenta ou uma pessoa que não está afim, é uma pessoa que é muito burocrática, ela entrava.

**Orador 2**

Então, às vezes, chegar na Secretária ou Secretário ajudava Desentravar, mas às vezes ir na secretaria pedir essas pessoas, essas pessoas burocráticas, pessoas técnicas, às vezes entravam ou pedindo burocracia demais, pedindo coisas que não tínhamos necessidade.

**Orador 2**

E tudo bem, porque está na legislação deles, mas entravava se a gente tivesse chegado numa outra pessoa, talvez se a pessoa tivesse achado o caminho mais fácil?

**Orador 2**

Ou a gente em outras funcionárias, a gente chegou em secretarias que eram super pequenininhas, então tem Secretaria que é a secreta, o Secretário, um adjunto, um coordenador, e pronto essas secretarias que eram diferente, aí sim, né se nessas secretarias o Secretário, não queria pronto, acabou, não adianta muito fazer, porque o time é reduzido. Se queria maravilha, resolvia, porque eram poucas pessoas.

**Orador 2**

Então as lições foram essas de adaptar a cada Secretaria, não chegar com um formato muito rígido, sabe?

**Orador 1**

Mas com relação à paradiplomacia, você acha que fez alguma diferença com relação a superar os desafios? Não ser a diplomacia tradicional?

**Orador 2**

Sim, eu acho que sim, porque é uma uma abordagem que fez toda a diferença, que foi a gente chegar na paradiplomacia, então a Gente chegava ao Governo britânico para Secretário ou Secretária.

**Orador 2**

Só que fez muita diferença a gente envolver profissionais da educação, especialista da educação no consórcio. Então tá eu, como o Governo britânico, Representantes Governo britânico chegam no Secretário ou Secretária Só que quem mais engajava bem e pegava a adesão e a atenção desses diretores de inglês de ensino fundamental eram os parceiros da Nova Escola do Instituto reúna, porque são especialistas em educação. Então eles entendem os desafios da sala de aula da gestão de educação numa Secretaria, muitos desses profissionais deste consórcio já tinham atuado na gestão pública em educação. Então eles conseguiram chegar de um jeito muito mais efetivo e tocar esses gestores de um jeito que só a paradiplomacia não necessariamente conseguia, então incluir esse elemento de profissionais de educação dentro da nossa estratégia de paradiplomacia acho que faz toda diferença, porque a gente chegou a juntar os especialistas de educação dentro das secretarias, com outros especialistas de educação do consórcio e não só representantes de governo, não é?



## APÊNDICE C- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 2 CHEFE DE COMUNICAÇÕES EM PROGRAMAS NA EMBAIXADA

### Orador 1

Você poderia falar um pouco mais sobre qual o seu cargo e descrever em qual escopo se dá o seu seu envolvimento no programa?

### Orador 2

Eu sou diretora de adjunta de comunicação da embaixada britânica e cuido de todos os programas do antigo *prosperity*, então comunicação de todos os programas eu que liderava.

### Orador 2

Então toda a parte de comunicação sou eu que supervisiono, para ver se estavam de acordo com os padrões e com as regras que a gente deve seguir, porque os programas do *Prosperity Fund* eles sempre tem implementadores, e esses implementadores geralmente fazem a parte da comunicação ou então subcontratam alguém para fazer a parte da comunicação. E meu papel é garantir de que todos eles estão usando a mesma narrativa, e transmitindo as mesmas mensagens. É questão de marca, né? Se eles estão usando a marca corretamente e preservar a reputação do do governo britânico no Brasil.

### Orador 1

É, qual você acha que são os objetivos do principais do *Skills*?

### Orador 2

Eu acredito que o objetivo principal é melhorar o ensino de inglês nas escolas públicas e dar mais oportunidades profissionais no futuro para os brasileiros, e como o Brasil é um país muito grande, que tem uma porcentagem, se eu não me engano, acho que só 5% da população fala inglês.

### Orador 2

É, eles identificaram essa questão porque os *Skills*, ele é um programa global. Em outros países, eles pegaram o ensino superior ou pegaram idades mais avançadas, mas no Brasil, como *o gap* está mais é no ensino fundamental. Eles decidiram mudar o escopo do projeto no Brasil. Então eles perceberam que nas escolas públicas, embora o inglês agora seja obrigatório aos professores, eles não estão preparados para ensinar inglês. Às vezes eles nem falam inglês eles mesmo.

### Orador 2

Então, o objetivo é permitir um acesso de qualidade. Não é o ensino de inglês por si só, é preparar para a pessoa conseguir um emprego melhor, ter melhores oportunidades de vida. O inglês, como abrindo portas para que as pessoas tenham mais oportunidades no futuro.

**Orador 1**

A partir da sua experiência profissional você enxerga a paradiplomacia, como instrumento eficiente de promoção de cultura, de educação. E qual seria o critério de eficiência para você? Eu pergunto, porque esse é um conceito bem subjetivo, cada pessoa entende a eficiência de um jeito.

**Orador 2**

É sim, eu acho que assim pensando um pouco com chapéu do governo britânico, né? É, eu acho interessante você ver como outros países também promovem a questão do inglês, que nem o Estados Unidos, Canadá, sei lá, Austrália, então você vê que cada país tem ali o inglês como uma língua comum e que cada um usa uma estratégia ou usa uma ferramenta para promover.

**Orador 2**

E eu vejo aqui com o *Skills*, com e falando do governo britânico. São duas coisas, é a questão do *soft power*, né? E um pouco daquilo que eles fazem, com o *Chevening* de dar bolsas para influenciar líderes para estreitar relacionamento entre os países.

**Orador 2**

Eu acredito que isso é a mesma coisa, então eles querem capacitar pessoas que vão virar profissionais e querem construir laços já desde cedo, então eu diria que é uma ferramenta de *soft power* que seria anterior, então eu vejo que isso é um *soft power*, sim, e tem a questão também desse fundo, pelo qual os que os foi criado, que é o ODA, né, que é *Overseas development Assistance*. Então, por lei, o Reino Unido, ele é obrigado a destinar uma porcentagem do seu PIB.

**Orador 2**

Acho que era 7%. Depois com a Covid, eles diminuíram temporariamente para 5% em programas de desenvolvimento. Então, o que acho que eles fizeram, na minha opinião, né? Eles uniram o útil ao agradável. Eles pegaram uma coisa que eles são obrigados a fazer por lei e já estão usando isso pensando no futuro.

**Orador 2**

Em como construir pontes com o Brasil ou com profissionais brasileiros. Estreitar relacionamento entre os países. Mas eu enxergo que é sim um instrumento eficiente, isso que eles estão fazendo.

**Orador 1**

Essa eficiência para você, você definiria como?

**Orador 2**

Então é difícil medir, não é? Ela é bem subjetiva, porque *soft power* é subjetivo, né? Mas eu acho que essa é uma estratégia, do meu ponto de vista, muito boa, porque você ainda está se preparando, está investindo nas pessoas antes delas atingirem um super potencial, porque depois. Já é um líder e todo mundo vai querer influenciar isso. Esse *soft power*, não. Ela pega justamente essa área. É um longo prazo, você vai estar investindo na pessoa enquanto ela ainda está construindo sua carreira profissional, aliás, ela está aprendendo, está no ensino médio, está aprendendo inglês.

**Orador 2**

Quando dá certo, eu acho que dá muito certo porque a pessoa não vai tipo pensar no Reino Unido como parceiro, porque agora ele está me procurando porque eu já sou bem sucedido, não? Ele vê o Reino Unido como um parceiro que acompanhou o desenvolvimento desde o início do desenvolvimento profissional, ele esteve presente na vida toda da pessoa. Então eu acho que é eficiente nesse sentido, mas é difícil medir um tipo, porque como é uma coisa de longo prazo, você não tem os dados certinhos para dizer quantos impactou.

**Orador 2**

Porque principalmente está começando agora. E a gente já tem algumas coisas mapeadas de pessoas que ganharam bolsas, estão em cargos de liderança e tal, é um pouquinho mais fácil mapear, mas com Skills eu acho que a gente só vai saber daqui uns dez anos.

**Orador 1**

Você, como o brasileira, enxerga que o Reino Unido, com essa iniciativa do *Skills*, está suprimindo uma demanda de política pública do governo brasileiro? E quais as vantagens você enxerga tanto para as prefeituras que são receptoras do projeto quanto para o governo do Reino Unido, e se existe também alguma desvantagem.

**Orador 2**

Eu acho que, na verdade, esse é um programa de parceria. Na verdade, a função da educação, do ensino é do governo brasileiro, né? O governo britânico não vai vir aqui dizer como isso é feito, mas ele está dando ferramentas para as escolas municipais e estaduais se preparem

melhor, tanto que ele é um programa. Ele não é obrigatório, cada Secretaria de ensino avalia a estuda e vê se tem interesse ou não em participar. Então eu vejo como um programa colaborativo.

**Orador 2**

E para o governo britânico, as vantagens são aquelas que eu já falei na questão anterior, que são *soft power*, construir essa imagem de parceria de tentar estabelecer um relacionamento mais a longo prazo. E para o governo brasileiro, eu acredito que também é uma coisa boa. Eu diria que é um *win-win*.

**Orador 2**

Porque eles não precisam investir nada, é. Eles iam ter que imprimir os materiais de inglês de qualquer forma, que a única, a única parte financeira que eles precisam investir, é com impressão dos materiais. Eles precisam imprimir material didático para as escolas de qualquer forma, e ele já tem ali um conteúdo preparado. É treinamento online para professores, então acho que para o governo brasileiro também é só vantagem.

**Orador 1**

Existem então, outras iniciativas análogas de divulgação de cultura através do idioma feitas por outros países com bolsa para ensino superior e divulgação cultural. O Reino Unido não foi exatamente pioneiro. Mas você enxerga que o governo britânico entende que o programa foi inovador e muito importante para a pauta de engajamento dele com o Brasil ou se você acha que ele tá mais cai naquele escopo semelhante e outras iniciativas que já existem, algo mais de praxe, sem grande espaço na pauta prioritária com o Brasil. E se o programa é visto como uma coisa inovadora, em que medida ele é inovador?

**Orador 2**

Então o governo britânico, ele estabelece as prioridades que o governo tem globalmente, digamos assim, e aí essas prioridades elas são adaptadas de acordo com a realidade de cada país para os programas do *prosperity*, foi feito um estudo, um *scope study* em cada área que ele foi e foi proposto. as áreas que a gente deveria trabalhar aqui no Brasil e eu acho que eles identificaram essa

**Orador 2**

Então eu acho que é inovador, no sentido de que o governo britânico não chegou aqui com um pacote pronto e tentou enfiar goela abaixo pro Brasil. Ele fez um estudo, avaliou várias áreas, não só a de educação mas saúde e várias outras para tentar suprir algo que o país estava é

deficiente, digamos assim. Para tentar cooperar em uma área em que o Brasil o queria ajuda, não é?

**Orador 2**

Então, eu acho que sim, eu não sei o que os outros países fazem e como eles fazem. Não, não é o único, não é, mas assim eu acho que esse fato de que é foi um programa que foi pensado, que levou anos. Eu acho que assim é durante muito tempo os programas do *Prosperity* que eles eram de curto prazo, então você vinha e era investido uma quantidade menor, aportado numa quantidade menor de dinheiro. Mas os projetos eles eram menores. E aí, pela primeira vez, eles fizeram uma coisa maior, um investimento muito maior, uma coisa mais pensada, mais estruturada. Então eu acho que foi, sim, inovador nesse sentido, que foi uma coisa pensada, planejada e a médio prazo, não diria nem longo prazo porque, né, durou quatro ou cinco anos. Aí, então, considerando um médio para longo prazo, mas foi a primeira vez que isso aconteceu.

**Orador 2**

Do lado do governo britânico, até onde eu sei, não é. Não sei se teve outras ocasiões, mas por isso que eu considero inovador, sim, e agora não sei te dizer sobre os outros países.

**Orador 1**

Você enxerga o programa como uma forma de fato dos britânicos exercerem *soft power*, no Brasil? E se você acha que existe alguma diretriz governamental para esse *soft power*.

**Orador 2**

Quando se diz diretriz de *soft power*, não é tipo ver Londres falando, faça isso ou não. É mais ou menos uma relação ao que é esperado das nossas publicações, dos nossos programas, dos efeitos e assim o que o governo britânico espera conseguir com esse *soft power*. Eu acho que, na verdade, o *soft power*, ele tá em todas as áreas. Da presença do governo britânico aqui, tudo o que o governo britânico faz no Brasil tem um certo *soft power*.

**Orador 2**

Então, acho que assim eu não diria isso. Claro, tem a estratégia de *soft power*, teve a campanha *GREAT*, que eles lançaram para promover o promover turismo, para promover educação, né? O Reino Unido como um ótimo lugar para se estudar, mas acredito tudo que a gente como missão diplomática faz aqui tem um pouquinho de *soft power*, então assim, aquilo que eu falei, o governo britânico tem as prioridades globais e aí a gente vê aquilo que se encaixa na realidade de cada país.

**Orador 2**

Então eu acredito que o que a gente faz aqui no Brasil, tem um pouco, tem a parte operacional. Claro, né, que todas as instituições precisam, para funcionar, mas eu acredito que em tudo o que a gente faz aqui tem seu *soft power*, sim..

**Orador 2**

Se é uma coisa que já é pensada tipo, a essa estratégia de *soft power*, eu acho que na verdade é mais orgânico, entendeu? É uma coisa que já está presente nas coisas de uma forma orgânica.

**Orador 1**

Considerando que o projeto agora chegou no final, fazendo um balanço geral, você acha que no longo prazo os efeitos dessa cooperação vão ser associados ao Reino Unido e fortalecem a sua imagem tanto no Brasil quanto na comunidade Internacional?

**Orador 2**

Acho e espero que sim. Na verdade, minha opinião pessoal é que esse projeto ele acabou muito cedo, principalmente é falando assim, educação, que é uma área que é super importante. Eu acredito que se houvesse possibilidade, recursos financeiros, ele deveria continuar. Claro que não sou eu que decide, né? Mas enfim, e que que aí até entendo tem a questão é de como Covid-19, guerra e a priorização dos recursos escolhas têm que ser feitas e tal.

**Orador 2**

Mas eu espero que sim. Eu acho que na verdade, agora que o programa começou a ficar de fato um pouco mais conhecido, que começou o boca a boca das pessoas. Começam a procurar a gente para aderir ao programa. Então eu realmente espero que isso projete uma melhor imagem do Reino Unido.

**Orador 1**

Na sua visão, quais são os principais desafios enfrentados na implementação de programas como o *Skills* que ele envolve um processo complexo, de educação, de aprendizagem de língua estrangeira e se você enxerga que a paradiplomacia pode facilitar na superação desses desafios.

**Orador 2**

Eu não sei, eu não tive muito envolvida na parte da implementação, mas eu imagino que o fato de cada estado ter sua forma, seu *modus operandi*, talvez dificulte um pouco, porque não é uma coisa que é, você faz e é igual em todos os estados.

**Orador 2**

Então essa questão de você entender a realidade de cada país é muito grande. Tem muitos estados, têm muitos municípios e daí com cada um que você vai falar, você fala com as secretarias municipais e estaduais, governo do estado, então acho que.

**Orador 2**

Eu, olhando de fora, não sei porque essa parte é mais técnica e a mais com o pessoal que implementou. Mas eu acredito que o fato de ter essa complexidade, cada um funcionando do seu jeito, dá um pouquinho mais de trabalho.

**Orador 2**

Você tem que conhecer cada um, entrar, tentar entender, para daí chegar com a oferta. Enfim, eu acho que talvez isso dificulte um pouco e aí não sei como é que a paradiplomacia poderia ajudar com isso. não sei te responder, isso é uma coisa mais técnica.

**Orador 1**

Muito obrigada pela participação.

## **APÊNDICE D- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 3 GERENTE DE PROGRAMAS NO BRITISH COUNCIL**

**Orador 1**

Você poderia falar com o seu cargo e descrever qual o escopo do seu envolvimento no programa.

**Orador 2**

Bom, eu sou gerente de Projetos dentro do *British Council* (BC) que é uma das organizações que entregam o *Skills*.

**Orador 2**

É então, dentro do organograma geral que é o FCDO como apoiador central, aí o consórcio de organizações e dentro desse consórcio tem o BC. Eu sou gerente de projetos, mas eu venho contratada para fazer a implementação da estratégia gênero inclusão social que o programa tem. É dentro das aptidões de cada organização do consórcio o BC, tem uma atuação mais técnica. É no Observatório da língua inglesa, mais uma visão de think thank e Produção de dados sobre a situação do inglês no Brasil, isso é uma das atuações.

**Orador 2**

Tinha outro gerente de projetos que lidava com isso Apesar de eu ser envolvido em tudo e tal, e aí a minha, a minha atuação especificamente ficava mais na parte de garantir que a

estratégia de gênero e inclusão social fosse genuinamente transversal no programa, não só no BC como em todas as outras organizações participantes e adicionalmente.

**Orador 2**

Criou-se uma estratégia de outras intervenções além dos o *Skills* tem, né? Digo, além dos produtos. Tradicionais que o programa fazia, tipo LIFT e o *X-perience*, as parcerias com as secretarias de estado. Então, além dessas atividades, é. É fazer atividades que debatessem, ou atingissem, digamos assim melhorassem Entre aspas, as dificuldades de acesso de pessoas que são, enfim, recortadas por questões de gênero, e de raça especificamente no Brasil. É o acesso do conhecimento de inglês.

**Orador 2**

Então tudo isso para dizer que uma dessas estratégias de atuação foi a chamada meninas que vão além. É que lidava com meninas no ensino fundamental II, para discutir com elas e entender quais são as barreiras que as orienta para ter visões de uma profissão, de uma, de uma carreira profissional mais estável, digamos assim, e para que elas não optem pela evasão escolar. É, e aí eu posso depois falar mais sobre isso, mas é uma atividade que a gente fez dentro do *Skills* que não necessariamente tinha haver, com o ensino de inglês e nem com as atividades feitas com as secretarias. Mas foi entendido que é um debate importante. Se a gente fala de uma estratégia transversal de gênero e raça, a gente precisa falar de alguns obstáculos que existem antes da gente chegar na sala de aula de inglês.

**Orador 1**

Como você descreveria os objetivos principais do *Skills* ?

**Orador 2**

Acho importante colocar que tem o SFP como programa global, né? E que o *Skills* no Brasil, é diferente de outros países, como por exemplo, do México. Enfim, de vários outros países. Ele foca no ensino de inglês como uma habilidade, como uma habilidade para prosperidade, né? Como diz o título, mas em outros países pode ser empregabilidade jovem, tem países que falam sobre algumas habilidades, técnicas, de indústria, enfim, tem uma miríade de coisas que os que o *Skills* global lida, e no Brasil isso é focado no ensino de inglês.

**Orador 2**

E o objetivo do programa, é fomentar dentro do país em que ele está localizado algumas habilidades que cada país alimenta, que ajudariam a população a ter, enfim, um desenvolvimento mais igualitário. Um acesso ao mercado de trabalho, alguma habilidade para o futuro, digamos assim. Isso traduzindo



**Orador 2**

No ensino do inglês, significa que o projeto tem a visão de melhorar o ensino de inglês, mas ele quer melhorar o ensino de inglês para que o inglês seja uma habilidade para o futuro, né? Não é somente o ensino pelo ensino e por isso o programa atua dentro da rede pública de inglês. E não necessariamente da rede privada, porque não é só sobre o ensino de inglês, ele é sobre o ensino de inglês como uma ferramenta para aumentar a oportunidade. E a gente sabe que no Brasil, para fazer isso, você precisa atingir a rede pública.

**Orador 1**

A partir da sua experiência profissional. Você enxerga a cooperação Internacional através da paradiplomacia como um instrumento eficiente na promoção da cultura e da educação. E quais são os critérios assim, dessa eficiência para você, né? Eu pergunto isso porque a eficiência significa uma coisa diferente para cada um.

**Orador 2**

Eu acho que é eficiente em partes, eu acho, na verdade, que é um conceito que ele é muito bom, teoricamente. É no sentido de que é se você pensa sobre uma perspectiva de que estados e atores menores possam, cada vez mais, acessar materiais é financiamento, acesso a nova técnicas das novas metodologias, parcerias e colaborações sem a mediação de um estado central, governador, digamos, do seria. Nesse caso, o governo federal ou, enfim, uma representação diplomática.

**Orador 2**

Na teoria, isso é muito bom. É, e muito importante, porque você abre o escopo de coisas, de soluções, né? Que esses estados, que essas questões locais podem atingir. Porém, na prática, eu acho que esbarra em dois obstáculos muito fortes que são, apesar dos estados, se a gente está falando paradiplomacia como atores menores, menores, que não é na no âmbito nacional, são atores que estão tentando acessar alguma coisa lá fora. Eles estão muito sujeitos à vontade de organizações e estados Internacionais. Então a pauta raramente é puxada pelo ator menor. Geralmente, as organizações internacionais maiores, que têm seus temas de prioridade que são já baseados em temas de estratégia diplomática. Que aí faltam o que elas vão oferecer para estados menores.

**Orador 2**

E essa relação paradiplomática que você está falando, então eu não acho que eu acho que isso faz com que perca eficiência, porque muitas vezes os estados, porque tem que aceitar esse tipo de ajuda ou financiamento e tal, fazem programas que não necessariamente são úteis ou de

maior necessidade para eles, mas eles são programas e projetos que estão na pauta de outras organizações, então quem está puxando a pauta é quem está em cima e não quem está embaixo. Isso pra mim é uma perda de eficiência.

**Orador 2**

Assim, meu conceito de eficiência aqui é soluções que encaixem e resolvam problemas de atores locais. Então, é adicionalmente a isso, outro obstáculo que eu vejo a essa eficiência é que por que esses temas são dependentes de agendas diplomáticas tradicionais eles mudam muito rapidamente, então o próprio governo britânico nesse exemplo que a gente está usando, é o Skills é um programa de três anos.

**Orador 2**

Não é não é em três anos que vai se resolver, é o problema do ensino de inglês da rede pública Brasileira, mas porque esses temas estão sendo delimitados por cima, né? Pelo topo, pelo parceiro Internacional. Depois de 3 anos, ele muda de foco. De visão de tudo, o financiamento acaba, o programa acaba, seja lá o que esteja sendo feito. Isso eu tenho exemplos. Milhões disso. E aí o parceiro local fica sem apoio? E o problema em si nunca é resolvido, né? Então, por isso eu acho que. É, não é muito eficiente e aí cada vez mais está se criando um problema de reputação.

**Orador 2**

Eu vejo isso nesse tipo de apoio porque os atores locais estão começando a ficar incomodados com essa, com esse formato de funcionamento. E isso no que eu estou pensando como eficiência é ruim. Poderia ser uma estratégia mais bem definida.

**Orador 1**

Você enxerga que o Reino Unido é através da iniciativa de *Skills* estaria suprindo uma demanda que não pode ser suprida por políticas públicas do governo brasileiro. E quais vantagens você enxerga nas prefeituras estabelecerem parcerias como essa e também, quais as desvantagens? Da mesma forma, quais seriam as vantagens e desvantagens pro Reino Unido?

**Orador 2**

É, então eu acho que vai cair nisso que eu estou falando. Se você me perguntasse o se o *Skills* supriu a demanda de algum problema da educação pública que o estado brasileiro tinha que resolver, a minha perspectiva é que se tivesse mais tempo, conseguiria talvez suprir, mas é até pelo caráter, da ação paradiplomática do jeito que a gente você está colocando, ele não acontece através de suprir vários outros problemas que atingem a questão que a gente está querendo lidar.

**Orador 2**

Então, por exemplo. É, esse é um exemplo claro disso, que eu tô falando de quem pauta o tema é a organização, que está em cima, então a organização Internacional. Então, ao invés de ser uma demanda completamente necessária, que o estado tá pedindo, a gente sabe que é porque o estado do ensino de inglês, da educação pública é muito precário.

**Orador 2**

Só que o *Skills* nasceu durante a pandemia. Então, muito dificilmente uma Secretaria estadual ou municipal, ou qualquer coisa, dentro de uma questão de pandemia, esse é o primeiro problema que ele gostaria de resolver. O ensino de inglês, pensando em termos de prioridade e educação mesmo, né?

**Orador 2**

Eu acho que por exemplo a pandemia, deixou claro que não era a demanda prioritária. Mas era uma demanda que estava sendo secundária, era mais uma oferta na verdade né, que as secretarias aceitaram mas é o meio uma situação de que tipo claro a gente quer melhorar o ensino do inglês mas talvez não seja o que você precisa resolver ali na hora né pensando na secretaria de educação então por exemplo se fosse o contrário, de quem delimita se a demanda fosse os governos locais nessa parceria, Provavelmente gostariam de fazer uma parceria ao redor de soluções digitais para que os alunos tivessem aulas durante a pandemia por exemplo, e não sobre material didático de inglês.

**Orador 2**

Eu acho que a vantagem para a prefeitura é que ela consegue ter acesso a alguns materiais a financiamento e apoio, enfim. O treinamento de capacitação de qualquer coisa que esses programas façam, que é fora do orçamento dela, isso é uma vantagem. Por isso que eu acho que a maioria das secretarias aceita fazer esse tipo de coisa, e querendo ou não, os materiais são todos muito bons e conseguir o treinamento de um professor de inglês e eventualmente conseguir ter um professor de inglês 100% dedicado ao ensino da língua e nem todas essas secretarias estaduais e municipais conseguem ter.

**Orador 2**

E a desvantagem, eu acho, é isso, ela fica um pouco à mercê do tema que o outro parceiro traz. Você vai fazer uma parceria em vários temas. Não só do *Skills*, ai a Secretaria falou "ah muito legal, mas eu queria resolver tal coisa". Só que a gente não está oferecendo tal coisa neste momento a gente está oferecendo melhoria no ensino de inglês.

**Orador 2**

Então essa é uma desvantagem. Mas uma vantagem para o governo britânico especificamente e no caso do inglês, é muito vantajoso. É porque estabelece governo britânico como impulsionador e porque, em termos de *soft power*, a disseminação da língua inglesa como uma habilidade para o futuro, oportunidade de emprego é bom, não é? É uma pauta importante.

**Orador 2**

E, por exemplo, isso não é o caso brasileiro, mas em outros escritórios globais do governo eles fazem aula de inglês, né? Ele tem todo um negócio que eventualmente é lucrativo como exames, procura de mestrado Internacional, que acaba sendo inglês, então tudo isso meio que alimenta, uma perspectiva da língua inglesa ajudar e ser vantajosa, lucrativa mesmo pro governo britânico.

**Orador 2**

Eu acho que a desvantagem é que, na verdade, essas parcerias acabam ficando um pouco superficiais. Eu não acho que seria uma desvantagem do governo britânico mas poderia ser desenhado de um jeito onde ele traria mais lucro e mais resultados do governo. Ele não está necessariamente desenhado de uma forma completamente que vai resolver a demanda e o problema do inglês e assim, por exemplo, mais alunos da rede pública vão prestar as bolsas e vão fazer mestrados fora e vão fazer IELTS. Não está feito assim, do jeito que ele foi desenhado, ele não está suprimindo que esse se colocou a suprimir.

**Orador 2**

Portanto, ele fica um esforço, caro e porque ele fica de um nível superficial, ele tem uma atuação um pouco mais de colaboração e conexão e menos de solução de demandas.

**Orador 1**

Existem outras iniciativas análogas em termos de divulgação da cultura por meio do incentivo ao conhecimento do idioma feitas por outros países, com bolsas para ensino superior e divulgação cultural. O Reino Unido não foi exatamente o pioneiro nisso; você enxerga que o governo britânico entende que o programa é algo inovador e muito importante para a pauta de engajamentos no Brasil ou se é semelhante a outras iniciativas existentes e feita como algo mais de praxe sem grande espaço na pauta prioritária da diplomacia com Brasil? Em que medida seria inovador?

**Orador 2**

Eu acho que tem uma perspectiva que é importante você ter que é. As diferenças de programas que vem para disseminação de língua e o *Skills*, ele não é um problema de disseminação de língua, é. E aí acho que essa é a diferença.

**Orador 2**

Ele é um programa que no México debate a empregabilidade jovem. Então, se a gente vai falar da prioridade dele pro governo britânico, como um todo é eu não sei, eu não sei averiguar sobre isso se ele é inovador ou não, eu acho que ele é um projeto estratégico. Porque ele consegue ter várias caras, e ele consegue construir colaborações com cada país, dependendo da demanda de cada país. Isso é uma coisa, então isso é diferente da gente falar, sei lá.

**Orador 2**

É umas iniciativas que o FCDO tem tipo *Great*, é diferente porque você dissemina cultura, dissemina a língua, Isso é uma coisa, é uma visão de de colaboração cultural específica. Mas o *Skills* ele é um projeto de desenvolvimento.

**Orador 2**

Ele vem com a grana que a gente chama de *granting aid*. E tem outros programas, tanto do *British Council* quanto do conselho do consulado que vem com essa pecha. Ai por isso ele tem um arcabouço mais robusto do que só isso,

**Orador 2**

Dito isso, se ele é inovador ou não eu diria que depende. Porque ele tem um formato bastante tradicional de umas questões de programa de desenvolvimento. Eu sei que os consulados, por exemplo, tem projetos ao redor de iluminação urbana, e aí vão trazer, pesquisadores e técnicos e eles colaboram e tal. Esse tipo de programa tem vários por aí. Vários existem.

**Orador 2**

Eu acho que o *Skills* tem atuação forte em gênero e raça. Aqui no Brasil ele foi muito, muito voltado pra isso. E isso seria inovador, pro governo britânico ter um programa muito abertamente colado sobre isso em todas as suas etapas.

**Orador 2**

E ele tem produtos bons. Ele é um programa bom, mas ele não necessariamente tem um formato completamente diferente do que existe em outros programas, tanto do governo britânico, tanto eu a de outros institutos culturais.

**Orador 1**

É ainda dessa pergunta eu gostaria de saber se você enxerga o programa como uma forma do Reino Unido exercer *soft power* no Brasil? E se você entende que ele faz parte de alguma diretriz assim do governo britânico, desse desenvolvimento do *soft power* dentro país?

**Orador 2**

Então acho que super. É tanto de uma diretriz de *soft power*, mas mais genericamente também de estreitamento de relações. E o *Skills* no Brasil, especificamente, que ele usa a questão da língua inglesa de ser visto como, que é a intenção de *soft power*, ser visto como uma referência no tema em si. Eu acho que ele é bem efetivo nisso e ele é efetivo nisso fazendo parcerias com secretarias estaduais e municipais. O que é muito capilarizado assim, então é interessante para o para o governo britânico, eu acho que ele é visto dessa forma.

**Orador 2**

Tem um pouco que eu ia dizer sobre o que eu lembrei agora mas eu acho que funciona nesse que a gente está falando. É porque você falou sobre inovação, sobre como que o *Skills* é visto como um programa de *soft power*, né? Tem uma outra visão de programa que eu vejo, que ultimamente vem aumentando assim, no governo britânico, mesmo nas iniciativas que vêm do Conselho Britânico, outras que não sejam o *Skills*. Eles são mais produtificados. São perspectivas em que tem cursos de capacitação, tem coisas que atingem os professores, mas que são mais produtificados como produtos do governo britânico.

**Orador 2**

Ele seria inovador em certa medida porque o *Skills* tem um formato bem mais robusto de trabalho, ele é um consórcio de organizações. Não necessariamente todas essas organizações lidam com o governo britânico diretamente, entendeu? Ele tem um viés muito mais de desenvolvimento. Os produtos são da associação nova escola são dos *Skills* tem o IP do *skills* e tudo isso, mas também são da associação nova escola, entendeu?

**Orador 2**

Então ele deixa de ser uma Bandeira de olha, esse é o produto do governo britânico. Que a gente tá pondo aqui para disseminar *soft power*, digamos, ele é mais sobre o estreitamento de relações e genuinamente mudar a realidade daquela Secretaria estadual. Porque ele não necessariamente está colocando a face do governo britânico na frente. Ele estava fazendo parcerias com parceiros aqui para garantir que seja o melhor, por exemplo, a gente vai falar de curso para professor, a Associação Nova escola é especialista nisso. Especialista em fazer isso no Brasil, entendeu?

**Orador 2**

Então tem essa abertura de que essa parceria, o consórcio foi estabelecido dessa forma para que o projeto realmente chegue, ele coloca o desenvolvimento do que a gente quer na frente do que a só perspectiva de vamos ser referência, sabe? Vamos deixar o governo britânico como referência. Então por isso eu acho que ele é bem denso, ele um programa muito denso por causa disso.

#### **Orador 1**

Fazendo um balanço geral do projeto, que agora chegou no final do Brasil. Você enxerga que no longo prazo, os efeitos dessa cooperação vão ser associados ao Reino Unido, vão fortalecer a sua imagem no Brasil e na comunidade Internacional.

#### **Orador 2**

Eu acho que sim, é, e eu acho que o que a gente acaba vendo nesse processo de legado, é isso, eu posso dizer como uma pessoa que está dentro do *British Council* (BC) é que tanto as secretarias, quanto alguns produtos que vão ficar, por exemplo, como o Observatório da língua inglesa, tendem a ser considerados até às vezes erroneamente que vão continuar debaixo do BC, mesmo que tenham outras organizações que fizeram certo, porque é uma estrutura em que o consulado está financiando o conselho britânico, né?

#### **Orador 2**

Então tem uma certa relação ali que mesmo as secretarias já reconhecem como um outro ator do governo britânico, portanto e mesmo em conversas com legados e conexões, muitas vezes acontecem de que às vezes, o *Skills* não vai conseguir suprir uma demanda de inglês daquela Secretaria, mas alguns cursos do BC conseguem. Então, tem essa permeabilidade entre as suas organizações e eu acho que para legado sendo que o *Skills* acaba isso tem a tendência de continuar nas ofertas do BC sabe? Aproveitar essas relações para as ofertas que o BC tem para levar agora que não são as mesmas do *Skills*, mas que têm a mesma intenção.

#### **Orador 1**

Quais são os principais desafios enfrentados na implementação de programas como o SFP que envolve o complexo processo de aprendizagem de línguas estrangeiras no ensino fundamental? E como você enxerga que a cooperação através da paradiplomacia pode ajudar a superar esses desafios?

#### **Orador 2**

Acho que nesse caso especificamente, o maior desafio é que a gente está falando de educação pública Brasileira. Mesmo que a gente treina pra caramba, um professor, a gente forme 600 professores no Brasil, enfim, um número enorme para nossa operação. E todos esses

professores, saiam fluente em inglês, eles ainda vão ter que lidar com muitos obstáculos da educação Brasileira que o programa não consegue abarcar como excesso de carga horária, salários baixo. Ter 20 turmas, muitos alunos na classe e tal, tem um monte de outros desafios, desafios pro, ensino de inglês com qualidade na educação. Que não passam pelas soluções que o *Skills* traz.

### **Orador 2**

Tem algumas delas que a gente identificou, então o professor não tem formação em inglês, Geralmente ele dá aula de português e de qualquer outra coisa, e aí, no tempo livre ele dá de inglês e aí as soluções do *Skills* colocados para isso. Mas tem uma miríade, professor a maioria são pessoas brancas, por exemplo. A gente pegou isso.

### **Orador 2**

Tem a questão de ter a realidade do Brasil, é o aluno, tem a dificuldade de reconhecer naquele material de se reconhecer, capaz de falar aquela língua, de ver utilidade de falar aquela língua. E nisso, por exemplo, *X-Perience* traz uma solução de modificar o material didático para cada região. Isso é maravilhoso, mas não abarca, não resolve tudo isso.

### **Orador 2**

O próprio Meninas que vão além. Ah melhora a aula de inglês, mas aquela menina não pode ir pra aula, porque ela tem que cuidar do irmãozinho, porque a mãe trabalha, enfim E aí ela acabou evadindo a escola. É, a gente resolve o professor, mas não necessariamente resolve a situação do aluno. Então, o desafio é infinito, tem muita coisa. Isso significa que a gente está resolvendo uma pequena coisinha, melhorando uma engrenagem. Não é uma engrenagem gigantesca, que é educação pública no Brasil.

### **Orador 2**

Com relação a paradiplomacia, eu acho que ela poderia ajudar na temática que eu comecei falando assim, se ela ouvisse melhor as necessidades locais. Eu entendo que isso é muito difícil para uma organização internacional fazer porque se não no final tem nenhuma coordenação entre os trabalhos. Se todo mundo no *British Council* por exemplo, no meu microcosmos pare de ouvir o que liderança fale e gente só responder às demandas locais, realmente cada país vai fazer o que quer e a organização não vai ter orientação e nem estratégia nenhuma a longo prazo. E eu entendo esse ponto, mas precisa haver um equilíbrio entre o que a gente, a gente. eu quero dizer funcionário local faria e o que a secretaria pede que uma ou que um secretário da educação pede, e o que a organização pode ofertar?

### **Orador 2**



Porque se a demanda vem de baixo, a gente usa a expertise de quem está vendo o desafio na prática para ter soluções mais bem encaixadas, né? Que realmente vão ser efetivas. Então para mim, a paradiplomacia pode ajudar com isso e pode ajudar com uma disseminação mais igualitária de recursos.

**Orador 2**

Porque é uma coisa que a gente muito Brasil, né? Então um dos estados piloto do *Skills*, por exemplo, é o Amapá. Que não é um estado que a gente trabalharia normalmente. A gente não tem tradição em trabalhar com o Amapá. Então a gente sempre tem uma prerrogativa de, enfim, de espalhar geograficamente no Brasil, porque a gente sabe que o recurso é geralmente limitado a São Paulo e Rio de Janeiro quiçá Salvador, Brasília e Belo Horizonte.

**Orador 2**

Então essa inserção mais direta que a gente está chamando de paradiplomacia com esses atores estaduais pode favorecer isso então a gente chega em lugares que não necessariamente chegaria tão fácil, então eu acho que é uma boa solução, é uma vantagem muito grande desse modelo.

**Orador 1**

Muito obrigada pela sua participação.

## **APÊNDICE E- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 4 CHEFE DOS PROGRAMAS DE FACILITAÇÃO DE COMÉRCIO DA EMBAIXADA**

**Orador 1**

Você poderia falar, qual o seu cargo e qual o escopo do seu envolvimento no programa?

**Orador 2**

É, eu sou chefe dos programas de facilitação de comércio, aqui da embaixada, e meu envolvimento com o programa, justamente porque a gente está no mesmo guarda-chuva que era o antigo *prosperity fund*. Então, da mesma forma que a gente tinha um programa de educação que é o *Skills* a gente tem programas de comércio. E aí nos meus cargos anteriores que eram mais voltados para a operação, coordenação de todos os programas como um todo, não só esses dois vão de todos eu acabava tendo um pouco de interação com o SFP. E obviamente tem alguma interação no sentido de que a gente trabalha muito junto porque são todos programas do mesmo, do mesmo fundo de cooperação.

**Orador 1**

Como você descreveria os objetivos principais do *Skills*?

**Orador 2**

Todos os programas do *prosperity fund*, eles tinham como objetivo, tinham, né? Porque o *prosperity fund* acabou, como a gente sabe, mas eles tiveram como objetivo principal atingir a redução de pobreza e crescimento econômico, inclusive sustentável, nesse caso no Brasil, então, o objetivo final de todos os programas seja o *Skills* que era educação ou, comércio, cidades, finanças verdes, energia, acesso digital, o objetivo final de todos esses programas era atingir o crescimento econômico sustentável, inclusivo, sustentável e redução de pobreza, através de intervenção nessas áreas.

**Orador 2**

Então, especificamente no programa Skills, que é na área de educação, através do ensino de inglês, é então através de garantir, né? Um acesso mais democrático para as comunidades mais pobres do Brasil e comunidades que não têm acesso ao idioma. Então tentar democratizar de alguma forma apoiar a democratização do ensino de inglês no Brasil, tanto com essa parte de fazer materiais didáticos para os alunos quanto nesse treinamento de professores.

**Orador 1**

A partir da sua experiência profissional você enxerga que a cooperação através da paradiplomacia é um instrumento eficiente para a promoção da cultura e da educação? E qual seria seu critério de eficiência, porque cada pessoa enxerga eficiência de um jeito.

**Orador 2**

Eu acho que é eficiente. Especificamente com *prosperity fund* no Brasil, mesmo o fundo tendo sido cortado, não é no meio do programa, né? 2 anos atrás, porque a pandemia, a gente, todas aquelas outras questões, foi um momento que impactou muito todos os programas, inclusive o *Skills* que a gente teve uma redução muito grande, de orçamento.

**Orador 2**

Mesmo assim eu consigo ver que estando trabalhando nesses programas a 3 anos, que a gente conseguiu atingir um impacto em todas essas áreas que a gente trabalhou, a gente conseguiu ter impacto na área de saúde, a gente conseguiu ter impacto na área da cidade, na área de energia, na área de comércio e no *Skills* com certeza a gente tem aí dados de mais de 2 milhões de alunos se não me engano, só no estado de São Paulo que foram impactados positivamente por conta dos *Skills* por conta dos materiais didáticos que foram produzidos,

né? Financiados pelo governo britânico, professores que conseguiram ter acesso, treinamentos para o ensino de inglês, para o inglês, como como segunda língua.

**Orador 2**

Eu acho que tem um impacto. Eu acho que tanto o *Skills* mas acho que todos os programas, do *Prosperity Fund*, falando como um todo, eu acho que eles são um grande exemplo de que esses fundos de cooperação Internacional, esses fundos que chama de *Official Development Assistance* (ODA)

**Orador 2**

É, eu acho que a grande prova de que eles conseguem ter um impacto positivo nos países que são apoiados, que recebem esses fundos e eu acho que uma grande coisa também é o fato de que assim, esses fundos, são totalmente administrados pelo Reino Unido. Então é engraçado que às vezes, quando eu vou explicar o meu trabalho para pessoas de fora da embaixada, a primeira pergunta que me fazem é nossa, mas vocês dão todo esse dinheiro na mão do governo?

**Orador 2**

Não, não dou todo esse dinheiro na mão do governo. A gente obviamente trabalha junto com o governo para entender quais as necessidades, quando o programa está saindo desenhado, né? A gente tem um trabalho muito grande com o governo e o *Skills* teve esse trabalho para entender como apoiar. Quais são as áreas de atuação? Onde que a gente vai apoiar, o *Skills* ele está presente em muitos países, se não enganam mais de 5 países.

**Orador 2**

No Brasil, ele tem um objetivo específico, que é a questão do ensino de inglês, mas tem outros países que ele têm objetivos diferentes, né? Aqui a gente trabalha muito com ensino fundamental II. E, enfim, é uma coisa um pouco mais específica em outros países. Se eu não me engano, apoia o ensino técnico, até no ensino superior, dependendo, então vai da necessidade. Então eu acho que eu acho que com certeza esse projeto conseguiu provar, conseguiu mostrar que é possível ter um impacto positivo, ou eu acho que voltando para sua pergunta, eu acho que essa cooperação com prefeituras com nível é estatal municipal, faz bastante sentido, mas eu acho que vai depender das áreas. Por exemplo, na área de comércio, a gente tem uma interação majoritária com o governo federal, com *Skills* fazia mais sentido em município, então acho que vai de caso a caso.

**Orador 1**

Você enxerga que o Reino Unido, com essa iniciativa dos *Skills* poderia suprir uma demanda que não foi suprida pelas políticas públicas do governo? E quais as vantagens você enxerga pras prefeituras em estabelecer esse tipo de parceria, da mesma forma para o Reino Unido, vantagens ou talvez até desvantagens que existam.

**Orador 2**

Eu acho que suprir demanda não. Eu não diria que suprir uma demanda pelo fato de que precisaria de um orçamento muito maior para suprir uma demanda. A gente não está aqui resolvendo um problema. A gente não está aqui resolvendo o problema da educação no Brasil, só que eu acho que a partir do momento que a gente faz esses materiais didáticos, cria essas plataformas de ensino, a gente consegue ter um impacto positivo. Só que é, digamos assim, um início, entendeu? Não tem como a gente fazer um impacto, não tem como. A gente não tem como, eu não consigo falar que a gente está suprimo uma demanda porque para suprir uma demanda, precisaria ser o governo federal.

**Orador 2**

Mas eu acho que é um apoio. E é um apoio muito significativo e que pode, de fato mudar a vida de muitas pessoas como mudou, com *Skills*, mas obviamente a gente não consegue fazer as coisas sozinhos, então não é o *Skills* que vai mudar o ensino de inglês do Brasil para todo sempre. E esse também não é objetivo. O objetivo é justamente fazer essa primeira fâisca, entendeu? Então, mostrar para o governo que é possível, enfim, a gente fazer, ter intervenções em todas essas áreas que eu comentei. E tentar de alguma forma suprir demandas em algumas áreas específicas, mas não essa demanda direta e grande que é a questão da educação no Brasil. Isso é uma coisa que se resolve a longo prazo. Não é um milhão e meio de libras e três anos que vão conseguir resolver esse problema macro. Mas eu acho que ele supre uma demanda menor.

**Orador 2**

Mas que consegue no futuro, dependendo de como for usado, dependendo do que o governo brasileiro for fazer com tudo isso, suprir uma demanda macro porque no fim do dia a gente tá. Esses programas, eles estão entregando muitas coisas para o governo brasileiro, né?

**Orador 2**

Só que o governo brasileiro precisa pegar essas coisas que a gente tá entregando e tomar ações com elas. Não adianta eu entregar, dois milhões de materiais didáticos para o governo de São Paulo se o governo do estado de São Paulo falar, decidi que eu não vou usar.

**Orador 2**

Entendeu? Por isso que essa questão da demanda é um pouco mais delicada, porque não é, não é gente sozinho que vai conseguir resolver isso, mas eu acho que tem que tem potencial sim. Eu acho que com certeza tem um impacto muito positivo.

**Orador 1**

Em termos de vantagem para o Reino Unido e para as prefeituras, o que você enxerga da adoção desse projeto?

**Orador 2**

Eu acho que em termos de vantagens para as prefeituras, obviamente, é o fato de que a gente está, a gente não cobra por isso, né? Então, na verdade, é um apoio que está vindo do Reino Unido. O Reino Unido é referência em ensino de inglês, né? Obviamente .

**Orador 2**

A então a grande vantagem é essa. A gente está entregando materiais didáticos, entregando a plataforma de ensino de inglês e, enfim, todas essas coisas que a gente entregou, que a gente tá entregando para as prefeituras gratuitamente, não é? Então eu acho que a grande vantagem é essa.

**Orador 2**

Para o Reino Unido, Bom, quando a gente fala de programas de desenvolvimento especificamente programas financiados com ODA, esses programas, as vantagens para o Reino Unido. A gente chama de secundários, é o que a gente chama de secondary benefits.

Orador 2

O impacto maior é o país que está recebendo esse dinheiro. Obviamente vão existir impactos secundários. Então através da melhoria do ensino do inglês, por exemplo, é possível atingir outros impactos tanto, por exemplo, impactos comerciais, é possível atingir através do trabalho com *Skills*. Não vou saber te falar as especificidades técnicas, porque não trabalhei especificamente com esse Programa, mas é isso, fica muito claro não só no SFP mas em outros programas que parcerias comerciais, então, muitas vezes programas, eles conseguem indiretamente, causar um impacto secundário mas que vai gerar vantagens para o Reino Unido. Vantagens econômicas, vantagens comerciais.

**Orador 2**

Mas obviamente, o foco não é esse. Mas obviamente todo o impacto, todo o impacto, enfim, que foi gerado pro Reino Unido, é muito positivo.

**Orador 1**

Considerando que já existem outras iniciativas parecidas, em termos de divulgação de cultura e idioma, o Reino Unido não foi então pioneiro. Você acha que o Governo britânico entende o programa como inovador e importante nos engajamentos do Brasil nessa pauta? ou se ela já não tem tanto espaço na pauta prioritária da diplomacia. E em que medida esse programa seria inovador,

**Orador 2**

Bom, se você me pergunta se o programa é uma prioridade para o Reino Unido, a gente sabe que o programa foi no Brasil encerrado agora no último dia 31 de março.

**Orador 2**

Uma das grandes prioridades do Reino Unido com certeza é a educação inclusive lá fora. Então a educação é sempre uma prioridade.

**Orador 2**

Eu acho que o programa é inovador, assim como os programas, acho que o fundo do *prosperity fund* era muito inovador nesse sentido.

**Orador 2**

Eu acho que o Reino Unido enxerga sim o papel da da importância da educação, a importância de ter engajamento e de ter esse esse papel com Brasil, na questão da educação. Né parcerias com universidades que são feitas através do departamento de comércio. Enfim, outras áreas estão, com certeza. Eu acho que a educação é uma prioridade.

**Orador 2**

O SFP, ele foi aí, só que aí você me pergunta, e se é uma prioridade porque o *Skills*, foi descontinuado. Ele foi descontinuado porque o ODA foi reduzido. O Reino Unido reduziu ODA de pro mundo todo e, obviamente, os países prioritários acabam não sendo países da América Latina, né? Então esse dinheiro acaba indo muito para a paz do Oriente Médio. Países da África, principalmente agora Ucrânia. Então eu acho que essa essa finalização dos *Skills* não significa que o programa deixou de ser importante.

**Orador 2**

Eu não acho que essa área da educação deixou de ser importante para o Reino Unido, pelo contrário, eu. Acho que é sim prioridade. Inclusive, no Brasil, é, e agora, com o fechamento do *Skills*, tenho certeza que a gente vai começar a procurar outras maneiras de ter um impacto positivo nessa área aqui.

**Orador 1**

Você enxerga que o programa é uma forma dos britânicos exercerem *soft power* no Brasil? E se ele faria parte de alguma diretriz de desenvolver *soft power* no resto do mundo.

**Orador 2**

É que a gente, aqui no Brasil a gente tem o *British Council* que é especificamente focado nessa questão de promoção de inglês, promoção de cultura britânica, promoção de enfim, cinema, música, etc.

**Orador 2**

Eu acho que na questão do *soft power* que acaba sendo obviamente uma medida *soft power*. No sentido que o inglês é a língua do Reino Unido então indiretamente acaba que a partir do momento que você tá promovendo inglês tá promovendo a língua do Reino Unido isso acaba sendo em alguma medida *soft power*. britânico Não sei se eu diria que existe uma diretriz mundial para *soft power*. Não sei se eu tenho como responder isso, acho que eu não tenho o arcabouço, o conhecimento a fundo necessário para isso.

**Orador 2**

Mas eu acho que nessa questão de *soft power* acaba sendo algo que é muito mais exercido pelo *British Council* do que pelo SFP, porque o *Skills* fim do dia, ele era um programa de desenvolvimento social.

**Orador 2**

Ele era um programa específico, que eu falei que tinha pilares específicos para gerar crescimento econômico, inclusive sustentável, reduzir pobreza. Então eu acho que nessa questão do *soft power* se relacionou muito mais com com o *British Council* do que com o *Skills*, mas, obviamente, como a gente tá a partir do momento que você está promovendo o inglês britânico, de alguma forma isso é uma medida de *soft power*, né?

**Orador 1**

Fazendo um balanço geral do projeto, que chegou no final do Brasil. Você enxerga que no longo prazo os efeitos desta cooperação vão ser associados do Reino Unido e vão fortalecer a sua imagem tanto no Brasil como na comunidade Internacional?

**Orador 2**

Eu acho que isso vai depender do Reino Unido, vai depender de como a gente vai administrar o legado deste programa. Ele não foi o único programa que foi finalizado. Como eu falei, a gente finalizou ao longo desse último ano programas na área de saúde, energia e tudo isso. E eu acho que essa questão do reconhecimento do impacto final, né?

**Orador 2**

A gente entregou esse programa agora só que a gente sabe que o impacto disso que a gente entregou agora, ele vai vir lá pra frente e aí você me pergunta, a gente espera reconhecimento? Obviamente o Reino Unido gostaria de ter reconhecimento.

**Orador 2**

Teremos o reconhecimento ?Eu acho que isso vai depender do Reino Unido, da forma como nós o governo britânico aqui no Brasil, vamos gerenciar o legado deste programa. Da forma como nós vamos continuar conversando com as prefeituras, enfim, continuar esse trabalho. E aí eu acho que acaba sendo mais uma questão de priorização, de outras áreas e enfim, funcionários e enfim, outras coisas.

**Orador 1**

Quais são os principais desafios enfrentados na implementação de programas como o *Skills* que são bastante complexos, porque envolvem processos de aprendizagem e como você enxerga que a cooperação pela paradiplomacia pode ajudar a superar esses desafios.

**Orador 2**

Eu acho que eu acho que sim, eu acho que a diplomacia, com certeza facilita suas questões, eu acho que os principais desafios desses programas são justamente na implementação deles, né? Eu acho que primeiramente entender quais são as áreas de impacto, então, se a gente está fazendo um programa que a gente tem intenção de redução de pobreza, gerar crescimento econômico, inclusive sustentável.

**Orador 2**

Entender quais são as áreas, qual, qual que é a área que a gente precisa, que a gente pode tentar intervir, que a gente pode tentar apoiar, por exemplo, no caso do *Skills* obviamente foi feito um grande estudo, enfim, para entender, para até chegar ao a conclusão de que a melhor forma da gente ter um impacto positivo aqui é através de ensino de inglês para ensino fundamental II, apoio a professores e formação de professores, então tudo isso foi definido através de muito, muito estudo e não só estudo, mas muito, muito diálogo com os governos. Não só com as prefeituras, mas com governo estadual, governo federal, tudo isso.

**Orador 2**

Então, eu acho que obviamente, existem desafios no sentido de que tipo, toda vez que um governo muda, né? Então quando muda um prefeito, quando muda um governador, quando o presidente, a gente tem mudanças de prioridade e adaptar esses programas, mas eu acho que a grande questão é que esses programas eles são programas focados, que que são parcerias entre Estados, apesar de o caso específico dos *Skills* as parcerias formais, né? Serem com as



prefeituras no fim do dia, o *Skills*, ele é um programa entre Reino Unido e Brasil. Ele não é uma parceria entre a é primeiro-ministro e Rishi Sunak e o presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, entendeu? Ele não é uma parceria de governos, ele é uma parceria entre Estados, um é, e aí?

**Orador 2**

Obviamente, isso gera desafios toda vez que a gente tem mudanças de Governo para, enfim, seja adaptar, ou seja, manter e encaixar isso nas agendas dessas organizações.

**Orador 2**

Então eu acho que paradiplomacia justamente ajuda no sentido de que no caso dos *Skills for Prosperity* era possível, a gente fazer essa interlocução, não precisava ser com o governo federal, como era ensino fundamental II podia ser com as prefeituras, então que algo muito, muito, muito legal.

**Orador 1**

Muito obrigada. Agradeço muito pela participação.

**APÊNDICE F- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 5 MINISTRA CONSELHEIRA DA EMBAIXADA**

**Orador 1**

Could you state your position and your involvement in the programme?

**Orador 2**

So deputy head of Mission, I think my main involvement in the programme, obviously I came towards the end of the British Government's time with the programme, is around chairing the programme board, to which this programme reports up, and that programme board looks at strategic fit so essentially are we spending our money on the right priorities?

**Orador 1**

What do you think are the main objectives of the Skills of Prosperity project?

**Orador 2**

So obviously I'm not involved in the day-to-day management programme, but I do have the kind of oversight overall. So I would say in terms of vision, what we really wanted for this programme was the long term investment in the policy side, in the public sector, so it all came from a series of conversations before my time that looked at what would be the drivers of

growth in the Brazilian economy and what would be the drivers of greater inclusivity. So that in a nutshell is the prosperity fund.

**Orador 2**

For us, it was very important to be so as part of that, we had quite a lot of research that showed the degree to which English is a significant socioeconomic barrier in Brazil and the other thing about that programme is that it offered a very nice link between Her Majesty's Interests British Council interests and also the roles that British companies could play longer term because the out of our British companies in Brazil, the education offer to Brazilian institutions is one of the stronger offers from the UK and so it brought together all of those areas really nicely.

**Orador 2**

But I would say the top objective on that is expanding capacity and quality of English language teaching and the public's public.

**Orador 1**

From your professional experience, do you see that the international cooperation through paradiplomacy is an efficient instrument for promoting culture, english language and education, and how would you understand this efficiency? Because everyone sees efficiency in their own criteria

**Orador 2**

Well, I would say if you look at the concrete results of the programme, they are quite spectacular in terms of the ownership of the programme. And the way that leaders at state level actually shaped the outcome. So I would say this is one of the more unusual or defining parts of the UK compared to, I don't know, another country leading in quite often.

**Orador 2**

We like to do things in partnership. Everybody says that, but for us it really is important and that you have the input and so a lot of the inputs from that first round then went on to shape for future rounds and I think from memory some of the earlier inputs came from the Northeast. So obviously that's particularly important because generally Northeast is where you have the strongest development indicators.

**Orador 2**

Well, strongest in the terms of the weakest development indicators and the strongest inequalities. So I think the actual hard results of the programme are really good. If you're asking how, how good is it as a vehicle for building up the relationship, I would say it feels

good at the moment. And that it did enable us to build new relationships and we had to be quite targeted in which states we worked with that. But I guess that you know the overall value of that will only become clear over a longer period.

**Orador 2**

But I think as an embassy, we have as a network, we've really valued building up some of those links at state level.

**Orador 2**

I would say everything around the Northeast is particularly important in that from a pure development perspective and I would say the link with the British Council is important because that brings in a whole other suite of support that they can bring as well.

**Orador 2**

So yes, I think so far it feels like it's in the right space to us, but time will tell.

**Orador 1**

So for you, and then the efficiency of the programme is linked to its results to the indicators?

**Orador 2**

Yes. Yeah. And on that, it's got a very strong series of results in terms of its multipliers. But we've got some really good numbers on all of that.

**Orador 1**

Do you see that the United Kingdom could, with the project in fact meet a demand that's not being met by the public policy of the Brazilian government?

**Orador 2**

I think the short answer to that is yes. But quite often it's a very common thing for governments to work internationally in order to be able to develop their policies, so I wouldn't see this as a failure in the Brazilian government side but more an opportunity to be seized, I think there is more that the Ministry of Education can do on the whole internationalization space, but the data is really strong.

**Orador 2**

So to give you an example: something like 85% of all of the scientific research that's published in the world is published in English and so if you only have English taught well in private schools, and I think our latest data shows that only 5% of the population in Brazil feel they speak English to a good level, then you are excluding so much potential talent. And if your objective over a longer term is about creating greater inclusion in that talent, then you have to look carefully at English language.

**Orador 2**

I think it's normal that you would look overseas to get a sense of how other countries are dealing with that, so I see it more as an opportunity to be seized by the government.

**Orador 1**

What do you see as an advantage for the UK and for the Brazilian local governments to make this kind of project or disadvantages if any?

**Orador 2**

So I would say the disadvantage or the challenge is probably the sheer lack of international outlook within the Brazilian education system and obviously the very low levels of English language capability amongst teaching assistants and teachers in the public sector. The advantage is that the UK is recognised in terms of international leadership in education, so there is a chance that the World Education Forum is being held again in the UK and lots of focus on inclusion as part of all of that, I think it's a very timely moment to work with Brazil because post pandemic, almost every large population country is facing the same sorts of challenges in terms of catch up and so having a forum where you can come together and exchange on that, that is very helpful and we see that not just in education, I would say health is the other area where we really see that what they need on health is not necessarily funding from the UK, but policy expertise.

**Orador 2**

I think there is a very important part of this project will be continuing the policy dialogue about what works and what doesn't work, advantages and disadvantages. The UK, obviously UK English language. Yes, I think that comes in quite often quite strongly I would say those are the main ones and probably the disadvantage is the distance.

**Orador 1**

We know that there are other similar initiatives like dissemination of culture by language so the UK is not exactly a pioneer in this kind of situation, but do you see that the Skills project is very important on the UK's agenda of engagement with Brazil or is it more like just another project? And do you see that the Skills is innovative? What would make it that?

**Orador 2**

The UK is a pioneer in this situation, but it does culture in a very different way. We don't believe in a statist approach to culture. So British Councils and arms length body it has the responsibility for promoting cultural educational links and for promoting values, but it doesn't take instruction from the British government, so I can't go and say right you stop doing that,

you need to go and do something else. It is that there are arms length deliberately for that. And I think that's quite a healthy thing. We quite often get quite a lot of feedback. Firstly, it takes people a while to understand how the UK does culture and how the British Council works exactly. People don't often understand that when they do understand it, they tend to really value it. But it takes a bit longer to understand.

**Orador 2**

Final bit of that it is a very bottom up approach to culture. So you'll quite often see British Council supporting artists who are cutting edge and new or educational players who are trying something new. It's a much more experimental space. Because of this arms length thing. Whereas I think if you looked at, for example. France, they would be very much worse on promoting the established brands in culture rather than trying something new, and that's also speaks to British Council's responsibility towards British citizens as well.

**Orador 2**

It has to be able to represent that next generation. In a nutshell, the thinking in the UK is that those cultural exports that are already working well will continue to work well on their own, they're not the ones that need support from an arms length institution. It is the new people and it's the next generation that need the most support.

**Orador 2**

So I'd say the program it is extremely important because ultimately, what the UK is seeking to do through across all of our jets and all of our teams is to work with Brazil, not on this generation but on the next generation coming through to ensure that future generations both have access well generally have access to to more equitable economic growth.

**Orador 2**

And so this is a key tool that works across our political objectives and across our economic ones too, because if you can generate more wealth than the Brazilian economy, well, that would be good for UK and Brazil business as well. But most of it would be good for the UK and Brazil's shared values and political interest. So it is an important intervention, I think some of the innovations around this, the team will know this better than me, but around some of the digital tools that have been used and have been around the way some of the inputs from the first cohorts have been used again to make sure it's genuinely targeted and reflects the realities of things in Brazil, so I would say the other innovation of it is that it's very much owned by the Brazilian partners as well. It's not something that UK is trying to impose from outside.

**Orador 1**

Do you think the project is of the British Government to exert soft power in Brazil and if it's a part of any directives on that?

**Orador 2**

I guess yes and no because it is soft power, but it is also, you know, our day-to-day objectives as well. And it is, you know, some of the funding came from the British Government, but most of it was run by, you know, bodies that are at arms length.

I guess the other important thing to say about this, this partnership too, it was done with the Layman Foundation and that's a very nice other angle to it, because that brings in a whole different set of stakeholders. It brings in a very whole side of philanthropy, it brings in a very strong role that Lemman Foundation has played with the UK in terms of, you know, supporting new governors, new new people in leadership roles and that we've been doing that together and supporting achieving. We've been doing that together for a long time. So that's another innovation of it.

**Orador 1**

Taking stock that the project has now come to an end in Brazil, do you think that the long term effects of this cooperation will be associated with the UK and that that will strengthen his image in Brazil and in the international community?

**Orador 2**

I hope so. It should do, but the challenge for us will be to continue to talk about the programme and to mention, at a political level, so I think still, despite our best efforts on comms, UK is a very good news story in Brazil that not many people know about.

So if you look at what we did on the pandemic, for example. You know that cooperation between it wasn't even necessary, British Government, British institutions and Brazilian institutions, Meant that the AstraZeneca, the Oxford vaccine, came here early. It came at scale. I mean that literally saved thousands. And Brazilian scientists played a really important role in that. So together, UK and Brazil are really useful test beds for each other, but at the moment probably the people that really understand the benefit of this programme will be a series of. Secretaries of education.

**Orador 2**

And then everyone looking at kind of teaching policies, so our job will be to continue to maintain the profile of it both with the Ministry of Education, but also at more senior level.

**Orador 1**

What are the main challenges faced in implementing programmes such as Skills that involve a complex process of learning? And how do you see that? The cooperation through our diplomacy is helping overcome some of those challenges.

**Orador 2**

So I would say the challenges are, I think the biggest challenge overall is time. Just always, everything always takes longer than we think it's going to take. Second challenges around the complexity of Brazilian institutions. So because it's a programme at state level, so at state level you have a whole series of institutions that might be quite different to another state. So working through all of that and then how does the state level speak back up to the federal level if you really want to have impact.

**Orador 2**

And probably bandwidth in terms of the Ministry of Education, particularly coming at a post COVID time when people are necessarily policymakers are need to be focused on what is their immediate priority when you're asking them to look at something like this, which takes you into a much medium or longer term priority, that might not necessarily be at the top.

**Orador 2**

I'm not sure we have done a huge amount to overcome those challenges. Actually, I think many of those speak to some of the complexities of working in Brazil that are well documented. But I think what we have been able to do is build a sort of shared culture and shared understanding with a series of policy makers over this programme.

**Orador 2**

I guess the trick would be if we can continue to use that for other things in the future.

**Orador 2**

But Relations at the sub national level, we do think it's important. I would say some examples from this programme, thinking particularly of by year and Salvador. I would say they've been transformational in terms of the relationship and they fitted very well with, for example, the prefeito and the Governors own agendas as well.

**Orador 2**

And it's been, yeah, it has been very important to be able to go to these states to say we don't just want to increase our political relationship with you, but actually here's something concrete that we're doing on the ground.

**Orador 1**

Thank you so much for your time

## APÊNDICE G-TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 6 GERENTE DE PROJETOS DA EMBAIXADA

### Orador 1

Você poderia falar qual seu cargo e descrever qual o escopo do envolvimento no programa.

### Orador 2

Eu trabalho como gerente de projetos no programa de acesso digital. Então dentro do *Skills* ele entra na parte de educação digital e acesso digital.

### Orador 1

Qual você acha que são os principais objetivos do Skill?

### Orador 2

Bom, os principais objetivos dentro do meu time é a gente é dividido em 3 pilares. O primeiro pilar é coletividade, então é conectar. É, é escolas, conectar municípios, promover o mapeamento e identificar outras iniciativas de financiamento que servem como meio termo para chegar a conectividade. Então a gente trabalha com fazer parcerias com os municípios, identificando possíveis modelos econômicos e possíveis modelos de promoção de conectividade.

### Orador 2

Então a gente apoia tanto no final, quanto incentivar o segundo pilar que é resiliência. A gente trabalha com educação e cidadania digital, então, incentivar o desenvolvimento de capacidades individuais de uso da rede, o uso da rede segura. Então é o objetivo, né seria desenvolver essa capacidade. E o pilar três que é empreendedorismo

### Orador 1

E qual a sua visão sobre geral dos objetivos do Skills no Brasil?

### Orador 2

É de forma geral, eu acho que o maior objetivo é compartilhar conhecimento. Então eu vejo que isso funciona muito bem essa parte de *soft knowledge* de promoção de interesse em diferentes atores, tanto estadual como municipal. Então eu acho que ele tem um papel também muito importante em iniciar um debate de tecnologia, é em setores que normalmente não estariam. Então, por exemplo, a educação e o empreendedorismo. Então eu acho que ele tem esse papel de promover a tecnologia como útil em finalidades diferentes.

### Orador 1



Na sua experiência profissional você acha que a cooperação internacional através da paradiplomacia é um instrumento eficiente para promover cultura e idioma? E qual seria esse seu critério de eficiência? Já que cada pessoa tem um critério diferente.

**Orador 2**

Bom falando em paradiplomacia eu acho que o programa é um bom exemplo disso, mas só deixar claro que a gente acaba ecoando princípios que são utilizados na própria diplomacia do Reino Unido.

**Orador 2**

Então eu acho que sim a paradiplomacia é eficiente, mas a gente tem que lembrar que as diretrizes que ela usa, as ferramentas que usa, o enredo, a narrativa é muito semelhante àquela já adotadas pela diplomacia diplomacia, então eu acho que ela funciona porque tem esse alinhamento e funciona porque, em paralelo, ela permite uma absorção contrária. Então, quando você trabalha com esse programa grande parte da nossa iniciativa é escutar a pessoa final, é escutar o outro lado, o *counter part*, então isso facilita que qualquer engajamento que parte do nosso lado, ele não parte só com o objetivo estatal do Reino Unido aqui no Brasil, ele parte depois de conversas onde você absorve a necessidade do local, absorve a capacidade de atuação desses atores, entrega como se fosse uma oportunidade de cooperação personalizada.

**Orador 2**

Então, é o certa forma um pouquinho mais efetivo, porque tem esse diálogo e esse *two way communication* entre o usuário final, então acho que acaba sendo um pouquinho mais proveitoso por ser personalizado de certa forma, para o contexto que pretende influenciar.

**Orador 1**

Você enxerga como Brasileira, que essa iniciativa do *Skills* está suprimindo uma demanda de política pública que o governo brasileiro não conseguiu suprir.

**Orador 2**

Não, eu não acho. Eu acho que é pelo menos nesse exemplo *Skills* que trabalha com o inglês, com o *British Council*, eu acho que ele venha a propor uma iniciativa que é, sabe, boa se existir mas ela não preenche nenhuma lacuna. Eu acho que é a pode até haver, na minha opinião, um pouquinho de discrepância entre essa oferta e o que o Brasil está precisando do momento.

**Orador 2**

Eu acho que ela poderia tomar formatos um pouquinho diferentes para ter um pouquinho mais de porosidade dentro do contexto brasileiro. Então eu acho que não é tão eficaz quanto

poderia ser. É, mas eu acho que certamente tem um público e o sucesso do projeto e os números, do impacto, vem para sustentar isso, mas eu acho que tem sim um público que está preparado para absorver essa matéria e tem interesse em estar aproveitando o conteúdo, participando das iniciativas. Então acho que tem sim uma demanda, de certa forma, devido ao interesse, mas eu não acho que ela propõe resolver um problema que o governo brasileiro é não resolveu. Então eu acho que não substitui nenhuma forma.

**Orador 1**

Qual você acha que são as vantagens para as prefeituras e para o Reino Unido em estabelecer parcerias como essa, e se você enxerga que exista alguma desvantagem também.

**Orador 2**

Eu acho que sem dúvida tem vantagem. É tem que lembrar que os próprios municípios, estados, eles têm responsabilidades, não é nem que eles têm a oportunidade de atuar, eles têm uma responsabilidade de atuar, então vale ressaltar que o Reino Unido por meio desses projetos, pode atingir a eles como uma oportunidade de *check off*, algo que eles tem que fazer e não só sabe, adentrar em lugares onde tem interesse é um pouquinho mais que isso.

**Orador 2**

Eu acho que, só repetindo um pouquinho do que eu falei, eu acho que engajar com os estados permite que você consiga ter as informações que você precisa para ter uma atuação subjetiva, então, adaptar o projeto para realmente de forma que seja proveitoso.

**Orador 2**

Se vejo alguma desvantagem, é que o Brasil tem que levar em consideração que é um país de tamanho continental, então eu acho que uma coisa que eu não vejo como um problema, mas pode vir com uma possível complicação no futuro, é só pensar no possível impacto que poderia ter sido maior se tivesse a oportunidade de replicar o mesmo esforço em mais de um estado sem ter que necessariamente iniciar uma operação em cada estado diferente, então eu acho que é sempre proveitoso. Você está fazendo essa porosidade porque no final você está mais próximo do usuário final, que é o os professores ou os próprios estudantes

**Orador 2**

Mas ao mesmo tempo, eu acho que fica um pouquinho trabalho de formiguinha e no Brasil, é difícil conseguir atingir um impacto significativo, principalmente quando você considerar que o contexto brasileiro é regional. Então assim, eu acho que às vezes é se você não fizer questão de no seu projeto ter essa essa noção de diversidade, de inclusão, acho que pode ficar um pouquinho *siloe*d, pode ficar um pouco afunilados esforços se você centralizar, por exemplo,

só no sudeste. Então eu acho que é algo só para refletir sobre o sucesso de iniciativas que são tão porosas como essa é.

**Orador 2**

Mas sem dúvida nenhuma eu acho que é o Reino Unido ter essa abertura e até esse interesse está engajando com os atores até menores, como vereadores, prefeitos. Eu acho que sem dúvida nenhuma é bastante proveitoso da ponta deles. Eu acho que dá uma oportunidade de você expor o estado a um tipo de *capacity learning* ou até de cooperação que talvez não existiria se ele dependesse sempre do governo federal para está escoando e tal. Então eu acho que sem dúvida nenhuma é proveitoso e deve existir mais.

**Orador 1**

E pro Reino Unido, você enxerga vantagens de fazer esse tipo de cooperação?

**Orador 2**

Novamente, repetindo só o que eu falei do regionalismo. Para o Reino Unido, se você for pensar em realmente desenvolver um relacionamento, uma cooperação é bilateral com o Brasil, não tem como ignorar o fato que o Brasil, ele é polarizado agora mais do que nunca. Ele tem focos de centralização de poder no país inteiro, e eu acho que quando você tem esse *soft power*, quando você tem essa influência a nível *bottom up* ela reflete em você ter não só um maior conhecimento de quem é, como é a composição do país que você pretende estabelecer maiores relações, mas pode possivelmente refletir até em esferas como o Congresso, como em outras iniciativas.

**Orador 2**

E acho que para o Reino Unido também, só no sentido de *stakeholder mapping*, você está fazendo *ground work*, conhecendo políticos que um dia são vereadores e outros são deputados federais.

**Orador 2**

Eu acho que isso a longo prazo cria uma, como se diz, uma influência que ela se beneficia, se paga no decorrer do tempo. Então, sem dúvida nenhuma essa influência é de contatos, é muito benéfica.

**Orador 1**

A gente sabe que existem outras iniciativas análogas de divulgação de cultura, pelo idioma. então o Reino Unido não é exatamente pioneiro em fazer esse tipo de cooperação. Mas você acha que o governo britânico entende o *Skills* como um projeto inovador e importante na pauta de engajamento para o Brasil?

**Orador 2**

Eu acho que não quanto poderia ter? Quando se compara a esforços tipo Instituto Confúcio tem que lembrar que o instituto Confúcio não só ele, é infinitamente mais amplo, mas ele é infinitamente maior no sentido de financiamento também. E o Confúcio ele tem uma abordagem um pouquinho mais, uma abordagem um pouquinho mais é a longo prazo também. Quando você pensa na presença deles em academia, na presença deles, em centros culturais e, se não me engano, na presença, novamente que eu mencionei regionais, acho que tem mais de 100 centros, né? E eu acho que eles se propõem a fazer uma conexão com o público final, que é muito mais estruturada do que o *Skills*.

**Orador 2**

Eu acho que até o fato de o *Skills* não ter uma casa no Brasil, ou próprio projeto de inglês dele, não ter um *headquarters* dele, não ter talvez um representante específico para isso. Eu acho que isso afeta muito o potencial e até talvez não seja o objetivo do programa em si ter esse impacto nessa proporção.

**Orador 1**

Pro Reino Unido, eu acho que ele tem um papel importante para ele de *check off um box* de investir em educação, então eu acho que isso, ele cumpre a função que o Reino Unido deu a ele de estar fazendo algo um pouquinho mais amplo de agenda, e talvez não tanto de escopo de financiamento um pouco maior é, então eu acho que ele cumpre mais esse propósito de *check of* as agendas que ele queria explorar mais do que servir como ferramenta para aprofundar em cada agenda, na minha opinião.

**Orador 2**

É, eu acho que até mesmo é o financiamento do *Skills*, a falta dele é demonstra que talvez não é uma prioridade.

**Orador 1**

Você acha que os britânicos enxergam o *Skills* como uma forma de *soft power*. E se esse programa está inserido numa diretriz do Reino Unido de como fazer *soft power* em outros países?

**Orador 2**

Eu acho que sim, sem dúvida o *soft power* do Reino Unido ele tem uma nuance, ele não necessariamente cumpre somente um papel, ele não tem só uma cara. Eu acho que ele cumpre sim a função de servir de software aqui no Brasil.

**Orador 2**

Bem, tem que lembrar que é sempre quando você fala de projeto servir como objetivo, você tem que lembrar que o projeto tem várias faces. É tem o *layer* de você poder implementar e atingir uma população de x tamanho e poder falar que você apoiou a população de x tamanho x lugar mas tem também o que a gente fala de *sustainability, de secondary effects*.

**Orador 2**

Então os efeitos secundários, o fato desse projeto existir, ele pode ter um impacto tanto de *policy*, que pode ser sustentável a longo prazo, então você pode fazer um acordo, um memorando de entendimento, ele pode acabar resultando numa parceria, fazer passar uma lei até dependendo de forma extrema. Eu acho que o *Skills*, especificamente tem esse foco em pensar em né ao longo prazo, um pouquinho sem sustentabilidade dessa atuação no Brasil, mas não é não é o objetivo principal.

**Orador 2**

Eu ainda acho que ele serve mais pra poder você demonstrar no Brasil que o Reino Unido se preocupa com essas agendas e deixar aquela impressão no Brasil que você se importa com aquilo e que estaria aberto para fazer coisas semelhantes.

**Orador 2**

Então é mais mesmo pra fazer como se fosse um *Business core* do Reino Unido. Do que isso importa do que de fato ser uma ferramenta final de uma estratégia que propõe sabe, parte de uma estratégia de aumentar a influência em si, então eu acho que é mais um, é como eu disse, é mais um *check off* de parte dos interesses do que necessariamente, uma ferramenta criada para cumprir um princípio x.

**Orador 1**

Fazendo um balanço geral do projeto que chegou ao final, você enxerga que, a longo prazo, os efeitos dessa cooperação vão ser associados ao Reino Unido e que vão fortalecer a imagem dele, tanto no Brasil como na comunidade Internacional.

**Orador 2**

É, tem que lembrar que o *Skills* ele propõe, é apoiar professores, no Brasil vale pesquisar esse dado, se tiver correto. Mas eu escutei isso de um colega da Organização Internacional do Trabalho que 70% dos professores do Brasil não são concursados de carreira, então você está falando aí de uma alta atividade extremamente alta, extremamente. Então acho que pelo fato que o usuário final desse programa é o beneficiário final desse programa são os professores e professor tem essa rotatividade muito grande, eu não vejo o legado desse programa vivendo por muito tempo depois do que ele deixou de existir.

**Orador 2**

Então eu acho que ele não me humilde opinião é que com o passar do tempo, eu acho que não vai ser tão linkados assim ao Reino Unido em si por causa dessa rotatividade.

**Orador 1**

Na sua visão, quais são os principais desafios enfrentados na implementação de programas como *Skills* já que ele envolve processos complexos de aprendizagem de língua estrangeira. E como você acha que a paradiplomacia, pode ajudar a superar nesses desafios.

**Orador 2**

Bom, desafios eu acho que o que eu já mencionei várias vezes, é você conhecer a conjuntura do público que você quer impactar.

**Orador 2**

Por exemplo, qual é a própria relação dos professores com a Secretaria de educação daquele lugar? Qual é a nota? A relação dos professores com os alunos? Qual é o nível de motivação, de incentivo, de avanço de carreira? Então, acho que conhecer esse contexto ele é muito específico e pode ser um desafio.

**Orador 2**

O outro desafio que eu acho que pode existir pode ser interesse. Eu acho que talvez, não falta interesse inicial de procurar um programa como este, mas não tem interesse em finalizar o programa. Eu sei que o nível de evasão é bem grande, né? Então acho que esse pode ser outra questão e tem que lembrar que essa evasão pode ser não voluntária. Então, por exemplo, se não puder dedicar por tarefas, por ser mãe ou pai, é, acho que conciliar pode ser um problema também.

**Orador 2**

Eu acho que sim, o jeito que o Reino Unido faz no engajamento que ele faz questão de engajar e eu muito benéfica é sempre engajar organizações não governamentais ou estatais para estar é conhecendo mais esse contexto, então já apoiando, né, pra você saber, o *lay of the land* pra estar apoiando também para a promoção. Então eu acho que talvez alcança as pessoas que tem interesse, então é organizações públicas ou NGO's, pode estar ajudando com a divulgação desse conteúdo.

**Orador 2**

Eu acho que o estado, o município tem um papel muito grande no que eu falei anteriormente, que é incentivo da promoção de carreira. Eu acho que engajando preparando o solo com a Secretaria de educação, fazendo esse essa venda deste produto, explicando o porquê é

interessante. Eu acho que facilitaria o professor na hora de pedir, talvez para estar se dedicando, para estar participando dessa iniciativa. Então acho que paradiplomacia com os estados e municípios, é importante no sentido de incentivar adesão incentivar incentivo por parte deles mesmo é muito importante.

**Orador 1**

Muito obrigada pela sua participação

**APÊNDICE H- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 7 DIRETORA DO PROGRAMA DE ACESSO DIGITAL DA EMBAIXADA**

**Orador 1**

Poderia falar, qual o seu cargo na organização e qual escopo é o seu envolvimento com o programa?

**Orador 2**

Eu sou Diretora de programas na embaixada, eu trabalho no programa de acesso digital, então gerenciando especificamente o programa específico de inclusão digital. O envolvimento com *Skills* era mais lateral, eu ajudei minha minha colega que gerenciava o programa com algumas coisas e a gente trocou algumas ideias sobre engajamento com os estados, mas nunca trabalhei diretamente com o *Skills*.

**Orador 1**

Como você descreveria os objetivos principais dos *Skills*

**Orador 2**

Eu acho que é um pouco, trabalhar com a inclusão de jovens através do ensino da língua inglesa, usar inglês como agente de transformação mesmo, melhorar o nível de ensino de inglês nas escolas, preparar, capacitar melhor os professores, independentemente da origem deles, e tentar fazer esse nivelamento nacional na agenda de ensino de inglês.

**Orador 1**

A partir da sua experiência profissional. Você enxerga que a cooperação Internacional através da paradiplomacia é um instrumento eficiente para promover cultura, educação? E qual seria para você, o seu critério de eficiência, né? Já que cada pessoa enxerga eficiência de jeito diferente. Acho que sim. Eu acho que é uma triangulação interessante. Assim entre países, não é entre o Brasil. E o Reino Unido?

**Orador 2**

Claro que para o Reino Unido é muito, é interessante poder trabalhar nessa linha de ensino de inglês, né? Porque existe também um valor de mercado atrelado, né? Não só a parte de apoio local não, é redução da pobreza, mas também tem um ganho colateral ali e venda de material didático por exemplo, de até intercâmbio comercial mesmo Brasil e Reino Unido. Então eu acho que é um pacote que funciona para os 2 lados.

**Orador 1**

Então você entende que a eficiência tem a ver com os resultados, né?

**Orador 1**

Você enxerga que o Reino Unido, com essa iniciativa do *Skills*, está suprimindo uma demanda que não foi suprida por políticas públicas do governo brasileiro no campo da educação.

**Orador 2**

Eu diria que sim, né? Eu acho que o *Skills* trabalha muito, isso sim. Tinha muitos professores de inglês que não tinham uma qualificação mínima de Inglês e mesmo assim estavam dando aula, né?

**Orador 2**

Eu acho que pelo tamanho do Brasil, tem um déficit muito grande de formação de professores, né? E o inglês, agora, sendo como uma língua obrigatória, né? As escolas têm professor de inglês, mas necessariamente professor de inglês, está qualificado o suficiente para poder ensinar em sala de aula. Então eu acho que *Skills* vêm nessa contrapartida, assim de trabalhar esse desenvolvimento local e também esses déficits de ensino dos alunos também escola pública.

**Orador 1**

Qual você enxerga que são as vantagens? E se existe alguma desvantagem também, tanto para o Reino Unido quanto para as prefeituras de fazer esse tipo de cooperação.

**Orador 2**

Eu acho que a vantagem é poder se atrelar a um programa que trabalha com grandes organizações locais, então assim, não é um programa desenhado totalmente no Reino Unido, não é o programa do Reino Unido no Brasil, mas que tem a organização local que é especialista no Brasil que está desenhando ele entendeu?

**Orador 2**

Então eles estão recebendo um material de ponta feitos e desenhados exclusivamente para a realidade do Brasil brasileiro, né? De forma gratuita, né?

**Orador 2**



Eu acho que a contrapartida das prefeituras era só imprimir os materiais. Então um tem um custo marginal aí bem, bem baixo, né?

**Orador 2**

Eu acho que talvez, assim, de desvantagem seria um pouco, tem que aceitar, é a imposição de um governo estrangeiro assim, né? Não é um material que veio do governo brasileiro, e isso pode ser um pouco complicado, né? Se você vai pensar nesse nesse tipo de engajamento. Mas é isso o governo britânico não está impondo né? Eles estão lá e fazendo a parceria e os governos locais estão aceitando, né? Então eles aceitam essa troca.

**Orador 2**

Eu acho que pro Reino Unido é isso, assim poder apoiar um país em desenvolvimento como o Brasil, né? É desenvolver esse *soft power* assim, de poder do ensino de inglês, né? É querendo ou não levantar também o ensino de inglês britânico Né? E aqui no Brasil a gente vê que inglês americano é bem mais predominante. Eu acho que essas são as vantagens, as principais vantagens de ter um programa como esse.

**Orador 1**

Existem outras iniciativas análogas também, para divulgação de cultura, a partir do incentivo de idioma. O Reino Unido, não é exatamente pioneiro, mas você enxerga que o Reino Unido entende o *Skills* como programa inovador e importante para eles, ou se ele passa batido em outras iniciativas de engajamento com o Brasil.

**Orador 2**

Eu acho que foi um programa bem inovador mesmo, né? Porque trabalhou nessa área de educação que é uma área prioritária nessa agenda de desenvolvimento E assim, claro que tem muitas outras prioridades, do engajamento do Reino Unido com o Brasil, mas em um contexto que o governo britânico está investindo no Brasil, a fundo como são os fundos ODA, eu acho que faz muito sentido trabalhar nessa área. Educação e ensino de inglês eu acho que é uma boa vantagem para os 2 lados,

**Orador 1**

Você entende o programa como uma forma dos britânicos exercerem softwares no Brasil. E se você acha que esse software faz parte de uma diretriz que o governo britânico estabelece.

**Orador 2**

Então, o objetivo principal do *Skills* não é só *soft power*, né? O *soft power* é um objetivo secundário, né? *Secondary benefit*. Porque é o objetivo principal, sempre foi redução da

pobreza nos países, então, posso dizer que *soft power* é uma consequência não um objetivo principal do programa.

**Orador 1**

Fazendo um balanço geral do projeto, que chegou ao final agora no Brasil. Você acha que no longo prazo os efeitos desta cooperação que foi feita entre Brasil e Reino Unido vão ser associados ao Reino Unido e vão fortalecer a imagem dele na comunidade internacional.

**Orador 2**

Acho que sim. Acho que principalmente nos estados, né? Porque é um programa não é nível federal, é o nível estadual, né? E cada estado que o *Skills* trabalhou, ele fez um acordo de cooperação, então vai ter sempre esse vínculo positivo, né? Com o Reino Unido.

**Orador 1**

Qual você acha que são os principais desafios na implementação de programas como o *Skills*, já que ele envolve complexos processos de aprendizagem.

**Orador 2**

Eu acho que principalmente pensar essas realidades locais, sabe porque o ensino de inglês, pode ser muito abstrato para a maioria dos estudantes, né? Principalmente estudantes de classe mais baixa. E eu acho que a maioria dos estudantes abarcados no projeto, porque é um projeto voltado para escolas públicas, né?

**Orador 2**

Eu acho que a dificuldade também de medir o impacto a curto prazo, né? Isso é um tipo de programa que infelizmente, foi descontinuado, né? Então, seria legal a gente pegar e ficar comparando ao longo dos anos. Ao longo de 10 anos pra ver o real impacto do programa. Eu acho que como teve essa janela limitada de 3 anos de implementação, a gente não consegue acompanhar a trajetória desses alunos, né? Então eu acho que tem essa limitação.

**Orador 1**

Você enxerga que a cooperação através da paradiplomacia poderia, de alguma forma ajudar nestas dificuldades que o programa tem?

**Orador 2**

Eu acho que sim, mas como não tem uma cobrança centralizada, os estados vão acabar focando nas suas prioridades locais, entendeu? Assim, nunca vai ser uma prioridade número um, né? O *Skills*, porque, não é um programa do estado, né?

Orador 2

Acho que quando a gente trabalha com programas tem esse desafio da sustentabilidade também, né? Uma vez que o programa acaba, que o dinheiro acabou. O que vai dar continuidade? Eu imagino que o material vai continuar sendo muito útil para os estudantes ao longo dos anos e para os professores que foram treinados também. Mas assim, em última instância os estados não vão ter tanto esse incentivo, essa pessoa, né, de cobrando e engajando o tempo todo o material.

**Orador 2**

Entendi, muito obrigada pela participação

**APÊNDICE I- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 8 OFICIAL DE ALCANCE EXTERNO PARA O PARÁ DA EMBAIXADA**

**Orador 1**

Qual o seu cargo e qual o escopo do seu envolvimento no programa?

**Orador 2**

Meu cargo é de analista de mudanças climáticas. Dentro do time de clima meio ambiente, da embaixada do Reino Unido e além desse chapéu, eu também sou *Outreach officer* do estado do Pará. Então é com esse segundo chapéu que eu me relacionei com o programa especificamente no Pará.

**Orador 2**

Como você descreveria os objetivos principais dos *Skills* no Brasil?

**Orador 2**

Para mim, é realmente democratizar o ensino da língua inglesa e a gente conseguir, conseguir não, tentar, expandir aquela porcentagem que não é nem dos 5% de proficiência, mas do 1% apenas. Então, se a gente conseguir mudar uma vírgula depois desse um, eu já acho que é um ganho.

**Orador 1**

A partir da sua experiência profissional você enxerga que a cooperação Internacional através da paradiplomacia é um instrumento eficiente para promover cultura e educação? E qual seria o seu critério de eficiência, né? Porque cada pessoa tem uma visão diferente do que ela significa.

**Orador 2**

Acredito que é um meio, eu sou fã de carteirinha número um da paradiplomacia, eu acho que muita coisa se faz através do nível subnacional. Esse é o foco que eu criei dentro do meu cargo, dentro da embaixada, uma coisa que eu gosto muito de fazer. Então, se a paradiplomacia funciona para esses fins? Absolutamente!

**Orador 2**

E como a gente mede essa eficiência? Eu acho que varia de caso para caso, no caso, eu falando com essas duas funções, né? Que são complementares, mas elas também são distintas para essa primeira de clima, absolutamente que é a que eu tenho esse contato mais direto no dia a dia.

**Orador 2**

É, tem coisa, principalmente nos últimos quatro anos, que a gente não conseguia fazer em nível federal, mas não porque a gente não queria, porque o Reino Unido, historicamente, tem uma posição de trabalhar com todo tipo de governo e continuar engajando, independente de ideologia. Ao contrário de outras missões no Brasil. Mas quando a gente não conseguia fazer isso, a gente ia para o subnacional. Então a gente conseguiu muita coisa na pauta de clima, que foi hiper eficiente.

**Orador 2**

A gente conseguiu assinar programas, a gente conseguiu exercer pressão sobre diferentes temas por conta desse engajamento com o estado e com o município, eu acho e porque que eu falo acho, né? Não posso dar certeza porque o Skills, esse projeto acabou de começar no Pará e eu só posso falar, para esse momento, né? Porque eu não estava desde quando ele começou a ser pilotado no Brasil. Então eu não tenho uma visão de quanto por cento, enfim, estudantes, professores foram atingidos. Ou quais são as métricas exatas que são adotadas para medir isso.

**Orador 2**

É, então é uma coisa que eu eu diria que *remains to be seen* mas se seguir os padrões do que já foi observado na minha experiência não tem porque não ser eficiente. Porque a paradiplomacia tem todos os instrumentos e a gente, como o Reino Unido, tem toda a abertura ao meu ver, necessária, para fazer com que os resultados sejam positivos e eficientes.

**Orador 1**

Você enxerga que o Reino Unido com essa iniciativa do *Skills* estaria suprimindo uma demanda de política pública que não está sendo suprida pelo governo brasileiro.

**Orador 2**

Eu acho que não, porque não é nem é isso no meu entendimento que o Reino Unido se propõe ou que deveria ser o papel dele. Eu acho que é um meio excelente de compartilhar conhecimento é literalmente *skills share* né? Então a gente vai usar expertise que a gente tem, não tem como, não tem na língua inglesa, literalmente, a língua oficial do Reino Unido, a gente tem recurso para a área de desenvolvimento, para de de educação, que alguns há alguns eram áreas, né, prioritárias que recebiam um aporte enorme de recursos.

**Orador 2**

Então não tem porque a gente não fazer. Não tem porque a gente não cooperar com o Brasil nesse sentido. Mas essa não é uma responsabilidade que deve recair sobre o Reino Unido ou sobre países parceiros do Brasil. É uma área na qual o Brasil, tendo todo esses laços com diversos países, deve cooperar., deve ver quais são as melhores maneiras de fazer, aprender com as *lessons learned* foram feitas, que apareceram durante esse processo de implementação de entrega desses projetos e, a partir daí, criar as próprias políticas públicas que podem ser criadas também aprendendo com esses outros países. Mas eu não acho que uma coisa substitui a outra, né? Então, o Reino Unido não deve, não se propõe e não deve pegar esse papel para si, porque não cabe.

**Orador 1**

E quais as vantagens que você enxerga para as prefeituras e para o Reino Unido em estabelecer esse tipo de parceria, e se também, você acha que existe alguma desvantagem?

**Orador 2**

Cara, tem muita, muita, muito benefício para a prefeitura, porque assim, quando a gente passa mesmo por uma coisa mais abrangente é de visibilidade política, a gente vai na ordem que a gente até fala federal, estadual e municipal.

**Orador 2**

Então essa ordem às vezes acaba se tornando moda hierárquica mesmo. A gente está falando de aporte, repasse, de repassar recursos. Então, naturalmente, é no Brasil por a gente ter tantos municípios acaba que eles ficam muitas vezes invisibilizados. Eles não têm tantas conexões quanto deveriam ter.

**Orador 2**

Quantos estados têm conexão Internacional. Eu já posso falar de novo, meu trabalho tem muito subnacional. A gente quer, vou usar de novo o estado do Pará, a gente quer chamar o estado do Pará para fazer alguma coisa em Londres.

**Orador 2**

É muito fácil o estado conseguir mandar secretário conseguir mandar o governador e quando a gente entra no nível de prefeito é quase impossível. Eles não têm recursos necessários, permissão, como conectar. E aí são vários. Quais são os prioritários? Isso tudo se deve ao meu ver, sobre uma falta de exposição. É uma falta de conexão. Se a gente não sabe, a gente como Reino Unido, né? Missão aqui, exatamente quais são as cidades prioritárias? Isso, os nossos próprios parceiros que a gente tem, rede municipal mapeadas, mas pode ser que tenha outras cidades ali muito boas, muito avançadas, em temas XYEZ, mas que não são conhecidas por isso, porque não estão na rede de acesso não estão em voga, não estão sendo, enfim, com as conexões certas, *networking*. Isso acontece.

**Orador 2**

Então esse tipo de programa, quando chega nesses locais nunca chega só o programa, não vai chegar ali só material didático, não vai chegar ali, só um link, vai chegar ali uma rede de conexão o *British Council*, vai chegar o UK in Brazil vai chegar é fundação Lemann, vai chegar uma rede de pessoas com as quais a gente coopera.

**Orador 2**

E que vai conhecer o secretário que vai conhecer o prefeito que vai conhecer o chefe de gabinete. Aquela pessoa pode pensar e pode conectar e pode, sabe, criar várias outras redes em outros setores de conexão. Eu acho que essa é a parte mais massa que tem.

**Orador 2**

E a gente (Reino Unido) e a gente é ter essa capilaridade, que é muito difícil, que a gente tenha. A gente sempre pensa é ministério, Ah porque tem algum ministro do Reino Unido, precisa se encontrar com o ministro no Brasil, aí vai para o nível federal. Vez ou outra governador. Mas aí quando chega a gente quer fazer uma visita a uma comunidade, a gente quer conhecer ali na ponta, a gente quer ouvir sobre os impactos no chão. Você consegue isso através das prefeituras, você consegue isso através da capilaridade que você conseguiu construir com a missão.

**Orador 2**

Então, se você não tem essas conexões, você não sabe nem a quem recorrer, então, acho que é um *win-win* muito claro, para os dois lados.

**Orador 1**

E você acha que existe alguma desvantagem ou não?

**Orador 2**

Desvantagem, não. Acho que a única desvantagem não diretamente para quem está envolvido, mas talvez seja justamente para aqueles que ficam de fora, porque são recursos limitados, então são limitados você obviamente vai beneficiar alguns, e eu digo alguns, porque não tem como ser muitos, né? Você precisa, manter um controle de qualidade que você não tem, como só ofertar para todos e isso acaba excluindo outros. Então acho que esse é o *downside* mas é um *downside* assim que é esperado.

**Orador 1**

A gente sabe que existem outras iniciativas análogas em termos de divulgação de cultura através do idioma então o Reino Unido, então não é exatamente pioneiro. Mas você enxerga que o Reino Unido entende o *Skills* como um programa importante na sua pauta de engajamento para o Brasil ou se ele é só mais uma parte da diplomacia que se faz aqui.

**Orador 2**

Eu entendo o que ele entende que é importante, e aí de novo, não tem como não cruzar um chapéu com outro.

**Orador 2**

Agora a gente tá com a ideia da COP 30 que acabou de ser confirmada para acontecer daqui a dois anos, em Belém, e a gente sabe que a região é uma das com maior deficiência de ensino inglês e de comunicação. Não tem como você *host* um evento Internacional mundial dessa escala que vai ter gente literalmente do mundo todo, Um fluxo de conhecimento absurdo e você deixar as pessoas daquela própria região isoladas.

**Orador 2**

Eu não tô nem falando sobre recepção de turismo, que obviamente é muito importante, mas, tipo, lá tem ciência, lá tem gente muito capacitada, que não fala inglês, e aí porque não fala inglês até agora, eles não vão fazer essa troca? Devem! Então, como a gente se conecta. Acho que os *Skills* já tem muito material que pode ser reaproveitado para essa nova realidade. Para esse acontecimento que vai ter daqui a dois anos. A gente tem esse tempo hábil. Você consegue avançar muita coisa em 2 anos, ainda mais com a estrutura que a gente já tem em *place* sabe?

**Orador 2**

Bom, não sei se essa pergunta entra muito por aí, mais um outro, uma coisa que, aí sim, é uma deficiência que eu acho que a gente precisa incorporar, que se conecta tanto com a COP tanto com oportunidade. Dessa coisa de instituto cultural.

**Orador 2**

*Chevening Interview.* Estava lá em Belém para entrevistar e quando você vai andar na Universidade Federal do Pará, eles têm dois corredores internacionais e uma dessas salas a gente usou para fazer entrevista. O que eu já vejo com um sinalizador de que a gente tem boas relações com a universidade e com essa parte Internacional, deles cederem, deles engajarem com a gente.

**Orador 2**

Mas você anda e é isso. Tem o instituto Confúcio, tem ali a sala de estudos, é de língua alemã, tem para Portugal, tinha italiano também. Cadê a sala do UK. Então, por que que a gente não tem uma sala, sendo que as coisas estão abertas, sendo que tem vontade, eu acho que falta de recursos, falta de mais vontade ainda. Eu não sei, mas tem alguma coisa que tem que explicar essa sala ainda não existir, que é uma coisa que parece tão pequena, mas é cara. É muito simbólico, a gente falando do local de produção de ciência na Amazônia. Sabe então, por que que agente não tem um local.

**Orador 1**

Você acha que o *Skills* é entendido com programa inovador e em que medida ele seria?

**Orador 2**

Eu acho que é inovador. No sentido dele se focar justamente nessa, na melhora para professores de ensino fundamental. O que nessa parte eu acho que realmente é uma visão de vamos olhar para a raiz, sabe? Vamos olhar para quem tá ensinando, quem vai ser vetor desse conhecimento. E o que eu via normalmente era muito, sei lá, inglês, para quem acabou de entrar na faculdade e precisa ter o inglês técnico e acadêmico ou justamente inglês, para passar no Enem, inglês, para você aplicar para bolsas ou oportunidade lá fora.

**Orador 2**

Nunca é, ou nunca era, uma visão inglês, porque inglês vai ser importante para sua vida, para sua vida profissional, para sua vida acadêmica e para, você sabe, conseguir melhores oportunidades na vida de maneira geral, então era muito com o objetivo fim, muito limitado, muito pontual, e esse é uma coisa assim para a sua vida, você vai ser um vetor, você independente do que você decida fazer, vai ser um vetor daquilo, então a gente vai investir, é investir nessa educação de base, no ensino fundamental, e eu acho isso fenomenal. Isso pra mim é inovador.

**Orador 1**



Você, como brasileira, acha que os britânicos enxergam o programa do *Skills* como uma forma de exercer *soft power* no Brasil? E se esse programa faria parte de alguma diretriz do Reino Unido de como teria que ser esse *soft power* no exterior.

**Orador 2**

Eu acho que é bem *soft power* e eu não acho que isso seja uma coisa ruim, é? Ou tenha uma conotação negativa, porque faz parte de uma estratégia, todo o país, toda missão tem uma estratégia. É num país, é nem o Reino Unido, nem os Estados Unidos, nem qualquer outro país, vai fazer coisas aleatoriamente, *just because*. Então isso é uma ferramenta. Eu acho que é uma ferramenta muito legal e importante justamente por pensar nas pessoas como ali, aqueles seres humanos, não tipo aquele estudante ou aquele cientista, sabe aquela criança, aquela criança que está aprendendo ali, ela vai ser um vetor e ela vai poder dizer que, não necessariamente ela mas talvez os professores, o material e tal veio do Reino Unido, sabe, ela foi impactada pelo Reino Unido?

**Orador 2**

Isso é um *soft power* do caramba, você aprender com sotaque britânico. Eu não sei você, mas eu sei contar nos dedos e nomear as pessoas que eu conheço, que tem um sotaque britânico, e elas têm orgulho disso. Tipo, é uma coisa legal que é uma dedicação que você coloca ali, sabe?

**Orador 2**

É, de novo no Brasil também *overall* claro, todo mundo tem aquele sotaque ali, latino bem brasileiro, mas é muito mais fácil você ouvir pessoas falando o sotaque americano do que britânico. Então quando você investe em crianças que estão aprendendo, elas vão sair ali com sotaque britânico.

**Orador 1**

Fazendo um balanço geral do projeto que chegou ao fim agora em março, você acha que os efeitos dessa cooperação vão ser associados ao Reino Unido e vão fortalecer sua imagem na comunidade Internacional ao longo prazo?

**Orador 2**

Eu acho que vai ressoar sem dúvida, o que o Reino Unido fez, isso no âmbito doméstico, então, claro, nossos parceiros, todos que ajudam na implementação do projeto, quantas pessoas que estão sendo impactadas por eles, vão falar sobre. É, fica também como lições aprendidas, fica como projeto, como a gente falou pioneiro, o que deu certo e pode ser

aproveitado por outras missões. Outros projetos, outras políticas públicas no Brasil, o que não faz sentido que deu certo o que deu errado?

**Orador 2**

E o que acho que me deixa com dúvida, porque aí falta uma leitura, talvez maior de contexto, é o como isso ressoa para outros países? Porque eu não sei se estou na verdade, não é uma coisa que parece bem bilateral Brasil e Reino Unido, então doméstico eu já falei e no Reino Unido é como eles podem pegar as lições aprendidas no Brasil *reshape* e pensar numa fase dois desse projeto no Brasil ou implementar em outros países? Não é em outras missões, mas por se tratar de uma coisa bem bilateral Reino Unido-Brasil eu não sei o quanto isso chegaria numa discussão ou para deixar o Reino Unido no mapa, enfim, de outros países, sobre educação, sobre desenvolvimento.

**Orador 1**

Para você quais são os principais desafios na implementação de programas como *Skills*, já que ele envolve um processo complexo de aprendizagem? E você acha que a cooperação através da paradiplomacia consegue ajudar a superar alguns desses desafios?

**Orador 2**

Ai que eu esbarro na questão de que acabou de começar a ser implementado no Pará e como eu não estava envolvida no início dos outros estados, eu não sei quais foram os desafios que foram enfrentados. Então não saberia te dizer, agora com certeza se tem alguma coisa para ser mitigada ou melhorada a paradiplomacia é a resposta; é a única, porque você não tem como ser uma Missão Internacional e dialogar diplomaticamente no nível subnacional, sem ser utilizar da paradiplomacia.

**Orador 1**

Muito obrigada pela sua participação.